



**UNIVERSIDADE ESTADUAL
PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA
FILHO”**

Faculdade de Ciências - Bauru



LUAN FICHER SANT’ANA

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E PRAXIOLOGIA MOTRIZ: UMA ANÁLISE DAS
CONDUTAS MOTRIZES**

**Bauru
2023**

LUAN FICHER SANT'ANA

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E PRAXIOLOGIA MOTRIZ: UMA ANÁLISE DAS
CONDUTAS MOTRIZES**

Orientadora: Profa. Dra. Lilian Aparecida Ferreira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Educação Física junto à Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Campus de Bauru, como um dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

**Bauru
2023**

RESUMO

A Praxiologia Motriz está voltada para compreender de que forma as práticas corporais, denominadas em tal matriz teórica de práticas motrizes, se estruturam, dinamizam-se e influenciam os comportamentos dos praticantes. Para essa compreensão, são formulados e definidos diversos conceitos que podem favorecer a atuação do professor de Educação Física, potencializando a organização didático-pedagógica e suas implicações no ensino das diversas práticas corporais. Se por um lado, a teoria praxiológica nos ensina que toda prática corporal, com base em um contrato que a condiciona, circunscreve um conjunto próprio de ações, denominado de ação motriz, há também o conceito de conduta motriz que demarca o sentido personalizado e subjetivo do movimento de cada pessoa ao realizar qualquer que seja a prática motriz. Ainda nesse cenário conceitual, são apresentados e definidos os termos práticas sociomotrizes, ou seja, aquelas nas quais os participantes estabelecem interações entre eles, podendo ser: sociomotrizes de cooperação, sociomotrizes de oposição, sociomotrizes de oposição-cooperação. Desse modo, ao centrarmos nosso olhar para as aulas de Educação Física na escola nos causou curiosidade acompanhar, em um contexto real de ensino, quais eram as implicações para as condutas motrizes dos estudantes quando vivenciavam cada uma das distintas interações das práticas corporais aqui apresentadas. Assim sendo, o objetivo deste estudo foi identificar e analisar as influências de um processo de ensino, orientado por práticas sociomotrizes, nas condutas motrizes de estudantes nas aulas de Educação Física dos anos iniciais do ensino fundamental. A pesquisa, de caráter qualitativo, se orientou pela pesquisa-ação. Participaram do estudo 28 estudantes, sendo 17 alunos e 11 alunas de uma turma do 5º ano dos anos iniciais do ensino fundamental. A coleta envolveu observação sistemática das aulas com base em um quadro de análise, tendo sido realizada em duas etapas, inicial (no primeiro contato com a prática corporal) e final (após algumas vivências da prática corporal). Os resultados nos conduziram a três categorias de análise: 1) Condutas motrizes identificadas nas práticas sociomotrizes de cooperação; 2) Condutas motrizes identificadas nas práticas sociomotrizes de oposição; 3) Condutas motrizes identificadas nas práticas sociomotrizes de cooperação e oposição. Após a realização do processo de ensino com a turma, compreende-se que este influenciou positivamente nas condutas motrizes dos estudantes, pois através dele, os estudantes conseguiram se apropriar de maneira mais concreta de cada prática sociomotriz, refletindo nas condutas apresentadas. Além disso, a influência positiva de um processo de ensino orientado por práticas sociomotrizes nas condutas motrizes dos sujeitos envolvidos, corroboram com o conceito da Educação Física ser considerada a pedagogia das condutas motrizes. Assim, diante de um ensinamento estruturado, em que se faz possível o trabalho abrangente dos aspectos que contemplam a prática, há uma potencialidade de manifestações de condutas ajustadas a partir da sua vivência.

Palavras-chave: Educação Física escolar, Praxiologia Motriz, Conduta Motriz, Processo de Ensino.

ABSTRACT

Motor Praxiology is focused on understanding how bodily practices, called motor practices in this theoretical matrix, are structured, dynamized and influence the behaviors of practitioners. For this understanding, several concepts are formulated and defined that can favor the performance of the Physical Education teacher, enhancing the didactic-pedagogical organization and its implications in the teaching of different bodily practices. If, on the one hand, praxeological theory teaches us that every bodily practice, based on a contract that conditions it, circumscribes its own set of actions, called driving action, there is also the concept of driving conduct that demarcates the personalized and subjective meaning of each person's movement when carrying out any driving practice. Still in this conceptual scenario, the terms sociomotive practices are presented and defined, that is, those in which participants establish interactions between themselves, which may be: sociomotives of cooperation, sociomotives of opposition, sociomotives of opposition-cooperation. Therefore, when we focused our attention on Physical Education classes at school, we were curious to follow, in a real teaching context, what the implications were for the students' driving behaviors when they experienced each of the different interactions of the bodily practices presented here. Therefore, the objective of this study was to identify and analyze the influences of a teaching process, guided by sociomotive practices, on the motor behaviors of students in Physical Education classes in the early years of elementary school. The research, of a qualitative nature, was guided by action research. 28 students participated in the study, 17 male and 11 female students from a 5th year class in the early years of elementary school. The collection involved systematic observation of classes based on an analysis framework, and was carried out in two stages, initial (at the first contact with body practice) and final (after some experiences of body practice). The results led us to three categories of analysis: 1) Driving behaviors identified in the socio-motive practices of cooperation; 2) Driving behaviors identified in oppositional sociomotive practices; 3) Driving behaviors identified in the socio-motive practices of cooperation and opposition. After carrying out the teaching process with the class, it is understood that it positively influenced the students' motor behaviors, as through it, the students were able to take more concrete ownership of each socio-motive practice, reflecting on the behaviors presented. Furthermore, the positive influence of a teaching process guided by sociomotive practices on the motor behaviors of the subjects involved corroborates the concept of Physical Education being considered the pedagogy of motor behaviors. Thus, in the face of structured teaching, in which comprehensive work on the aspects that encompass the practice is possible, there is a potential for manifestations of behaviors adjusted based on their experience.

Keywords: School Physical Education, Motor Praxiology, Motor Conduct, Teaching Process.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Observação inicial das condutas motrizes dos alunos na prática sociomotriz de cooperação.....	42
Quadro 2: Observação final das condutas motrizes dos alunos na prática sociomotriz de cooperação.....	43
Quadro 3: Observação inicial das condutas motrizes dos alunos na prática sociomotriz de oposição.....	43
Quadro 4: Observação final das condutas motrizes dos alunos na prática sociomotriz de oposição.....	43
Quadro 5: Observação inicial das condutas motrizes dos alunos na prática sociomotriz de cooperação e oposição.....	43
Quadro 6: Observação final das condutas motrizes dos alunos na prática sociomotriz de cooperação e oposição.....	43
Quadro 7: Observação inicial das condutas motrizes dos alunos na prática sociomotriz de cooperação.....	50
Quadro 8: Observação final das condutas motrizes dos alunos na prática sociomotriz de cooperação.....	64
Quadro 9: Observação inicial das condutas motrizes dos alunos na prática sociomotriz de oposição.....	68
Quadro 10: Observação final das condutas motrizes dos alunos na prática sociomotriz de oposição.....	81
Quadro 11: Observação inicial das condutas motrizes dos alunos na prática sociomotriz de cooperação e oposição.....	85
Quadro 12: Observação final das condutas motrizes dos alunos na prática sociomotriz de cooperação e oposição.....	98

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1: PRAXIOLOGIA MOTRIZ.....	12
1.1 Elementos gerais sobre Praxiologia Motriz.....	12
1.2 O conceito de Ação Motriz.....	15
1.3 Conceito de Lógica Interna.....	17
1.4 As Práticas Motrizes e o CAI.....	19
1.5 Universais Ludomotores.....	23
CAPÍTULO 2: CONDUTAS MOTRIZES E A EDUCAÇÃO FÍSICA.....	27
2.1 Condutas Motrizes.....	27
2.2 Educação Física como Pedagogia das Condutas Motrizes.....	30
CAPÍTULO 3: TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.....	36
3.1 Abordagem de Pesquisa.....	36
3.2 Tipo de Pesquisa Qualitativa.....	37
3.3 Participantes e Técnica de Coleta.....	38
3.4 Análise de Dados.....	46
CAPÍTULO 4: RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	49
4.1 Condutas Motrizes identificadas nas práticas sociomotrizes de cooperação.....	50
4.2 Condutas Motrizes identificadas nas práticas sociomotrizes de oposição.....	68
4.3 Condutas Motrizes identificadas nas práticas sociomotrizes de cooperação e oposição.....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS.....	106

INTRODUÇÃO

A partir de algumas disciplinas da graduação que abordaram determinados conceitos da Praxiologia Motriz, pude me interessar pela área que estuda a teoria da ação motriz. Assim, pelo fato, da teoria auxiliar na compreensão das práticas motrizes e ajudar a ordenar os conteúdos e objetivos que serão desenvolvidos nas aulas com a escolha das práticas, procurei abranger meus conhecimentos acerca da teoria. Neste processo, pude participar do Núcleo de Estudos e Pesquisa das Abordagens Táticas dos Esportes Coletivos (NEPATEC), grupo vinculado a UNESP de Bauru e que por meio de reuniões discute temas relacionados à Educação Física escolar, além de desenvolver estudos a respeito da Praxiologia Motriz, influenciando em um maior entendimento deste referencial.

Diante disso, me deparei com o conceito de conduta motriz dentro da área, que representa os conhecimentos da organização significativa do comportamento motor, a partir das subjetividades de cada indivíduo diante da realização das práticas motrizes. Assim, esse entendimento, pode favorecer o processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Educação Física, onde ao considerar essas particularidades dos estudantes neste processo, o foco está na conduta motriz. Deste modo, a atenção está no aluno e na contribuição que a Educação Física pode possibilitar na personalidade dos sujeitos envolvidos, considerando assim o aluno como um sistema inteligente que interveem em qualquer situação motriz de maneira global e sistêmica (LAVEGA; ARAÚJO; FRANCHI, 2020, p. 4). Estas questões, mobilizaram a construção da temática deste trabalho.

No ambiente escolar encontramos inúmeros desafios e possibilidades. As aulas de Educação Física, vinculadas a este ambiente, são responsáveis por oportunizar ao aluno vivências corporais que contribuam para a formação de um sujeito autônomo, crítico e consciente.

Desse modo, os objetivos de conhecimento da Educação Física, enquanto componente curricular nas escolas, devem ser ampliados, considerando o duplo caráter

dos conteúdos, um saber fazer e um saber sobre esse fazer, os quais necessitam de tematização sociocultural, com o intuito de que a compreensão da significação imposta pelas formas de movimento, seja clara para os alunos, problematizada e transformada de acordo com os diversos contextos nos quais as práticas motrizes serão vivenciadas por eles (BRACHT, 2010).

A Educação Física, apresenta uma extensa gama de conteúdos, a partir do seu papel como componente curricular, envolvendo, ao longo do tempo: os jogos, as brincadeiras, os esportes, as lutas, as danças, a ginástica, as práticas corporais de aventura e as demais unidades temáticas que englobam esse universo.

A partir de um olhar da Praxiologia Motriz, elaborada por Pierre Parlebas (1987), se estuda a teoria da ação motriz, na qual se compreende de que forma as práticas corporais se fazem estruturadas, dinamizam-se e influenciam os comportamentos de seus praticantes. O entendimento destes aspectos pode favorecer a atuação do professor de Educação Física, potencializando a compreensão dos contextos em que estamos inseridos e a estrutura das práticas desenvolvidas nesses ambientes, além das relações estabelecidas pelos estudantes diante da vivência corporais dessas práticas.

O foco que emerge dessas análises visa, segundo Parlebas (2001), a compreensão da lógica interna das práticas corporais, ou seja, os regimentos que governam essas práticas, destacando a conduta motriz como um aspecto que confere ao praticante certo grau de autonomia para alterar essa lógica interna.

Assim, a conduta motriz, refere-se à manifestação pessoal que cada indivíduo confere ao seu modo de expressar a prática corporal, realizando-a através de um gesto particular, uma especificidade de sentimento frente a determinado movimento.

Em decorrência a isso, as condutas motrizes, por sua vez, representam elementos internos da pessoa que está em ação, carregadas de significado. Elas constituem o reflexo singular da atuação do indivíduo, revelando-se de maneira única e pessoal, permeada por um propósito e uma intenção subjacentes. Portanto, o conceito de conduta motriz representa o elemento comum em todas as práticas motrizes integradas no âmbito da Educação Física. Cada jogador desenvolve uma abordagem única e singular na interpretação e execução das ações motrizes durante o jogo, refletindo suas características distintas. Além disso, é reconhecido que cada prática possui suas

próprias e distintas características, resultando em condutas motrizes particulares e singulares para cada pessoa envolvida na prática (RIBAS; OLIVEIRA, 2015).

Ainda nesse cenário conceitual, são apresentados e definidos por Parlebas (2001) os termos práticas sociomotrizes, ou seja, aqueles nos quais os participantes estabelecem interações entre eles (FERREIRA; RAMOS, 2017), podendo ser:

1) sociomotrizes de cooperação: a interação está voltada para se alcançar um objetivo comum;

2) sociomotrizes de oposição: a interação está voltada para superar o oponente;

3) sociomotrizes de oposição-cooperação: ocorrem em situações de confrontos entre grupos, dinâmica bem conhecida entre os esportes coletivos, ou seja, dentro de uma equipe se busca cooperar em prol do ponto ou do gol, já na interação com os adversários, a expectativa está em superá-lo.

Tendo em vista que a Praxiologia Motriz apresenta esses relevantes conceitos para um melhor entendimento das práticas motrizes, bem como, considerando que o ensino da Educação Física se dá pelas/através das práticas motrizes, salienta-se a necessidade de estudos e pesquisas vinculados a essa área. Além disso, esse olhar parece contribuir com uma Educação Física que vá muito além de conteúdos repetitivos e sem contextualização.

Dito isso, faz-se necessário a compreensão de tais conceitos para que as ações didático-pedagógicas realizadas pelo professor de Educação Física caminhem no sentido de contribuir com a formação dos estudantes, caminhando na construção do respeito mútuo entre os alunos; da compreensão das particularidades de cada aluno; no engajamento nas atividades propostas; na escolha de estratégias de ensino e de aprendizagem, tornando o ambiente da aula democrático e inclusivo.

Segundo Parlebas (1996), a partir da Praxiologia Motriz, a Educação Física pode ser difundida como a educação das condutas motrizes, uma vez que os alunos, através de seu papel de protagonista nas aulas, participam de experiências formativas por meio de diferentes condutas motrizes, referente ao comportamento motor dotado de significado (ARAÚJO; FRANCHI; LAVEGA, 2020).

Desse modo, ao centrarmos nosso olhar para uma Educação Física que proporcione um ambiente que contemple práticas sociomotrizes nas quais os estudantes

desfrutem de interações cooperativas, opositivas e cooperativas-opositivas, vislumbra-se uma oportunidade de melhor entender essas condutas motrizes na relação com essas práticas.

Assim, o objetivo deste estudo foi identificar e analisar as influências de um processo de ensino, orientado por práticas sociomotrizes, nas condutas motrizes de estudantes nas aulas de Educação Física junto aos anos iniciais do ensino fundamental.

Portanto, este trabalho buscou elaborar uma proposta de ensino selecionando uma prática sociomotriz de cooperação; uma prática sociomotriz de oposição e uma prática sociomotriz de cooperação e oposição, sendo realizada uma observação sistemática, com o uso de um mesmo quadro de análise, em duas etapas: 1) avaliação inicial das condutas motrizes dos alunos participantes dessas práticas em um primeiro momento; 2) avaliação final, realizada após o ensino e vivência dessas práticas sociomotrizes para que pudessem aprender com maior propriedade sobre cada uma delas. O quadro de observação continha elementos das condutas motrizes que foram observadas na realização das três práticas sociomotrizes pelos alunos, sendo orientado pelas condutas motrizes ajustadas; desajustadas; perversas e de pacto.

Desta maneira, o texto que aqui se apresenta foi organizado da seguinte forma:

Nos dois primeiros capítulos foi trazido um suporte teórico para o trabalho, assim, no capítulo 1 a temática abordada foram os elementos gerais que compõem a Praxiologia Motriz, sendo incorporados os conceitos das ações motrizes; a relação da lógica interna das práticas motrizes; como o sistema de classificação dos jogos e esportes acaba sendo organizado; além das propriedades dos sistemas ludomotores. Já no capítulo 2, foram exploradas as questões correspondentes às condutas motrizes, assim como, a importância da Educação Física, entendida como a pedagogia das condutas motrizes.

A trajetória metodológica caracteriza o capítulo 3 e destaca as abordagens da pesquisa, seu tipo, os participantes do estudo, as técnicas de coleta e como a análise dos dados foi organizada.

No capítulo 4 são apresentados os resultados e as discussões com a literatura sobre o assunto, tendo sido organizado com base nas condutas motrizes manifestadas pelos estudantes no desenvolvimento das práticas sociomotrizes articulado ao processo de ensino desenvolvido.

As considerações finais encerram a pesquisa, sinalizando para as interações de um processo de ensino estruturado por práticas sociomotrizes na relação com as manifestações das condutas motrizes dos estudantes no seu desenvolvimento.

CAPÍTULO 1

PRAXIOLOGIA MOTRIZ

A Praxiologia Motriz baliza este trabalho, constituindo o suporte teórico do mesmo, por isso, este capítulo foi construído em torno dos conceitos-chaves da teoria praxiológica, a saber: ação motriz, lógica interna, práticas motrizes e o CAI, universais ludomotores.

1.1 Elementos gerais sobre Praxiologia Motriz

A Praxiologia Motriz, constitui-se, segundo Parlebas (2001, p. 354) como: “ciência da ação motora e especialmente das condições, modos de operação e resultados de seu desenvolvimento”.

Segundo Ramos e Ferreira (2017, p. 17), “[...]a Praxiologia Motriz refere-se a uma área epistemológica criada pelo francês Pierre Parlebas (1987), na década de 1960, tendo como objeto de estudo as ações motrizes”. Portanto, volta-se para compreender como as práticas motrizes são estruturadas, se dinamizam e influenciam aqueles que as praticam.

A Praxiologia Motriz é denominada como a Teoria da Ação Motriz, que se manifesta a partir e do conceito de “ato unidade”, no qual é ligado o ator social e a ação como proposta de estudo pautado na Sociologia. O conceito de “ato unidade” foi formulado pelo sociólogo Talcott Parsons que procurava criar um objeto de estudo da Sociologia, viabilizando-a como uma ciência geral da ação social. “A partir disso, Pierre Parlebas elaborou o conceito de ação motriz com o propósito de estabelecer critérios de entendimento no campo da motricidade, sendo esse o objeto de estudo da Praxiologia Motriz” (PARLEBAS citado por RIBAS *et al.*, 2019, p. 4).

Sendo assim, o foco destas reflexões e análises, centra-se no que Parlebas (2001) denominou por lógica interna das práticas motrizes. Deste modo, a ideia principal da Praxiologia Motriz é explicar as ações humanas por meio da compreensão da estrutura interna das práticas corporais.

A Praxiologia Motriz busca estudar as ações motrizes que afloram a partir de determinada situação esportiva ou lúdica, como resultado da complexa trama de relações entre os participantes, independentemente de quem sejam estes. Esta disciplina acadêmica deseja definir uma região epistemológica nova no cenário das práticas físico-esportivas, pois neste campo de conhecimento não há outra disciplina que apresenta a investigação do esporte como fenômeno de caráter ôntico. A averiguação e a análise executadas nos jogos e esportes por esta nova disciplina, acontece diante de outro prisma, sendo de interesse e atenção outra ordem de problemas. Assim, evidenciamos a pertinência da Praxiologia Motriz em sua originalidade, além da necessidade de propiciar o tipo de conhecimento necessário sobre o esporte, não formulado por outra disciplina científica (LAGARDERA; LAVEGA, 2003).

A Praxiologia Motriz, é marcada pelo compromisso com o registro sistemático, a análise e o estudo das ações motrizes, além dos distintos modos de funcionamento e o resultado dessas ações motrizes. Pierre Parlebas precisou fundamentar seus conhecimentos iniciais em outros estabelecidos, por este motivo seus postulados, fundamentam-se na teoria da ação, na teoria dos jogos e no paradigma sistêmico estrutural (LAGARDERA; LAVEGA, 2003).

Os princípios epistemológicos nos quais a Praxiologia Motriz se baseia, levam em conta, segundo Lagardera e Lavega (2003), que todo jogo esportivo concebe um sistema praxiológico. Deste modo, para a concepção de sistema faz-se necessário o entendimento de que a realidade, em sua totalidade, constitui-se de maneira interativa e complexa, na qual o sentido mostra-se nítido quando opera como um todo. Os sistemas são formados por uma quantidade de componentes responsáveis em relacionar-se entre eles, sendo que o sistema não se define puramente pelas particularidades de seus componentes, mas por originar diversas propriedades que não são capazes de serem incumbidas a nenhum componente específico. Qualquer que seja a alteração nas características de certo componente há influência sequencial na totalidade de operação do sistema.

Assim sendo, qualquer modalidade esportiva ou lúdica pode ser contemplada a partir de um sistema praxiológico, pois dado componente e os riscos apresentam características peculiares. Além disso, as relações experimentadas perante a vivência

marcam o praticante de forma significativa, devido ao fato de que se condicionam entre si através de uma ordem e hierarquia, sendo estes processos fundamentais para acarretar no funcionamento do sistema de maneira integral. Portanto, a cadeia de relações intra-sistêmicas, como as binárias, em tríades e as envolventes, além de suas características, a hierarquia, a ordem e a prioridade, representam a estrutura do sistema. Desse modo, um sistema estabelece um processo assimilado como totalidade, já a estrutura representa a ordem própria na qual os componentes do sistema se estabelecem e se relacionam. Um sistema é concebido como um modelo responsável por revelar a realidade, porém não pode ser confundido com a própria realidade. Por isso, aquilo que se realiza, aquilo que se configura perante nossa realidade, não representa o sistema, o modelo abstrato, sendo suas propriedades emergentes, aquilo que produz como sistema, representado pelo seu produto (LAGARDERA; LAVEGA, 2003).

Ao assistirmos um jogo do futebol, aquilo enxergado, apresenta-se como opostos modos de ações executadas por seus jogadores participantes, pois certas ações são próprias do jogo pelo fato de se articularem ao sistema praxiológico conhecido como futebol. Quando essas ações emergem, mostram-se de maneira estabelecidas, como chutar, driblar, conduzir a bola com os pés ao correr, passar, evitar perder a bola para um jogador da equipe adversária, representam ações do jogo consideradas próprias do futebol. Além disso, de maneira conjunta com essas ações, podem se dar outras ações, porém, não são consequência direta do próprio jogo, como se hidratar, insultar o árbitro, machucar o adversário, chamar os companheiros, mostram-se como ações referentes às particularidades dos jogadores, mas não propriamente do jogo (LAGARDERA; LAVEGA, 2003).

Deste modo, podemos perceber que todas e cada uma das ações do jogo podem acontecer e serem executadas, e, portanto, sucede, a maneira particular de vivenciar o jogo de cada jogador. Na ação de cada jogador origina-se simultaneamente diversos fatores dissociáveis ao jogo, mas associáveis ao jogador, a sua história individual e a certa circunstância, representando o momento atual do jogar deste jogador (LAGARDERA; LAVEGA, 2003).

Sendo assim, as ações próprias do jogo e as ações referentes àquelas vivenciadas no decorrer do jogo são verificáveis perante a observação empírica. Entretanto, a estrutura que rege as relações do sistema permanece encoberta ao observador, em relação àquilo propriamente verificável. As relações mostram-se na configuração de condições que determina as características dos componentes de certo sistema praxiológico, além da maneira que os indivíduos irão interceder diante deste sistema. Porém, as convenções incorporadas no regulamento não determinam todas e cada uma das ações do jogo, mas indicam as condições necessárias para tornarem possíveis, para que alcancem certa expressão prática, sendo estabelecido determinado modo de se jogar (LAGARDERA; LAVEGA, 2003).

Portanto, cada sistema praxiológico adquire sua singular ordem por meio de uma estrutura única, da qual se possa vir a descender um arranjo interno, determinada lógica, a partir da qual a totalidade das ações do jogo estabelecem sentido. Para que determinada sequência de ações possa iniciar e se desencadear de determinada maneira, necessitamos seguir a lógica interna da prática, por isso, todo jogador, independente do seu nível de destreza, categoria em que se encontra e condição física, precisa se adaptar a essa condição permanente. A partir da forma que essa adaptabilidade se faz presente, torna-se possível depreender o nível de competência do indivíduo perante o jogo (LAGARDERA; LAVEGA, 2003).

Deste modo, a Praxiologia Motriz enfoca seu interesse disciplinar nas ações do jogo, no chute, no passe ou no drible, não na forma concreta de realizar as ações, representadas pelas individualidades próprias de cada jogador. Entretanto, ao dirigir-se à gramática do jogo identifica-se leis internas que governam sua dinâmica, a maneira genérica de jogar, de tornar-se real e prático, a partir das condições em que todos os jogadores necessitam se encaixar. Sendo assim, os sistemas praxiológicos carregam essa gramática, a sua lógica interna, mesmo que aquilo que observamos correspondam às ações vivenciadas pelos jogadores, tais ações seguem seus princípios (LAGARDERA; LAVEGA, 2003).

1.2 O conceito de Ação Motriz

Pierre Parlebas (1981, p. 1) define ação motriz como sendo: “[...] o processo da adaptação das condutas motrizes de um ou de vários sujeitos ativos em uma situação motriz determinada”. O autor ressalta o poder restritivo das condições estabelecidas pelo próprio jogo, exigindo dos participantes o ajuste de suas condutas particulares às especificidades do jogo. Assim, ao modo que um jogador alcança tal questão, é ampliada as possibilidades do mesmo em render nesse jogo. Além disso, as regras preconizam as condições nas quais surgem as ações de certo jogo, podendo ser elencadas de maneira finita. Sendo assim, as ações estão dispostas, em sua potencialidade, descritas nas leis do jogo, aguardando que os jogadores deem vida a elas, colocando-se à disposição de suas condutas motrizes singulares. Portanto, a ação é constante e a conduta é flutuante e individual (LAGARDERA; LAVEGA, 2003).

A Praxiologia Motriz direciona seu foco disciplinar para o estudo científico das ações motrizes que caracterizam as propriedades emergentes dos sistemas praxiológicos e afloram resultantes de tais sistemas. Por estarem representadas por uma determinada estrutura, elas adquirem uma ordem concreta e, por esta razão, se estabelecem como a unidade básica de análise praxiológica, correspondendo à manifestação do sistema em sua complexidade operante e suscetível de serem examinadas por meio de constante estruturais (LAGARDERA; LAVEGA, 2003).

Assim, mostra-se como o processo de adaptação das condutas motrizes de um ou mais sujeitos ativos, em determinada situação motriz, consiste em todos os movimentos, independente de seus executores, executados perante a prática de um jogo ou esporte, os quais são determinados pelas regras e normas de funcionamento da atividade (PARLEBAS citado por OLIVEIRA; RIBAS, 2010).

Deste modo, as ações motrizes, encontram-se inscritas nas normas de funcionamento de cada jogo ou esporte (contrato lúdico), sendo neste momento que Parlebas (2001) diferencia a ação motriz de qualquer outro movimento. Logo, a retirada de areia do rosto durante uma partida de vôlei de praia, apresenta-se em diversos momentos como crucial para o desempenho do atleta, sendo que, quando não realizado tal movimento, isso poderá atrapalhar as ações seguintes do jogador, porém, perante a concepção praxiológica, este movimento não é considerado uma ação motriz, pois não está previsto na dinâmica de funcionamento do jogo. Em contrapartida, saltar e bloquear

a bola são situações motrizes que esta prática nos revela. “São as ações motrizes, responsáveis por emergir diante do sistema praxiológico, relativas às suas normas, que interessam à Praxiologia Motriz” (RIBAS, 2010, p. 242).

A ação motriz, neste caso, mostra-se como um espaço social menos complexo que a ação social, quanto a sua organização, pois se refere a uma situação social específica, no caso, o jogo esportivo, assim como qualquer outra prática corporal. Além disso, Parlebas realizou um recorte ainda maior, no momento em desenvolveu instrumentos de análise desse contexto social, visando desvelar a lógica interna, evidenciando as ações motrizes que sucedem a partir das regras das práticas corporais. Aspecto que culminou com a elaboração da gramática das práticas corporais (RIBAS *et al.*, 2019).

1.3 Conceito de Lógica Interna

A lógica Interna de determinada prática corporal apresenta-se como o sistema dos recursos pertinentes de uma situação motriz e das consequências que implicam para a realização da ação motriz correspondente, conectadas diretamente ao sistema de obrigações que comandam os meios de interação, estando presentes na origem das modalidades esportivas desenvolvidas ou nos jogos, deixando claro sua pertinência praxica (PARLEBAS citado por SOUSA, 2017).

De acordo com Parlebas, a lógica interna é o “[...] sistema de características pertinentes de uma situação motriz e de suas implicações para a realização da ação motriz correspondente” (PARLEBAS, 1999, p. 302). Portanto, essa ideia aponta que as formas de atuações em cada prática corporal estão previstas nas regras, ou seja, as ações motrizes ou as técnicas corporais surgem desse sistema regulamentar. Desse modo, as regras do jogo designam o local, o material, o tempo e os modos de interação com o(s) objeto(s), espaço e com os outros participantes (companheiros e/ou adversários). Assim, “[...] as práticas corporais se constituem em manifestações culturais da humanidade, sistematizadas a partir de regras, sejam elas institucionalizadas ou não” (RIBAS *et al.*, 2019, p. 5).

Parlebas (2001) define a lógica interna como sendo um conjunto de características que acarretam consequências na realização das ações motrizes. Além disso, Lagardera

e Lavega (2003) complementam que a lógica interna consiste em todas as prescrições, condições e relações que poderão ser estabelecidas em um jogo.

Dito isso, a ação motriz refere-se a uma situação social específica de um jogo ou modalidade esportiva, uma vez que a situação fica mais característica, pois este objeto está atrelado à lógica interna, responsável por inscrever e determinar as ações motrizes, em virtude aos regulamentos ou regras da atividade. De acordo com esta questão,

Ainda que sua ordenação de gêneros tenha bases em conceitos psicossociais (cooperação, oposição, inter-relação com o meio físico) e socioculturais (institucionalização, regras, organização oficial, competição), a ação motriz só se explica pela sua lógica interna (RIBAS, 2010, p. 242).

Portanto, a lógica interna corresponde a chave do jogo, título de capítulo da obra de Lagardera e Lavega (2003), constituindo-se em outro relevante caminho para esclarecer esta temática. Torna-se possível afirmar que a Praxiologia Motriz é o estudo da lógica interna dos jogos e esportes por meio das regras ou normas de funcionamento. Sendo que, “[...] a função dos elementos de análise da Praxiologia Motriz, mostra-se em desvelar o mundo dos jogos e esportes a partir da compreensão da essência da lógica interna representadas pelas ações motrizes” (RIBAS, 2010, p. 242).

A Praxiologia Motriz reconhece que qualquer prática ou jogo pode ser contemplado como um sistema praxiológico (PARLEBAS, 2001). Consequentemente, cada jogo delibera uma lógica interna ou carta de identidade que o caracteriza e exige que qualquer pessoa deva relacionar-se com os outros participantes, com o espaço, com o material e com o tempo. Assim sendo, estes quatro elementos da lógica interna estão determinados pelas regras do jogo, ou seja, as condições associadas aos direitos e proibições que qualquer jogador deve respeitar (LAVEGA; ARAÚJO; FRANCHI, 2020).

Conhecer a lógica interna e o padrão de organização de qualquer prática motriz, que está oculto ao mero observador, torna-se uma questão de primeira instância para aquele que trabalha diretamente com a prática motriz, pois a análise prévia de qualquer situação motriz permitirá programar sua ação de modo coerente e eficaz. A lógica interna é a questão central a ser elucidada pela teoria praxiológica. Assim, “[...] todas as situações motrizes possíveis são portadoras deste esquema básico de comportamento, uma espécie de filtro oculto que faz possível que as ações emergentes tenham uma ou

outra característica distinta” (LAGARDERA; LAVEGA citados por LAVEGA; ARAÚJO; FRANCHI, 2020, p. 4).

1.4 As Práticas Motrizes e o CAI

Qualquer disciplina acadêmica que apresenta o intuito de produzir determinada fundamentação científica, diante do seu objetivo de estudo, necessita intencionar tal questão, por meio de um problema de extrema prioridade em relação a classificação em grupos homogêneos das diversas expressões, no qual seja possível visualizar o fenômeno estudado. Portanto, o estudo da ação motriz, compreendido como resultado perceptível que surge das diferentes situações motrizes, precisa estar contemplado por propostas lógicas, rigorosas e coerentes no momento de discriminar e sistematizar as práticas em categorias uniformes (LAVEGA citado por RIBAS, 2008).

Para desvendar o repertório motor que as práticas motrizes oferecem, torna-se necessário conhecê-las e reconhecê-las. Deste modo, qualquer tentativa em classificar as práticas motrizes precisaria se amparar em uma sólida construção teórica e científica. Portanto, tal afirmação, refere-se à certa ausência de contribuições rigorosas, que se apoiam e tenham seguido o método científico acerca desta tarefa de apresentar uma proposta tipológica das atividades física, esportes e jogos (LAVEGA citado por RIBAS, 2008).

Além disso, torna-se essencial considerar que o universo dos jogos, das práticas motrizes e dos esportes, mostra-se extremamente variado, além de inesgotável. Desse modo, faz-se equivocado a realização de juízo de valor perante as práticas motrizes, ao passo de ordená-las diante a um critério de importância dessas manifestações ou de hierarquia quanto ao seu valor. Portanto, não há sentido em indicar que há jogos ou esportes de primeira categoria e jogos ou esportes de secundários; atividades motrizes educativas e práticas a se descartar, pois os jogos, esportes e práticas motrizes não se apresentam como bons ou ruins, mas dependem da finalidade e da situação com que tais práticas são utilizadas (LAVEGA citado por RIBAS, 2008).

Qualquer classificação, com o intuito de ser rigorosa, necessita ser construída por meio das peculiaridades que caracterizam as atividades motrizes. Sendo assim, é fundamental desassociar-se das propostas superficiais, e também, embasar-se nos

critérios fundados naquele que determinam importância as nossas práticas, fazendo-as distintas e concedendo a elas um funcionamento singular em cada caso (LAVEGA citado por RIBAS, 2008).

Podemos inferir que a Praxiologia Motriz não imobiliza nossa visão a respeito das práticas motrizes, situando suas reflexões somente em modelos matemáticos ou estruturas estabelecidas, mas o inverso disto, pois, esta área de conhecimento

[...] permite proporcionar o entendimento de um universo incessante de possibilidades criativas, envolto através do decurso da humanidade por meio de sua história em relação as práticas corporais, possibilitando modificá-las, a manutenção de outras e a criação de novas (FERREIRA; RAMOS, 2017, p. 18).

Assim, a classificação das práticas motrizes que estabelece a Praxiologia Motriz, mostra-se como sistêmica e se constrói diante de considerar dois critérios fundamentais em qualquer classificação rigorosa: a exaustividade e a exclusividade. A exaustividade, que possibilita identificar elementos repetitivos, após intensas análises. Já a exclusividade, permite ao professor de Educação Física, por exemplo, se pode utilizar; de uma conceituação para cada uma das manifestações, já que representam uma só categoria e não a mais de uma (LAVEGA; ARAÚJO; FRANCHI, 2020).

O desenvolvimento da classificação, proposto pela ciência da ação motriz, origina diferentes classes ou categorias que permite catalogar as experiências motrizes, ou seja, especificar diferentes domínios de ação motriz. Ante a abundante diversidade de manifestações motrizes que a Educação Física envolve, a Praxiologia Motriz propõe organizar os programas curriculares considerando o conceito de domínio de ação motriz (LARRAZ, 2004). Para Parlebas (2001), domínio de ação motriz é o campo em que as práticas são consideradas homogêneas com respeito a critérios pertinentes e precisos de ação motriz. Cada domínio favorece um grupo de experiências ou vivências motrizes que compartilham características distintas de sua lógica interna, isto é, solicitam que os protagonistas respondam a um tipo de problema motor de natureza parecida (PARLEBAS; DUGAS, 1998). “Os domínios de ação motriz têm origem a partir de dois critérios principais: o tipo de interação motriz que se estabelece entre os protagonistas e o tipo de relação motriz que se estabelece com o espaço” (LAVEGA; ARAÚJO; FRANCHI, 2020, p. 5).

Atendendo aos critérios de interação motriz, Parlebas diferencia oito domínios de ação motriz a partir das combinações das interações com outros participantes (companheiros [C] e adversários [A]) e interação com o espaço (estável ou instável [I]). “Estes oito domínios de ação motriz são a base fundamental do que Parlebas (2001) nomeia de Sistema de Classificação de Jogos e Esportes (CAI)” (LAVEGA; ARAÚJO; FRANCHI, 2020, p. 5).

Diante disso, Parlebas apresenta uma classificação das práticas motrizes desenvolvida através da concepção de que qualquer situação motriz, apresenta-se como um sistema onde o indivíduo, é capaz de relacionar-se como o seu entorno físico e com outros participantes. Assim, surgem dois componentes essenciais de toda situação motriz, sendo os protagonistas, que atende ao critério de presença ou ausência de companheiros (C) e/ou adversários (A); além do espaço de ação, diferenciando-se de acordo com o critério de presença ou ausência de incerteza (I), conforme o entorno físico (LAVEGA citado por RIBAS, 2008).

Além disso, a combinação dos três critérios da Classificação de Jogos e Esportes (CAI), torna-se possível caracterizar qualquer situação motriz. Portanto, a combinação binária dos três critérios colocado, reparte as práticas em oito categorias distintas, onde respalda a estrutura motriz de qualquer jogo ou esporte. Deste modo, tais categorias podem se distinguir em diversos subconjuntos (LAVEGA citado por RIBAS, 2008).

Sendo assim, torna-se possível estabelecer dois grandes grupos de situações motrizes, em decorrência com a presença ou ausência de interação motriz com outros indivíduos:

Práticas psicomotrizes, representadas por àquelas situações em que o participante intervém sozinho, ou seja, o participante estabelece relação somente com ele mesmo e com o espaço físico/ambiente onde as práticas, já que, nessas situações não há presença de companheiro e tampouco adversário diretamente (LAVEGA citado por RIBAS, 2003; FERREIRA; RAMOS, 2017).

Além disso, é estabelecido que as práticas sociomotrizes são aquelas “[...] representadas por àquelas situações em que o participante interage com os demais” (FERREIRA; RAMOS, 2017, p. 19). Diante das situações sociomotrizes, podemos

observar a necessidade diferenciá-las, pois são práticas corporais onde seus participantes estabelecem relações diante de três possibilidades.

a) Práticas sociomotrizes de cooperação, onde a interação ocorre diante a ao menos um companheiro, responsável em cooperar para atingir junto o objetivo que lhes une (LAVEGA citado por RIBAS, 2008).

Portanto, práticas com um ou mais parceiros, onde a prática corporal acontece em uma dinâmica em que os membros do grupo procuram alcançar juntos o mesmo objetivo, assim, esta estrutura relacional, pode estar garantida pela própria dinâmica da prática, consequentemente, práticas com dinâmicas diferentes, a partir do momento que são adaptadas com certos elementos, mas sem alterar sua estrutura de base de acordo com este tipo de relação, não adentram nas práticas indicadas nesta situação (FERREIRA; RAMOS, 2017, p. 19).

b) Práticas sociomotrizes de oposição, nesta situação a interação acontece por meio de um adversário, este se opõe às suas ações motrizes, sendo que, tal oposição pode ser apresentada como corporal ou instrumental, neste caso seria a oposição mediante algum objeto extracorporal (LAVEGA citado por RIBAS, 2008). Assim, práticas com um ou mais adversários, onde a relação estabelecida entre os praticantes, “[...] estabelece-se por meio de oposição, isto é, os praticantes estão voltados em superar o oponente e atingir o objetivo” (FERREIRA; RAMOS, 2017, p. 19).

c) Práticas sociomotrizes de cooperação e oposição, onde os protagonistas intervêm diante da colaboração de companheiros e a oposição de adversários, portanto, correspondem as práticas relativas aos esportes de duelo coletivo e aos jogos tradicionais, representadas por duelo coletivo, além de jogos que podem ser contraditórios ou ambivalentes nas suas relações, ou seja, jogos chamados de paradoxais, possibilitando que qualquer pessoa intervenha de modo a ser companheiro e adversário de maneira simultânea, mostrando-se a ambivalência em relação aos outros jogadores (LAVEGA citado por RIBAS, 2008). Dito isso, de forma simultânea, tal possibilidade mostra uma mistura de relação, onde encontramos tanto companheiros quanto adversários em uma mesma prática corporal, portanto, “[...] práticas corporais que em sua equipe, o praticante necessita cooperar com seus parceiros, e ao mesmo tempo, se opor aos adversários” (FERREIRA; RAMOS, 2017, p. 19).

Além disso, mostra-se necessário a distinção de dois grandes grupos de práticas de acordo com a presença ou não do critério de incerteza em relação ao entorno físico:

a) Situações em meio estável, apresentam-se nesta categoria, práticas que são realizadas em determinado meio regular, desprovido de incerteza, previsível, desta maneira, domesticado, onde o protagonista não necessita se preocupar em tomar decisões através da leitura do entorno físico (LAVEGA citado por RIBAS, 2008).

b) Situações em meio instável, onde o entorno representa a fonte de incerteza e configura a necessidade de preocupação constante com o espaço de ação, procurando aspectos e indícios, recebendo informação, assim processando esta informação e podendo tomar decisões para se adaptar de maneira ótima, em relação ao entorno caracterizado por estar em constante forma irregular e flutuante (LAVEGA citado por RIBAS, 2008).

Desta maneira, a partir do exposto, a combinação destes três critérios: C, A e I, resulta-se a oito categorias divergentes de situações motrizes, referentes a portabilidade de uma lógica interna singular em cada caso, assim, exigem que os protagonistas se adaptem a condições e estruturas distintas (LAVEGA citado por RIBAS, 2008).

Portanto, ao retornar os conceitos preconizados por Pierre Parlebas em relação aos fundamentos da Teoria da Ação Motriz, pode-se afirmar que a principal questão desta preposição emerge no campo das relações estabelecidas entre os participantes e as práticas corporais. Sendo, por meio desta ideia que Parlebas (2008), conceitua as práticas psicomotrizas e sociomotrizas (FERREIRA; RAMOS, 2017, p. 18).

1.5 Universais Ludomotores

A partir dos conceitos colocados, além dos elementos responsáveis em caracterizar as relações dos indivíduos em relação as práticas corporais, Parlebas (2001), produziu os universais ludomotores, os quais estão vinculados de maneira associativa à lógica interna. Desta forma, esses elementos que são verificados e se repetem nas inúmeras práticas corporais, apresentam-se como gramática destas práticas, corroborando para uma análise cautelosa da lógica interna que as caracterizam, além de poder auxiliar os professores de Educação Física a desenvolverem um ensino

mais diligente em relação as particularidades do pretendido (FERREIRA; RAMOS, 2017, p. 21). Portanto, segundo Ramos (2000), os universais ludomotores são:

1) Rede de comunicação, sendo caracterizada pelas relações de cooperação e oposição, além de corresponder a uma comunicação direta, ou seja, existe a comunicação entre os parceiros, ao passo que a pretensão está na captação da sua linguagem, seja ela corporal ou verbal, em relação ao seu companheiro de equipe. Porém, neste caso, há a contracomunicação, representada por estratégias de linguagem, com o intuito de enganar o adversário (FERREIRA; RAMOS, 2017, p. 21). Deste modo, “[...] este modelo, associa-se às interações motrizes estabelecidas entre os jogadores, comprovando as opostas maneiras como as mesmas se relacionam, de acordo com as possibilidades de interações indicadas pelo CAI” (RIBAS, 2019, p. 5).

2) Rede de interação de marca, onde as experiências de sucesso e fracasso dos indivíduos envolvidos na interação estabelecida pela prática corporal, refere-se ao recurso empregado com o intuito de estabelecer o ganhador e perdedor das práticas corporais, nas quais existe confrontos direto e indireto (FERREIRA; RAMOS, 2017, p. 21). Assim, faz-se referência à interação motriz indispensáveis para pontuar e vencer uma determinada prática motriz. De acordo com Lagardera e Lavega (2003), a rede de interação de marca, apresenta-se de três formas: antagônica, onde o êxito ocorre por meio da oposição; cooperativa, onde o êxito acontece a partir da cooperação, e mista, resultado da cooperação e da oposição (RIBAS, 2019, p. 5).

3) Sistema de pontuação, referente a maneira como os pontos são considerados no jogo, implicando assim, em condutas estratégicas variáveis em abundância. Parlebas coloca que essas questões podem ocorrer por meio de quatro formas: certa pontuação limitante; em relação ao tempo; através da junção de pontos e do tempo de duração; por meio da ausência de conclusões obrigatórias onde não são somados pontos (FERREIRA; RAMOS, 2017, p. 21). Em decorrência a isso, Ribas (2019) indica que são referentes às possíveis maneiras de pontuação em um determinado jogo ou esporte, sendo plausível em ser: um sistema por pontuação limite; sistema por tempo limite; sistema por pontuação e tempo limite; sistema de tempo invertido, através de altura/ponto/distância alcançada; jogos sem final ou tempo estabelecido.

4) Rede de papéis, representada pela condição assumida ou construída através das relações do sujeito com o espaço, material, espaço e setores de ação, encontrados em certa prática corporal, sendo que, os papéis, relacionam-se aos locais que os praticantes assumem nesta prática, representando à dinâmica de funcionamento singular de cada prática corporal, além de que, tal forma de papéis adotados, desenvolve-se a partir de configurações distintas ao longo da prática (FERREIRA; RAMOS, 2017, p. 22). Corroborando a isso, Ribas (2019) coloca o papel sociomotor, como as funções exercidas no jogo, de acordo com a classe de comportamentos motores em decorrência ao regulamento de determinada prática.

5) Rede de subpapéis, aparenta-se como a subação que estabelece uma complementação à rede de papéis, portanto, refere-se a um desmembramento dos papéis adquiridos diante da prática corporal, sendo as possibilidades concretas de ações que os indivíduos podem realizar perante o desenvolvimento da prática corporal, por meio do papel desempenhado, assim, possibilita que o praticante realize uma série de ações motrizes, deste modo, tais ações estão circunscritas através do regulamento da prática corporal, além das condições concebidas diante das diversas interações estabelecidas no jogo (FERREIRA; RAMOS, 2017, p. 22). Em relação a isso, Ribas (2019) explana que o subpapel sociomotor, é caracterizado pelas unidades comportamentais e possibilidades de ação, onde certo indivíduo pode executar em determinado papel no jogo.

6) Código gestêmico, mostram-se por meio dos gestos que são produzidos por determinado indivíduo que vivência certa prática corporal, portanto, conferem condição para haver comunicação, sendo que, determinados gestos podem ser compreensíveis diante de todos aqueles que praticam, mas há outros que são entendidos somente por participantes de uma mesma equipe, gerando determinada singularidade ao gesto. Assim, quando os jogadores de uma mesma equipe convivem e jogam com maior frequência, a interação proporciona desmedida aproximação que resulta na diminuição dos gestos, o que dificulta as condições do adversário desvendar sua interpretação (FERREIRA; RAMOS, 2017, p. 22). Ribas (2019), expõe que o gestema, representa a comunicação dinamizada através de gestos e códigos preestabelecidos que possibilitam

a transmissão de mensagens entre os praticantes, facilitando a compreensão perante os companheiros, além de ajudar na comunicação deles.

7) Código praxêmico, representa a ação comportamental do indivíduo que interage diante dos demais e com o mundo dos objetos, sendo que, há a vinculação com a comunicação e é correspondente a uma mensagem tática ou relacional, além de ser possível perceber que apresenta maior sutilidade quanto aos gestos e necessita de uma complexa leitura corporal das ações dos parceiros e adversários. Portanto, “[...] o praxema configura a linguagem não verbal expressa através do corpo, onde a expressão corporal, mostra-se própria de leitura e interpretação por meio dos demais praticantes” (RIBAS, 2019, p. 5).

A partir do exposto, pode-se compreender alguns conceitos importantes que a Praxiologia Motriz busca desenvolver, e com isso, perceber as múltiplas facetas das práticas motrizes, além das possíveis relações que podem ser experimentadas diante das suas vivências. No capítulo seguinte, será discutido as ideias acerca do conceito de conduta motriz e da Educação Física como a pedagogia dessas condutas.

CAPÍTULO 2

CONDUTAS MOTRIZES E A EDUCAÇÃO FÍSICA

Este capítulo reúne os conceitos de conduta motriz, assim como, vai se desenvolver entendendo a Educação Física como pedagogia destas condutas. Buscou-se trazer esses aspectos de forma conjunta pelo fato de apresentarem relações importantes, além de estarem presentes no foco de investigação deste trabalho.

2.1 Conduta Motriz

Segundo Parlebas (2008), a conduta motriz, caracteriza “[...] a manifestação pessoal de cada indivíduo atuante em uma prática corporal em que está imerso, sendo um estilo particular, um gesto específico, um sentimento diante daquele movimento expressado” (FERREIRA; RAMOS, 2008, p. 17).

A definição de conduta motriz não está reduzida ao conjunto de manifestações ou fatos observáveis. Ribas (2002) entende a conduta motriz como sendo uma organização do comportamento motor, mas com significados.

A conduta motriz, portanto,

[...] não se refere à intervenção estritamente corporal, pois além disso, também considera que a pessoa atuante em um jogo ou tarefa motriz, está ativando de forma sistêmica e unitária as dimensões que caracterizam sua personalidade, ou seja, a dimensão orgânica (aspectos fisiológicos de implicação energética), a cognitiva (aspectos relacionados com a tomada de decisões), a emocional (aspectos afetivos) e social (aspectos de relações interpessoais). (LAVEGA; ARAÚJO; FRANCHI, 2020, p. 4).

Quando assistimos a uma partida de futebol, não estamos vendo somente vinte jogadores tentando fazer gol e defendendo o seu território e dois goleiros evitando que o adversário faça o gol. Existe um sentido para tudo isso, um significado, intenção, filosofia de jogo, um motivo para a competição, história dos jogadores, enfim, uma série de fatos que dão significados a essas ações. Dependendo do jogo, do adversário, do tempo, da relevância da competição, do salário, de satisfação pessoal, é que será

possível determinar o grau de envolvimento e participação na partida. “As ações de jogo carregadas de significados são entendidas por Parlebas como condutas motrizes. During (1992) complementa ainda mais esta ideia destacando que toda conduta motriz se manifesta por um comportamento motor, mas não se reduz a este” (RIBAS, 2002, p. 92).

Deste modo, “[...] o conjunto destas relações são as ações visíveis que se podem observar em uma partida de queimada e a maneira com que são protagonizados esses tipos de ações por cada aluno, são as diferentes condutas motrizes de cada sujeito” (LAVEGA; ARAÚJO; FRANCHI, 2020, p. 3).

Portanto, de acordo com a Praxiologia Motriz, o indivíduo que participa de determinado jogo representa um ator que interpreta a lógica interna dele, que gera a realização de ações motrizes individualizadas, portanto, condutas motrizes. Assim, perante as mesmas condições ou regras de certa prática, cada indivíduo, mostra-se responsável em agir de maneira própria, havendo uma adaptação de suas particularidades em decorrência à lógica interna da prática motriz em questão, ocorrendo a manifestação de condutas motrizes singulares (PARLEBAS, 2001).

Assim, o indivíduo se comporta de maneira unitária, através de sua personalidade como um todo, reproduzindo por meio de ações suas dimensões biológicas, cognitivas, afetivas e sociais (PARLEBAS, 2001). De acordo com Parlebas (2001), a conduta motriz deve ser compreendida como a organização significativa do comportamento motor de determinado indivíduo.

Deste modo, segundo a Praxiologia Motriz, a conduta motriz refere-se à maneira como um indivíduo executa movimentos e habilidades motoras. Essa abordagem busca compreender e analisar o comportamento motor humano em diferentes contextos.

As pessoas possuem características únicas que se refletem em suas condutas motrizes. Essas condutas englobam aspectos físicos, motores e experiências pessoais. Segundo Lavega (2004), podemos substanciar a noção de conduta motriz da seguinte forma:

a) Cada prática motriz possui uma lógica interna própria, com um conjunto específico de ações motrizes.

b) Ao participar de uma prática motriz, o indivíduo se adapta às demandas da lógica interna dele e aos processos relacionados às condutas motrizes.

c) A conduta motriz não reverbera somente a habilidade motora e motricidade da pessoa, mas engloba aspectos cognitivos, afetivos, emocionais e relacionais, assim, compreende a totalidade do ser humano.

d) Práticas motrizes pertencentes ao mesmo domínio de ação motora ativam tendências estruturais semelhantes, levando os participantes a enfrentarem problemas e adaptações de natureza semelhante, resultando em consequências parecidas para sua personalidade.

e) O domínio de ação motora pode ser aplicado em situações motoras menos estruturadas, por meio de jogos e esportes.

Em decorrência a isso, Lagardera e Lavega (2003) colocam que as condutas motrizes podem ser reunidas em quatro grupos, sendo:

- 1) condutas motrizes ajustadas,
- 2) condutas motrizes desajustadas,
- 3) condutas motrizes perversas,
- 4) condutas motrizes de pacto.

As condutas motrizes ajustadas são aquelas respostas que se ajustam as exigências e demandas que a lógica interna do jogo solicita. Refere-se a uma conduta motriz considerada adequada, na qual o indivíduo realiza os movimentos de forma eficiente e eficaz, atingindo os objetivos pretendidos. Nesse caso, o gesto motor é realizado de acordo com as características e estratégias apropriadas para a tarefa em questão.

As condutas motrizes desajustadas são aquelas interações desviadas da comunicação exigida pela lógica interna de cada jogo. Caracteriza-se por uma conduta motriz inadequada, na qual o indivíduo apresenta dificuldades na execução dos movimentos. Pode ocorrer devido a deficiências técnicas, problemas de percepção ou outras limitações que comprometem a eficiência do gesto motor.

As condutas motrizes perversas são respostas que envolvem o descumprimento das regras do pacto do jogo. Mostra-se como uma conduta motriz disfuncional e ineficaz, que não corresponde às instruções e condições dadas em cada situação motriz. Nesse

caso, o indivíduo realiza movimentos que não são apropriados para a tarefa em questão. Portanto, condutas que impossibilitam, de maneira ilógica, que as ações regradas pela lógica do jogo se desenrolarem de forma coesa.

As condutas motrizes de pacto são respostas realizadas antes de iniciar a agir motrizmente em um jogo, havendo a possibilidade de encontrar condutas ajustadas e desajustadas ao pacto. Refere-se a uma conduta motriz na qual o indivíduo estabelece um acordo ou pacto com a situação ou com outros participantes. Evidencia-se quando os participantes, de maneira espontânea, estabelecem novos acordos ou reforçam as convenções já estabelecidas, como regras, pautas, acordos e consensos. Nesse caso, a pessoa busca priorizar a integração social ou outras considerações além da eficiência puramente motora.

Essas categorias da Praxiologia Motriz nos ajudam a compreender as diferentes formas de conduta motriz e a analisar as possíveis causas e consequências dos diferentes tipos de comportamentos manifestados pelos indivíduos quando vivenciam uma prática corporal.

2.2 Educação Física como Pedagogia das Condutas Motrizes

A Praxiologia Motriz estabelece um objetivo próprio da Educação Física escolar, sendo este, a conduta motriz. Deste modo, “[...] Pierre Parlebas apresenta essa terminologia, com o intuito de determinar a área de atuação no contexto escolar, a partir do ponto que outra área não poderá disputar, além de também não poder definir seus objetivos e direção” (RIBAS, 2002, p. 91).

A partir da averiguação de um jogo ou de um esporte, aquilo que podemos enxergar retrata uma sequência de ações que são vivenciadas por alguns indivíduos que realizam a prática corporal. Entretanto, cada indivíduo que permitiu-se adentrar ao universo de um jogo, portanto, tornando-se um jogador, necessitou se adaptar quanto as suas individualidades, sejam elas afetivas, fisiológicas e motrizes, perante as condições que a prática corporal exige. Além disso, cada indivíduo obtém determinado modo singular de se manifestar de maneira motriz, consequência da história pessoal, da forma particular na qual se foi assimilando informações. Deste modo, cada pessoa é responsável por se expressar por meio de determinada conduta motriz que, ao requisitar

nossa motricidade, mostra-se conjuntamente uma valiosa parte de nossa personalidade. A Praxiologia Motriz considera este campo de conhecimento essencial, remetendo o seu desenvolvimento à Pedagogia. Portanto, nesta situação, a Pedagogia das Condutas Motrizes configura-se como o campo de ação da Educação Física (LAGARDERA; LAVEGA, 2003).

Assim, a Educação Física escolar é compreendida como um campo da pedagogia das condutas motrizes, sendo uma prática de intervenção, responsável por exercer influência acerca das condutas motrizes dos participantes diante das normas educativas implícitas ou explícitas (RIBAS, 2002, p. 92).

Deste modo, o professor de Educação Física trabalha em suas práticas pedagógicas com as condutas motrizes, devendo enfatizar aspectos em relação ao desenvolvimento das condutas motrizes dos seus alunos. Com tal perspectiva, a Praxiologia Motriz busca apontar novos horizontes para a questão da articulação entre os conteúdos de ensino (as diversas práticas corporais) e suas implicações para as condutas motrizes dos alunos. De acordo com Ribas (2002)

[...] não há sentido em criticar os esportes e desenvolver jogos com a mesma estrutura, no mesmo sentido, falar em cooperação e trabalhar práticas de oposição, ou mesmo, desenvolver vivências diferenciadas de movimentos sem alterar sua lógica interna, mas sim o tipo de atividade, em decorrência ao que ocorre com os esportes coletivos que prevalecem nos programas de Educação Física. (RIBAS, 2002, p. 92-93).

Em se tratando do contexto da Educação Física, constata-se que o professor dispõe de uma extraordinária variedade de situações motrizes. O conceito de situação motriz faz referência à prática corporal em sua ocorrência concreta (elementos objetivos) e ao participante (elementos subjetivos) que juntos caracterizam a ação motriz/conduta motriz de uma ou mais pessoas em um meio físico determinado (LAVEGA; ARAÚJO; FRANCHI, 2020).

De acordo com Brasil *et al.* (2017, p. 128) “[...] enquanto a ação motriz é recorrente e emerge da lógica interna do jogo (norma e regras), ela se concretiza nas condutas motrizes, que são formas de comunicação únicas, referentes à possibilidade do participante no jogo”. Desse modo, o conceito de conduta motriz desempenha um papel crucial na Educação Física ao combinar o ponto de vista da observação externa (o

comportamento observável) e do significado interno (a vivência pessoal) (LAGARDERA; LAVEGA 2003).

Em sendo assim:

Desde a Praxiologia Motriz, a Educação Física pode ser abordada como a educação das condutas motrizes, pelo fato dos alunos, quando participam de aulas de Educação Física protagonizam diferentes modos de condutas motrizes, sendo que, estas condutas fazem referência a organização significativa do comportamento motor, ou seja, é o comportamento motor portador de significado (LAVEGA; ARAÚJO; FRANCHI, 2020, p. 4).

Ribas (2005, p. 104) assinala que:

O professor de Educação Física trabalha com as condutas motrizes de seus alunos. O que Parlebas quis dizer com isso? Que o professor deverá enfatizar em suas aulas de Educação Física aspectos relativos à cultura corporal de movimento, ou seja, a ênfase deverá ser na pedagogia do movimento e não na psicologia ou na filosofia. Essas áreas permeiam, sustentam e obviamente auxiliam o profissional em sua prática pedagógica. Entretanto, o ponto de partida e chegada são as manifestações da cultura corporal de movimento (jogos, esportes, atividades didáticas e atividades livres) [...] Para isso, o professor deverá conhecer e compreender melhor o que quer ensinar, no caso, os jogos, esportes, atividades didáticas e atividades livres. Estrutura geral das atividades, tipos de interações, características essenciais, processos de tomadas de decisões, entre outros conceitos, irão auxiliar o professor no desenvolvimento do saber da Educação Física, tanto na dimensão do “saber fazer” como no “saber sobre o realizar corporal”. Será que isso está claro em nossa prática pedagógica quando nos deparamos com uma grande quantidade de práticas da cultura corporal de movimento? Será que temos instrumentos suficientes para fazermos esta mediação, organização, sistematização, reflexão e síntese das distintas práticas da cultura corporal de movimento?

Entendendo melhor o que está sendo ensinado, podemos perceber que na Educação Física o ensino de práticas esportivas pode ser enriquecido com os conceitos da Praxiologia Motriz. Ao evitar uma abordagem arcaica e repetitiva, os professores podem criar aulas mais dinâmicas e eficientes. Dentro do contexto esportivo, como no futebol, não é estritamente necessária uma execução perfeita de movimentos para aprender e melhorar no jogo. É mais relevante que o aluno compreenda as diversas dimensões do esporte, incluindo sua estrutura e lógica interna, além de saber participar de forma inteligente, criativa e interessante (RIBAS, 2005).

É importante que o professor estabeleça uma congruência entre os objetivos de ensino e as atividades propostas, garantindo que o aprendizado faça sentido e seja

consistente. Por exemplo, ao escolher atividades como queimada e rouba-bandeira, mostra-se necessário saber que elas têm características competitivas, ao contrário do objetivo de incluir práticas cooperativas (RIBAS, 2005).

A organização e seleção de conteúdos na Educação Física devem considerar a diversidade de práticas físicas disponíveis. O professor pode utilizar o CAI (critério para classificar as práticas corporais com base nos itens: Companheiro, Adversário, Incerteza do meio) para agrupar atividades de acordo com suas características, ajudando na escolha adequada dos conteúdos a serem abordados em cada momento. Portanto, o conhecimento praxiológico oferece aos professores uma base sólida para aprimorar suas aulas e proporcionar aos alunos uma educação física mais rica, significativa e alinhada com seus objetivos educacionais (RIBAS, 2005).

Para Lavega; Araújo; Franchi (2020, p. 6), Ribas ao analisar os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs – documento balizador de âmbito federal surgido no final da década de 1990) sob a ótica da Praxiologia Motriz (PM) em sua tese de doutorado,

[...] constatou que os mesmos são propostos como um norte para as disciplinas escolares, porém demonstram claramente aspectos de desequilíbrio dos conteúdos, confusões de objetividade dos conteúdos e blocos, carência de exemplificação e confusões terminológicas. O autor também encontrou um desequilíbrio entre os conteúdos presentes no documento quando analisados a partir de critérios da PM, como por exemplo, a ausência de atividades na natureza, a ênfase aos esportes (mesmo o documento propondo a diminuição de práticas esportivizadas), a grande presença de quase 40% dos conteúdos propostos serem atividades psicomotrizas.

Deste modo, a partir da consideração da Praxiologia Motriz, como um marco teórico de referência, faz-se a indicação de certos pontos que podem chamar a atenção dos professores de Educação Física, responsáveis em orientar a prática pedagógica, respaldados na educação das condutas motrizes (LAVEGA; ARAÚJO; FRANCHI, 2020, p. 7):

Identificação dos objetivos, finalidades e metas, referentes ao projeto pedagógico, decorrente as normativas oficiais (PCN's) e do projeto político-pedagógico (PPP); selecionar o domínio de ação motriz e manifestações motrizes em jogos e esportes, em que processos responsáveis em ativar a lógica interna, mostram-se conectados ao objetivo do objeto pedagógico pretendido; colocar em prática a categoria de tarefas motrizes selecionadas, levando em

conta as possíveis condutas motrizes que podem desencadear em cada domínio de ação motriz [...]

Portanto, Lavega (citado por LAVEGA; ARAÚJO; FRANCHI, 2020, p. 7), salienta certas ideias para melhorar a compreensão a respeito das possibilidades que podem acarretar cada domínio de ação motriz:

a) os jogos psicomotores, proporcionam a produção de situações cíclicas, responsáveis em requerer a automatização, reprodução da realização de ações motrizes de certa localidade, além de ponderar o gasto energético para atuar diante de uma eficácia no esforço requerido, sendo que, tal família de jogos é adequada para desencadear condutas motrizes afiliadas à concentração, auto esforço, competitividade e coordenação; b) existe situações motrizes de cooperação que contribuem o pacto, o respeito aos demais e o sacrifício pelos companheiros, onde aspectos das atividades deste bloco peras as relações sociais, com o cotidiano, portanto, os indivíduos que se arranjam de maneira autônoma para determinar de forma solidária o enfrentamento de adversidades, podendo chegar em soluções de maneira democrática e cooperativa entre os protagonistas; c) os jogos antagônicos obtêm a possibilidade de propor relações de oposição ou cooperação-oposição, sendo que, estes jogos afloram capacidades referentes ao tomar decisões, antecipar-se, decodificar e codificar mensagens de acordo com os demais, produzir estratégias para atuar de maneira inteligente e integrada, como em jogos de cooperação-oposição onde os praticantes podem trocar de equipes, retirando o foco da competição no instante em que todos estabelecem o mesmo grupo; d) a família dos jogos na natureza, podendo ser psicomotores ou com relações diante outros participantes, onde além da necessidade de decifrar as informações produzidas pelos outros participantes, necessita também decifrar as informações do meio instável, sendo que, estas atividades auxiliam no desenvolvimento das condutas motrizes adaptativas diante de tomada de decisões, antecipação e risco.

Além disso, a avaliação das condutas motrizes permite ao professor intervir em diferentes aspectos, como orgânicos, cognitivos, afetivos e sociais, além dos aspectos motrizes específicos. Isso significa que a educação das condutas motrizes se concentra em aprimorar as condutas motrizes relacionadas ao projeto pedagógico. O objetivo é aprimorar a execução das ações motrizes, considerando também a influência das diferentes dimensões da personalidade na conduta motriz (LAVEGA; ARAÚJO; FRANCHI, 2020).

A Educação Física organiza os elementos curriculares de acordo com diferentes situações de movimento, como ações individuais, ações em oposição, ações em cooperação, adaptação ao ambiente físico e expressão. A implementação dos domínios de ação motora como referência pedagógica destaca a importância da Praxiologia

Motora, ajudando os professores a escolherem práticas alinhadas com os objetivos. A Praxiologia oferece um caminho viável para uma Educação Física responsável, buscando transformar os alunos em um sistema inteligente, resultando em benefícios pessoais (LAVEGA; ARAÚJO; FRANCHI, 2020).

Desta forma, este capítulo chega ao fim com a apresentação dos elementos que contemplam a conduta motriz e com o destaque para a Educação Física, na qual as condutas motrizes dos estudantes podem ser trabalhadas.

No capítulo seguinte será apresentada a trajetória metodológica que orientou nosso estudo.

CAPÍTULO 3

TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

3.1 Abordagem de Pesquisa

Para atingir o objetivo do estudo, foi utilizada uma metodologia de caráter qualitativa que, segundo Neves (1996), “[...] compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados”.

Segundo Bogdan e Biklen (1982), a abordagem qualitativa de pesquisa consiste em coletar informações descritivas através da interação direta entre o pesquisador e o contexto investigado. Essa abordagem prioriza o processo em vez do resultado (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

Assim, a pesquisa qualitativa possui cinco atributos distintos, no entanto, nem todos os estudos que os autores reconhecem como qualitativos demonstram essas características de forma igualmente evidente. Além disso, alguns desses estudos podem não apresentar uma ou mais das características mencionadas. Nesse sentido, a questão não é se uma investigação específica é totalmente qualitativa ou não, mas sim uma questão de grau, em que se avalia o quão presente estão tais atributos (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Portanto, Bogdan e Biklen (1982) debatem o conceito de pesquisa qualitativa, sendo exposto cinco características básicas que representariam esse tipo de pesquisa (LUDKE; ANDRÉ, 1986):

- 1) A pesquisa qualitativa se baseia na obtenção de dados diretamente do ambiente natural, com o pesquisador atuando como instrumento principal. Isso envolve um contato direto e prolongado do pesquisador com a situação investigada, por meio de trabalho de campo intensivo. Essa abordagem é chamada de "naturalística", pois estuda questões em seu ambiente natural, sem manipulação intencional. É importante considerar o contexto em que os fenômenos ocorrem, pois estes fenômenos são influenciados pelo contexto inserido.

2) Os dados coletados na pesquisa qualitativa são principalmente descritivos, incluindo descrições de indivíduos, eventos, situações, transcrições de entrevistas, depoimentos, fotografias, desenhos e documentos. O pesquisador deve prestar atenção aos elementos presentes na situação investigada, mesmo os aparentemente triviais, pois eles podem ser fundamentais para a compreensão da questão estudada. Aspectos simples devem ser investigados de maneira sistemática.

3) Na pesquisa qualitativa, o processo é mais valorizado do que o produto. O pesquisador se interessa em compreender como um problema se manifesta nas atividades, procedimentos e interações cotidianas. A complexidade do cotidiano é explorada de forma sistemática nesse tipo de pesquisa.

4) O significado atribuído pelas pessoas às coisas e à vida é uma preocupação central na pesquisa qualitativa. Os pesquisadores buscam capturar a perspectiva dos participantes e como eles lidam com os aspectos em foco. Isso permite uma compreensão mais profunda das situações, que muitas vezes não são acessíveis a observadores externos. É necessário cuidado ao revelar os pontos de vista dos participantes, verificando sua precisão por meio de discussões abertas e comparações com outros pesquisadores.

5) A análise de dados na pesquisa qualitativa segue um processo indutivo. Os pesquisadores não buscam evidências para comprovar hipóteses pré-definidas, mas constroem abstrações a partir da inspeção dos dados, em um processo que vai de detalhes específicos para ideias mais amplas. Embora não haja hipóteses ou questões específicas formuladas anteriormente, existe um quadro teórico que guia a coleta e análise dos dados. O estudo se desenvolve a partir de questões amplas para questões mais específicas, exigindo que o pesquisador ajuste seu foco ao longo do processo.

3.2 Tipo de Pesquisa Qualitativa

A pesquisa qualitativa escolhida para a realização deste trabalho foi a pesquisa-ação, pelo fato de possuir possibilidades de aplicação e contribuição, principalmente na esfera escolar.

Existem várias maneiras de definir a pesquisa-ação, mas podemos considerar que, segundo Thiollent (2008), é “[...] um tipo de pesquisa social que se fundamenta em

evidências empíricas e é concebida e conduzida em estreita relação com uma ação ou resolução de um problema coletivo”.

Deste modo, o foco da pesquisa-ação é uma situação social específica, em vez de um conjunto isolado de variáveis que poderiam ser analisadas independentemente do contexto. Os dados coletados durante o trabalho não têm valor por si só, mas são importantes como elementos de um processo de mudança social (FONSECA, 2002).

Nesse tipo de pesquisa, os pesquisadores e os participantes envolvidos representam a situação ou o problema de forma cooperativa ou participativa. Essa abordagem colaborativa visa não apenas obter conhecimento, mas também promover mudanças e melhorias na prática social (THIOLLENT, 2008).

Portanto, a abordagem da pesquisa-ação implica na participação ativa e planejada do pesquisador na situação problemática que está sendo investigada (FONSECA, 2002).

Assim, o pesquisador abandona o papel de observador e adota uma atitude participativa e uma relação de igual para igual com os outros parceiros envolvidos. Ao participar da ação, o pesquisador traz consigo um conjunto de conhecimentos que servirão como base para sua análise reflexiva da realidade e seus elementos. A reflexão sobre a prática implica em mudanças no conhecimento do pesquisador (FONSECA, 2002).

Deste modo, os pesquisadores têm um papel ativo ao abordar os problemas encontrados, acompanhar e avaliar as ações realizadas para solucioná-los. No entanto, a participação do pesquisador não é o único elemento que caracteriza a pesquisa-ação. A especificidade desse tipo de pesquisa está na organização da investigação em torno do planejamento, desenvolvimento e avaliação de uma ação planejada. Em outras palavras, a pesquisa-ação envolve a implementação de ações concretas e planejadas como parte integrante do processo de pesquisa (THIOLLENT, 2008).

Sendo assim, a participação dos pesquisadores na situação de investigação é claramente definida, garantindo que haja reciprocidade e respeito entre todas as pessoas e grupos envolvidos (THIOLLENT, 2008).

3.3 Participantes e Técnica de Coleta

Participaram da pesquisa, 28 estudantes, sendo 17 alunos e 11 alunas de uma turma do 5º ano do ensino fundamental dos anos iniciais, de um colégio particular de uma cidade do interior de São Paulo. Para a realização do estudo, houve a autorização da diretora da escola, além do professor de Educação Física, responsável por ministrar aulas para turmas do ensino fundamental dos anos iniciais e finais do colégio.

A escolha pela turma aconteceu por causa da proximidade dos alunos com o professor, questão que possibilitou a identificação do contexto e da realidade dos estudantes.

Além disso, ao conversar e explicar para o professor o objetivo da pesquisa antecipadamente, ele possibilitou o trabalho com a temática de brincadeiras e jogos no 3º bimestre, momento em que houve a coleta de dados para a pesquisa em questão, sendo possível o encaixe do conteúdo a ser desenvolvido nas aulas com a proposta da pesquisa.

Assim, houve o ajuste na sequência de conteúdos desenvolvidos pelo professor, viabilizando o objetivo da proposta de ensino da pesquisa. Esta questão foi possível, pelo fato do graduando, pesquisador desse estudo, estar estagiando na escola e em contato com o professor de Educação Física da turma.

Portanto, a coleta implementada para o levantamento de dados da pesquisa, aconteceu diante da seguinte técnica:

- 1) Observação sistemática das aulas:

Em decorrência do objetivo da proposta de ensino da pesquisa foi realizada em um primeiro momento, uma avaliação inicial das condutas motrizes dos alunos participantes, através da vivência das práticas sociomotrizes selecionadas: nó humano, arranca rabo, pique bandeira. A escolha dessas práticas sociomotrizes, aconteceu diante de uma conversa com o professor da turma, onde foi investigado jogos e brincadeiras que já haviam sido desenvolvidas com a turma em momentos anteriores e que apresentavam os tipos de relações mencionadas entre os participantes. A partir disso, foi entendido que o professor havia trabalhado com a turma o arranca rabo e o pique bandeira, sendo escolhidas para serem as práticas de oposição e, cooperação e oposição, sendo acrescido o nó humano como a prática de cooperação. Assim, esta estratégia foi utilizada para a escolha das práticas sociomotrizes, pois procurei realizar

com os estudantes práticas que eles obtinham determinado contato, devido uma busca para a otimização do tempo destinado ao processo de ensino.

Deste modo, a configuração adotada em cada prática sociomotriz seguiu o modelo indicado a seguir:

a) Nó Humano (Prática Sociomotriz de Cooperação):

No Nó Humano, os alunos devem se colocar em círculo e dar as mãos para os colegas. Entretanto, há algumas regras a serem seguidas: o participante não pode dar as mãos para os jogadores que estão diretamente ao seu lado (direito e esquerdo), deve pular este colega e dar a mão para o colega seguinte de ambos os lados; o participante não pode segurar as mãos de um mesmo indivíduo; as mãos não podem ser desdadas no decorrer da prática; os jogadores devem terminar o jogo em círculo, podendo estar de frente para o centro da roda ou virados, desde que não haja mais nós. Portanto, o jogo termina quando todos os participantes formam um círculo, sem nós e sem que as mãos estejam soltas.

b) Arranca Rabo (Prática Sociomotriz de Oposição):

Neste jogo, cada participante recebe dois coletes que configuram os seus rabos, sendo que, estes coletes devem ser prendidos na parte lateral da bermuda, calça ou saia do jogador, porém, estes coletes devem estar visíveis, onde somente a ponta do colete deve ser prendida, ficando a maior parte do mesmo a mostra e para fora. Os jogadores devem permanecer com os seus coletes, protegendo-o de tentativas dos adversários de pegá-lo, além de buscar arrancar o colete dos outros alunos quando a instrução de “valendo” for dada, onde os alunos podem se deslocar somente dentro da quadra, não podendo ficar atrás dos gols, por exemplo.

Algumas regras são adotadas nesta prática, como: os participantes não podem segurar o seus coletes enquanto jogam, devendo desviar do adversário apenas com seu corpo, por meio de “fintas”, mudanças de direções e correndo mais rápido que o adversário; caso um jogador perca os seus rabos, o mesmo pode continuar no jogo, procurando pegar o colete adversário; rabos capturados devem permanecer na mão de quem capturou, não devendo ser presos novamente, pois os rabos capturados não podem ser roubados novamente; rabos que estão nas mãos dos alunos não podem ser

pegos por outros participantes, somente rabos que estão presos na cintura podem ser roubados.

No momento em que não houver mais rabos para serem capturados a rodada termina ou quando o tempo estipulado para a rodada acabar. Ao fim da rodada, a contagem dos rabos que cada participante obtém é realizada e as pontuações são fornecidas, seguindo o seguinte molde: cada colete capturado vale um ponto; se o participante manteve o seu rabo após o tempo estipulado para a rodada, o seu rabo vale dois pontos.

c) Pique Bandeira (Sociomotriz de Cooperação e Oposição):

O jogo é vivenciado entre duas equipes com número de integrantes similares preferivelmente. Deste modo, cada equipe se distribui em sua metade da quadra do modo que preferirem, onde o objetivo do jogo consiste em trazer a bandeira da equipe adversária que está dentro do gol na metade da quadra da outra equipe. Porém, os jogadores devem proteger a sua bandeira que está em seu campo, impedindo que outro jogador capture a mesma, levando-a para o seu campo.

Antes do início do jogo, um tempo é fornecido para que as equipes se reúnam e decidam em consenso a estratégia que será implementada, além da divisão das posições, da função e do papel dos jogadores durante a rodada.

Algumas regras dificultam a captura da bandeira, como: “congelar” os adversários que entrarem em seu campo por meio do toque em alguma parte de seu corpo, sendo necessário que permaneçam parados no local em que foram encostados, esperando que outro integrante de sua equipe encoste nele novamente para que ele esteja salvo, podendo retornar ao seu campo ou continuar para a área em que a bandeira se encontra. Além disso, há em cada lado do campo, uma área destinada as equipes que tentam capturar a bandeira, sendo a área do goleiro de futsal, que se encontra à frente do gol, local que circunda a localização da bandeira, que está dentro do gol, onde não podem ser “congelados”, pois os integrantes da equipe adversária que estão em sua metade da quadra não podem entrar nesta área, assim aqueles que conseguem passar pela equipe adversária podem pensar em estratégias nesta área para retornar ao seu campo em posse da bandeira e pontuar. Além disso, os participantes não podem entrar na área da

bandeira por fora do campo de jogo, ou seja, sair pela última linha da quadra e entrar na área da bandeira por de trás do gol.

Posteriormente, as práticas sociomotrizs selecionadas foram trabalhadas com os estudantes durante três semanas, sendo seis aulas, pois as aulas de Educação Física aconteciam duas vezes na semana com duração de cinquenta minutos cada aula.

O ensino dessas práticas sociomotrizs se deu com o intuito de que os alunos pudessem aprender com maior propriedade sobre cada uma delas e, conseqüentemente, pudessem melhorar suas condutas motrizs que cada prática sociomotriz lhes solicitava. Neste processo, além da realização das práticas sociomotrizs aqui já delimitadas, com uma configuração característica, foi possível explorar variações nas estruturas delas.

Por fim, foi realizado uma observação final, com o propósito de tecer um comparativo com a observação inicial.

As observações foram registradas em quadros de análise durante a sua aplicação, para facilitar o comparativo de ambas após o período do desenvolvimento das práticas com os alunos. Portanto, na observação inicial foi utilizado um quadro para cada prática sociomotriz, sendo um quadro para a prática sociomotriz de cooperação, um para a prática sociomotriz de oposição e outro para a prática sociomotriz de cooperação e oposição, no total três quadros foram utilizados. A mesma lógica foi implementada na observação final, utilizando um quadro foi utilizado para cada prática sociomotriz, resultando, no total, em três quadros que foram preenchidos.

O roteiro de observação foi realizado a partir do seguinte modelo:

QUADRO 1: OBSERVAÇÃO INICIAL DAS CONDUTAS MOTRIZES DOS ALUNOS NA PRÁTICA MOTRIZ DE COOPERAÇÃO

Prática Sociomotriz de Cooperação = NÓ HUMANO			
Condutas Motrizs Ajustadas	Condutas Motrizs Desajustadas	Condutas Motrizs Perversas	Condutas Motrizs de Pacto

QUADRO 2: OBSERVAÇÃO INICIAL DAS CONDUTAS MOTRIZES DOS ALUNOS NA PRÁTICA MOTRIZ DE OPOSIÇÃO

Prática Sociomotriz de Oposição = ARRANCA RABO			
Condutas Motrizes Ajustadas	Condutas Motrizes Desajustadas	Condutas Motrizes Perversas	Condutas Motrizes de Pacto

QUADRO 3: OBSERVAÇÃO INICIAL DAS CONDUTAS MOTRIZES DOS ALUNOS NA PRÁTICA MOTRIZ DE COOPERAÇÃO E OPOSIÇÃO

Prática Sociomotriz de Cooperação e Oposição = PIQUE BANDEIRA			
Condutas Motrizes Ajustadas	Condutas Motrizes Desajustadas	Condutas Motrizes Perversas	Condutas Motrizes de Pacto

QUADRO 4: OBSERVAÇÃO FINAL DAS CONDUTAS MOTRIZES DOS ALUNOS NA PRÁTICA MOTRIZ DE COOPERAÇÃO

Prática Sociomotriz de Cooperação = NÓ HUMANO			
Condutas Motrizes Ajustadas	Condutas Motrizes Desajustadas	Condutas Motrizes Perversas	Condutas Motrizes de Pacto

QUADRO 5: OBSERVAÇÃO FINAL DAS CONDUTAS MOTRIZES DOS ALUNOS NA PRÁTICA MOTRIZ DE OPOSIÇÃO

Prática Sociomotriz de Oposição = ARRANCA RABO			
Condutas Motrizes Ajustadas	Condutas Motrizes Desajustadas	Condutas Motrizes Perversas	Condutas Motrizes de Pacto

QUADRO 6: OBSERVAÇÃO FINAL DAS CONDUTAS MOTRIZES DOS ALUNOS NA PRÁTICA MOTRIZ DE COOPERAÇÃO E OPOSIÇÃO

Prática Sociomotriz de Cooperação e Oposição = PIQUE BANDEIRA			
Condutas Motrizes Ajustadas	Condutas Motrizes Desajustadas	Condutas Motrizes Perversas	Condutas Motrizes de Pacto

--	--	--	--

Portanto, foi realizada uma observação sistematizada, embasada no quadro com elementos das condutas motrizes observadas na realização das três práticas sociomotrizes pelos estudantes, sendo orientado pelas condutas motrizes ajustadas; desajustadas; perversas e de pacto.

Segundo Ludke e André (1986, p. 25):

Para que se torne um instrumento válido e fidedigno de investigação científica, a observação precisa ser controlada e sistemática, sendo necessário a existência de um planejamento cauteloso do trabalho, além de uma preparação rigorosa do observador. Deste modo, planejar a observação significa determinar com antecedência “o que” e “o como” observar, assim, no preparo das observações é preciso delimitar o objeto de estudo, sendo definido o foco da investigação e a configuração espaço-temporal, torna-se evidente quais aspectos do problema serão cobertos pela observação e qual a melhor maneira de captá-los, fazendo-se necessário também as decisões quanto o grau de participação do observador e a duração das observações.

A observação é uma técnica crucial nas novas abordagens de pesquisa educacional, podendo ser usada como método principal ou em combinação com outras técnicas de coleta de dados. Ela permite ao pesquisador um contato pessoal e próximo com o fenômeno estudado, trazendo vantagens, como a verificação direta dos eventos. O observador pode recorrer a seus conhecimentos e experiências pessoais para compreender e interpretar o fenômeno. A introspecção e a reflexão pessoal são fundamentais em pesquisas naturalísticas. A observação direta possibilita ao pesquisador se aproximar da perspectiva dos sujeitos, sendo valiosa em abordagens qualitativas, permitindo compreender a visão de mundo deles e o significado que atribuem à realidade e suas ações (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

De acordo com Denzin (1978 citado por LUDKE; ANDRÉ, 1986 p. 183), a observação participante, mostra-se como “[...] uma estratégia de campo que combina simultaneamente a análise documental, a entrevista de respondentes e informantes, a participação e a observação direta e introspectiva”.

Como dito, a realização do estágio na escola, fez com que os estudantes pertencentes as turmas já conhecessem o pesquisador, pelo fato de auxiliar de forma conjunta com o professor responsável em aulas anteriores. Assim, em um primeiro

momento, o professor reservou a parte inicial de uma aula em que foi possível explicar aos alunos a proposta da pesquisa em questão e das observações.

Deste modo, foi colocado para os alunos que desenvolveríamos, a partir da aula seguinte, a vivência de três práticas que se diferenciavam entre si, já que cada uma tinha características voltadas à determinadas interações entre os alunos, como: cooperação, oposição, cooperação e oposição, todas realizadas de forma conjunta entre o grupo. Além disso, foi indicado que na próxima aula seria realizada uma observação inicial dos comportamentos dos alunos nas três práticas corporais: o nó humano (sociomotriz de cooperação); o arranca rabo (sociomotriz de oposição) e o pique bandeira (sociomotriz de cooperação e oposição). Durante a realização das práticas, foi explicado que seriam anotados, por parte do pesquisador, alguns aspectos correspondentes às condutas dos alunos diante da vivência deles.

Nas aulas seguintes, entramos em uma sequência de seis aulas com o desenvolvimento dessas práticas sociomotrizes, com o intuito de aprimorar o conhecimento dos estudantes a respeito delas e melhorar suas condutas motrizes.

Na última aula deste processo, fizemos uma observação final que consistiu na realização destas três práticas sociomotrizes novamente, dentro do modelo inicial experimentado seria verificado em que ponto estas condutas se diferenciavam ou não.

Em decorrência a isso, Ludke e André (1986, p. 28), colocam que:

Deste modo, mostra-se necessário, como dito, decidir o grau de envolvimento no trabalho de pesquisa, sendo que, isso não significa somente tomar a decisão se a observação será participante ou não. Dito isso, faz-se essencial realizar a escolha em termos de uma continuidade, em relação imersão completa na realidade até um distanciamento total, onde as variações diante desta continuidade, aparecem de maneira diversa e podem alterar conforme o desenvolvimento do estudo. Portanto, há casos que o pesquisador inicie o trabalho como espectador e de forma gradual vai se formando um participante. Além disso, o pesquisador obtém a possibilidade de decidir desde o início do trabalho, se irá atuar como participante total do grupo, sendo assumido um compromisso político de ação simultâneo, em relação aos moldes de pesquisa participante, sendo que, esta maneira de envolvimento deve ser analisada no contexto da pesquisa participante. Outra decisão necessária que o pesquisador precisa tomar, diz respeito à medida que irá divulgar de forma explícita a sua função e os propósitos do estudo, sendo que neste caso também há a possibilidade de ocorrer variações diante de uma continuidade, perante a explicação completa ou a não revelação. Neste sentido, Junker (1971) coloca quatro aspectos dentro desta continuidade, sendo: participante total; participante como observador; observador como participante; e observador total.

Nessa perspectiva, o observador como participante, desempenha um papel em que a identidade do pesquisador e os objetivos do estudo são evidenciados ao grupo pesquisado desde o começo. Neste contexto, o pesquisador tem acesso a uma variedade de informações, algumas das quais podem ser confidenciais, e deve solicitar a cooperação do grupo. No entanto, é importante que o pesquisador esteja aberto ao controle exercido pelo grupo em relação à divulgação ou não de informações conforme a pesquisa avança (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

Além disso, neste primeiro momento foi questionado se os estudantes conheciam alguma das práticas sociomotrizas com a qual trabalharíamos, sendo colocado pela maioria o conhecimento de duas delas, o arranca rabo e o pique bandeira.

Assim, fomos conversando com o intuito de entender a configuração e o modelo no qual os estudantes conheciam aquelas práticas sociomotrizas, sendo exposto por eles como costumam desenvolver os jogos e as regras que adotam nas dinâmicas.

A partir desta exploração com os alunos, foi constatado que a única prática desconhecida era o nó humano. Portanto, foi explicado o modelo inicial do jogo que seria vivenciado na aula seguinte.

Além disso, também foram exemplificados como desenvolveríamos as outras duas práticas sociomotrizas na próxima aula, para que não perdêssemos muito tempo em nossa observação inicial. Como a maioria dos estudantes conheciam ambas as práticas sociomotrizas, estabelecemos um modelo com regras do conhecimento da maioria, sendo acrescentado algumas outras que os estudantes não haviam levantado em na conversa inicial que tivemos juntos.

Portanto, foi colocado aos alunos, de maneira detalhada, como seriam realizadas as práticas sociomotrizas e esclarecidas as dúvidas, pois na aula seguinte seria explicada novamente a configuração de cada prática sociomotriz para que fosse dado andamento à observação inicial.

3.4 Análise de Dados

Após o levantamento dos dados foi necessário a organização de forma sistematizada e estruturada da análise dos mesmos.

De maneira inicial, os dados concebidos diante das estratégias foram organizados a partir de uma esfera temporal, mediante a sua cronologia. Esse recurso proporcionou que a análise pudesse compreender toda a abrangência de dados coletados com a individualidade e a sistematização necessárias.

Portanto, cada estratégia foi organizada perante a ocorrência em que os dados aconteceram, para depois serem analisadas também na ordem em que foram utilizadas. Em se tratando da observação sistemática, por exemplo, as anotações referentes às aulas do processo de trabalho com as práticas sociomotrizes entre os momentos inicial e final, se pensou que talvez fosse possível notar alteração, manutenção ou continuidade de determinadas situações em análise.

Em um momento seguinte foi realizado uma análise inicial dos dados através da leitura destes com base no que estava transcrito sobre as condutas dos estudantes nas observações das práticas sociomotrizes e nas anotações do processo de ensino. Foi necessária a busca para a identificação de elementos relativos às manifestações das condutas motrizes, como, quais condutas; quem foram os atores responsáveis; o estímulo que desencadeou a conduta; além da verificação da relação da manifestação da conduta com as ações motrizes e a lógica interna das práticas sociomotrizes desenvolvidas.

Este processo culminou na sistematização dos dados da pesquisa em categorias de análise que, de acordo com Oliveira et al. (2003), são concebidas como classes que agrupam um grupo de elementos dos dados em registro, sendo compiladas em relação à significação, à orientação teórica do pesquisador e à lógica do senso comum. As categorias de análise, representam elementos em comum referentes aos dados de determinada pesquisa, plausíveis de serem agrupados pelo fato de adquirirem semelhanças, o que possibilita a análise conjunta dos dados (MINAYO, 2002).

Desta maneira, a procura por similaridades em relação aos dados coletados geraram a identificação de três categorias de análise, a saber: 1) Condutas motrizes identificadas nas práticas sociomotrizes de cooperação; 2) Condutas motrizes identificadas nas práticas sociomotrizes de oposição; 3) Condutas motrizes identificadas nas práticas sociomotrizes de cooperação e oposição.

No capítulo seguinte, serão abordados os dados referentes à pesquisa em questão, sendo possível um aprofundamento em cada uma das categorias de análise.

CAPÍTULO 4

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo, serão apresentados os resultados e as discussões teóricas em que a pesquisa se embasa, a partir de análises que buscam contemplar a articulação com o objetivo do nosso estudo.

As categorias de análise reúnem as condutas motrizes dos alunos em cada uma das práticas sociomotrizes desenvolvidas, divididas na avaliação inicial e final desta proposta de ensino. Assim, este capítulo apresentará as manifestações dos estudantes durante as práticas sociomotrizes desenvolvidas.

A partir do desenvolvimento da proposta de ensino foram verificadas diferentes condutas motrizes entre os estudantes. Como dito, houve a separação das condutas motrizes na observação inicial e final do processo. Deste modo, a configuração dos quadros foi preenchida da maneira como será apresentada na sequência, seguindo as condutas motrizes reveladas nesta investigação.

Em seguida a exposição de cada quadro das observações, com o intuito de organizar as condutas motrizes expressadas e facilitar a descrição de suas características, foi implementado a estruturação de categorias. Assim, as condutas com aspectos similares foram reunidas em um mesmo eixo. Esta estratégia, além de agrupar condutas com aspectos semelhantes, pode possibilitar uma maior compreensão da dimensão em seu entorno e dos motivos que a desencadearam. Além disso, também pode contribuir para o acompanhamento das condutas.

De acordo com Lavega (2018), os instrumentos para avaliação de condutas motrizes, uma vez elaborado um catálogo de condutas a serem ensinadas, permite ao professor de Educação Física avaliar o processo de otimização dos comportamentos associados aos efeitos desejados. Para isso, diferentes instrumentos e estratégias de ensino podem ser utilizados, como uma lista de verificação ou uma folha de notas. Estes instrumentos podem ser usados para identificar a tendência dos alunos em condutas motrizes, e posteriormente interpretá-los de acordo com o catálogo de condutas.

Assim, para favorecer esta verificação, as condutas motrizes dos estudantes desse nosso estudo foram analisadas diante das categorias em que foram implementadas, ou seja, as categorias agruparam as condutas de cada tipo nos diferentes momentos das observações.

4.1 Condutas Motrizes identificadas na prática sociomotriz de cooperação

A primeira prática sociomotriz que será apresentada é a de cooperação, na qual a brincadeira do nó humano foi selecionada para a realização, com o intuito de investigação das condutas motrizes dos estudantes perante a sua vivência.

Sendo assim, como colocado em momento anterior, houve a explicação na última aula da dinâmica que seria estabelecida durante o jogo, mediante ao como realizar e as regras utilizadas. Neste encontro aconteceu a recapitulação daquilo apresentado para a concretização do nó humano.

Diante do contato inaugural com esta prática sociomotriz foi realizada a observação inicial dos alunos, em que foi observado as condutas manifestadas, o que resultou no Quadro 7.

QUADRO 7: OBSERVAÇÃO INICIAL DAS CONDUTAS MOTRIZES DOS ALUNOS NA PRÁTICA SOCIOMOTRIZ DE COOPERAÇÃO

Prática Sociomotriz de Cooperação = NÓ HUMANO			
Condutas Motrizes Ajustadas	Condutas Motrizes Desajustadas	Condutas Motrizes Perversas	Condutas Motrizes de Pacto
Procurou executar ações de maneira precavida, verificando se o caminho que estava seguindo surtia efeito na liberação de nós.	Realizou ações muito rápidas, com o intuito de terminar de desfazer o nó extremamente depressa.	Puxou os colegas diversas vezes em suas ações, não deixando que eles agissem de forma natural.	Propôs de forma conjunta com os colegas como desfazer o nó de maneira prévia ao início do jogo.
Manteve as mãos unidas, mesmo em situações em que necessitam realizar esforço extenuante e desconfortante em prol das ações dos companheiros.	Em um dos movimentos soltou e depois retornou a mão com um dos colegas.	Ligou as mãos dos colegas dos seus lados e desistiu do jogo.	Conversou com o grupo para conseguirem formular estratégias em conjunto para ficarem em círculo sem soltar as mãos.

Movimentou-se cautelosamente para que as mãos não sejam desdadas.	Requeru que os colegas realizassem ações apenas do modo como ele queria.	Soltou e depois retornou inúmeras vezes as mãos dos colegas.	Não quis realizar uma das ações propostas pelo colega, julgando ser ineficaz.
	Moveu-se sem pensar em uma estratégia com o grupo.		Aceitou a ideia de um colega e incentivou ideias de outros colegas.
Moveu-se durante todo o jogo sem soltar as mãos dos colegas.	Buscou criar estratégias somente com colegas mais próximos.		Participou da estratégia de um colega, enaltecendo-a após a execução.

Fonte: o autor

A partir das condutas motrizes identificadas, será apresentado em um primeiro momento, as condutas desajustadas. Essas condutas, foram colocadas em categorias, diante de características e tendências semelhantes encontradas nas condutas, como segue adiante.

INEFICIENTE	Realizou ações muito rápidas, com o intuito em terminar de desfazer o nó extremamente depressa.
	Em um dos movimentos soltou e depois retornou a mão com um dos colegas.
INDIVIDUALISTA	Requeru que os colegas realizassem ações apenas do modo como ele queria.
	Moveu-se sem pensar em uma estratégia com o grupo.
ANTAGONISTA	Buscou criar estratégias somente com colegas mais próximos.

Na categoria ineficiente, agruparam-se condutas nas quais a lógica interna da prática não foi seguida, além de ser verificado respostas com caráter inapropriado. Assim, os participantes expressaram atitudes desvinculadas da ideia do jogo, sendo ineficientes e incorretas para a sinalização de sucesso nas situações abrangidas (LAGARDERA; LAVEGA, 2004; LAVEGA, 2018).

A partir das condutas apresentadas, mostra-se notável recapitular que a prática vivenciada almeja que os praticantes façam certos movimentos com o intuito de desfazer

o nó existente sem que as mãos dos jogadores sejam desdadas, sendo que não há um tempo limite para que está tarefa seja executada.

Diante disso, durante determinado movimento a mão de um estudante escorregou da mão de seu colega e a atitude dele foi segurar novamente está mão, com o intuito de prosseguir com a atividade, havendo um consenso entre ambos, pois nenhum deles buscou a não realização da conduta em questão.

Como encontrado no trabalho de Lavega, Planas e Ruiz (2014), a vivência do nó humano, por algumas crianças, mostrou condutas semelhantes, pois perceberam indivíduos não alcançando eficiência em suas ações, em que estavam se movendo soltando e pegando novamente as mãos de seus colegas.

Percebe-se que os alunos optaram por continuar com a dinâmica e tentar superar o desafio imposto se mostrando engajados em alcançar o objetivo final, porém, a conduta implementada por eles não estava associada com as ideias que o jogo estipulava, mostrando-se desajustada.

Além disso, foi possível verificar durante a experimentação da prática que um dos participantes se mostrava apressado para a finalização do jogo, pois buscava a execução dos movimentos com determinada rapidez, muitas vezes, colocando as suas ações na frente das demais. Estas atitudes, refletiram em nós mais desafiadores de serem desfeitos e posições desconfortáveis para seus colegas, sendo convencido a pensar uma estratégia em conjunto antes de agir e a realizar seus movimentos com mais cautela.

Tal questão também acabou sendo percebida no estudo de Lavega, Planas e Ruiz (2014), na medida em que certos participantes, diante da execução da prática, queriam realizar ações muito depressa para desfazer os nós, exigindo dos colegas ações desconfortantes, sem deixar com que esses pensassem como atuar.

Por meio da observação inicial, nota-se que conduta em questão emergiu a partir de um participante desinteressado pela atividade, isso culminou na execução de ações muito rápidas visando o término do jogo o quanto antes. Fato que foi revertido por seus colegas, pois após o momento em que foi convencido a refletir antes de agir, foi verificado uma maior conexão com a prática e os praticantes, refletindo em movimentos conjuntos e mais bem orquestrados. Mesmo com este desfecho, as condutas manifestadas pelo participante no início da vivência não obedeceram a ideia da prática, pois um tempo não

foi determinado para a conclusão da atividade e os movimentos não necessitavam ser executados com demasiada pressa.

No conjunto individualista, pode-se perceber que as condutas associadas obtêm um viés egocêntrico, onde os protagonistas fornecem respostas objetivadas em seu interesse próprio. Portanto, além da lógica interna da prática não ser respeitada, visualiza-se condutas onde questões individuais são colocadas em primeiro plano, à frente do grupo e dos demais indivíduos pertencentes ao desenvolvimento do jogo (LAGARDERA; LAVEGA, 2004; LAVEGA, 2018).

Desta maneira, esta categoria reúne condutas desajustadas pelo fato de a prática apresentar como elemento central a cooperação, assim, a individualidade detectada nas atitudes dos participantes acaba se desencontrando da maneira como as relações e condutas deveriam ser desenvolvidas.

Portanto, na realização da atividade foi presenciado que jogadores não estavam interagindo com os demais de forma conjunta e comunicativa, pois estavam seguindo somente as suas estratégias, não participando da construção de movimentos com o grupo e muito menos expressando suas ideias para os colegas de maneira democrática. Em alguns momentos, um deles buscou estabelecer que apenas os movimentos que ele estava executando deveriam ser realizados e que os demais deveriam fazer o mesmo, mas isso acabou não sendo aderido entre os jogadores.

Essas condutas assumidas pelos alunos, acabaram sendo empregadas durante o início do jogo, mas com o passar do tempo, estes participantes procuraram participar das estratégias que os jogadores estavam realizando, executando aquilo planejado em comunhão e corroborando com suas ideias de maneira dialógica.

No conjunto antagonista, as condutas expressadas foram agrupadas, pois as características apresentam caráter de prejuízo aos outros participantes. Assim, encontra-se persuasão de alguns participantes para agirem de maneira contrastante ao sentido da prática, onde a impossibilidade de situações condizentes gerada em alguns indivíduos proporciona desvantagem e segregação (LAGARDERA; LAVEGA, 2004; LAVEGA, 2018).

Assim, está categoria apresenta um caráter distinto daquilo que a prática procura favorecer, pois a cooperação deve ser atribuída com a sua totalidade durante o

desenvolvimento, onde características vinculadas a oposição não se encaixam na atividade, muito menos ações que desencadeiem aspectos negativos e prejudiquem outros jogadores, por essa questão são condutas desajustadas.

De acordo com a vivência inicial do nó humano pela turma, foi possível perceber que alguns participantes estavam partilhando ideias entre si e realizando certas ações a partir daquilo estabelecido, mas sem um compartilhamento com os demais. Este estreito grupo, buscou convencer outros alunos próximos a executarem os movimentos decididos por eles, com o intuito de finalizar os nós existentes na área do grupo antes dos outros colegas.

O desenvolvimento do jogo mostrou uma dissociação do intuito incorporado por estes participantes com o objetivo da prática, pois, além de incitarem certa oposição com os outros jogadores na busca de uma competição, as escolhas e movimentos realizados dificultaram os nós existentes e exigiram de forma desproporcional ações de alguns alunos, posições desconfortáveis acabaram sendo experimentadas e movimentos bruscos executados.

Esta parcela de estudantes acabou desistindo da postura adotada ao entenderem a lógica interna da prática, pois ao perceberem a cooperação que os colegas estavam desenvolvendo nas estratégias para movimentações em conjunto e o entusiasmo instaurado a cada nó desfeito, estes procuraram se juntar com os demais para a vivência adequada da atividade.

Em relação às condutas motrizes ajustadas encontradas na observação inicial da prática, adotou-se o mesmo processo para a reunião das condutas em categorias, apresentadas a seguir.

EFICAZ	Moveu-se durante todo o jogo sem soltar as mãos dos colegas.
CAUTELOSO	Procurou executar ações de maneira precavida, verificando se o caminho que estava seguindo surtia efeito na liberação de nós.
	Movimentou-se cautelosamente para que as mãos não sejam desdadas.

No conjunto eficaz, encontra-se condutas onde os participantes agem com eficiência perante a lógica interna das atividades e a interação com os demais protagonistas. Assim, nota-se que os indivíduos atuaram de forma categórica em suas ações, ou seja, além de seguirem a lógica do jogo, produziram condutas que se revelaram assertivas nas decisões tomadas no decorrer da prática (LAGARDERA; LAVEGA, 2004; LAVEGA, 2018).

Desta maneira, mostra-se relevante destacar a eficiência empregada pelos jogadores em se movimentar e cumprir uma das exigências do jogo, representada pela manutenção de ambas as mãos unidas com as mãos de outros dois colegas durante todo o momento de realização da prática. Está conduta, traz uma associação fundamental com a lógica interna da dinâmica, possibilitando a continuidade da mesma, de forma que as intervenções podem ocorrer com um propósito em vista.

Está conduta foi manifestada por envolvidos no desenvolvimento desta prática, como demonstrado na investigação de Lavega, Planas e Ruiz (2014), onde perceberam participantes em todo o desenrolar do jogo atuando sem soltar as mãos dos indivíduos que estavam ao seu lado.

Assim, foi possível perceber participantes realizando seus movimentos de maneira adequada, com suas mãos mantidas juntas com as dos jogadores dos seus lados, a partir das ações executadas para desmembrar os nós presentes.

No item cauteloso, as condutas identificadas são agrupadas, pois apresentam características onde os protagonistas executam ações de maneira preventiva, visando consequências significativas. Portanto, o risco acaba sendo medido e a atenção redobrada, para que condutas convenientes sejam experimentadas (LAGARDERA; LAVEGA, 2004; LAVEGA, 2018).

Deste modo, as condutas identificadas na prática inicial foram condessadas nesse conjunto, pois apresentam este caráter, sendo colocadas como ajustadas pois são condutas que respeitam a lógica interna do jogo, além de obter as características apontadas anteriormente.

Sendo assim, na primeira observação verificou-se que um participante, após determinados momentos em que estratégias estavam sendo planejadas, observava de maneira atenta se a trajetória incorporada foi positiva para a liberação dos nós e atrelava

está identificação a uma sutileza empregada em seus gestos motores. Este processo corroborou para a construção coletiva, devido ser possível notar que o jogador comunicava os demais quando percebia determinados caminhos em que as situações dos nós acabava sendo prejudicada, estimulando os alunos a analisarem juntos novas soluções.

Outra conduta que se mostrou condizente em ser colocada nesta categoria, foi a maneira cautelosa adotada por um dos jogadores no momento em que se movia pelo espaço de realização da prática, com o intuito de permanecer com as mãos unidas com seus colegas e desfazer os nós existentes. Além disso, está calma colocada em suas ações e enfoque na união das mãos, acabou sendo alastrada para outros participantes que notaram está conduta e buscaram empregar de forma parecida, mostrando-se uma conduta que favorece um elemento essencial para o alcance do objetivo do jogo.

De acordo com as condutas motrizes perversas apresentadas na observação inicial, foi possível a categorização destas da seguinte maneira.

DESCUMPRIU AS REGRAS	Soltou e depois retornou inúmeras vezes as mãos dos colegas.
	Ligou as mãos dos colegas dos seus lados e desistiu do jogo.
INDISCIPLINADO	Puxou os colegas diversas vezes em suas ações, não deixando que eles agissem de forma natural.

No item descumpriu as regras, foram reunidas as condutas que descumprem com as regras estipuladas para o desenvolvimento da prática, sendo desrespeitado de forma direta pelos participantes. Portanto, nota-se que as ações expressadas não são permitidas de serem incorporadas, indo na contramão daquilo balizado pelas regras do jogo (LAGARDERA; LAVEGA, 2004; LAVEGA, 2018).

Dito isso, a primeira conduta encontrada durante a realização inicial da prática, assemelhasse a outra conduta enquadrada no eixo das condutas desajustadas, porém, o que diferencia ambas é a frequência do seu aparecimento no jogo, além da intencionalidade do estudante em executá-la. Neste caso, foi possível observar um participante soltando das mãos de seus colegas em diversas ocasiões, diferente do primeiro caso, onde devido uma ocasionalidade este fato aconteceu apenas uma vez.

De forma semelhante Lavega, Planas e Ruiz (2014), notaram em seu trabalho ante a vivência do nó humano, jogadores que repetidamente soltaram uma ou ambas as mãos que unem eles aos companheiros que estavam ao seu lado.

Assim, este participante buscou está ação em diferentes momentos do jogo, onde soltava as mãos dos alunos ao seu lado para a execução de determinado movimento e posteriormente a realização deste, retornava a ligar as suas mãos. Os participantes envolvidos neste ato, alertaram o estudante da infração de sua conduta de acordo com as regras da dinâmica, mas foram ignorados e a repetição desta atitude foi vista algumas vezes. Esta conduta, pode ter sido adotada a fim de o jogador obter uma menor dificuldade durante a realização dos movimentos encontrados pelo grupo, mas isso diverge das regras que regem a atividade, além de não estimular o desafio na execução das ações e a busca por soluções motrizes a partir das adversidades que aparecem.

A outra conduta observada na realização da brincadeira que se enquadra nesta categoria, mostrou-se diante de um participante que soltou as mãos dos dois colegas que estavam ao seu lado direito e esquerdo, além de ligar ambas as mãos desses jogadores, retirando-se da realização da atividade. Isto acabou sendo recebido pelo grupo de alunos de forma surpresa, onde pedidos para que o participante retornasse para o desenvolvimento da prática aconteceram, mas este estava decidido em desistir. O participante, mostrou-se desmotivado com a prática e está questão acabou reverberando na atitude que o mesmo tomou.

No conjunto indisciplinado, são agregadas condutas onde os protagonistas atuam de modo em que afetam diretamente os demais participantes. Assim, neste campo de condutas, são percebidas atitudes negativas de um indivíduo com outro, por meio de ações distantes do modelo do jogo, onde o outro acaba sendo incomodado (LAGARDERA; LAVEGA, 2004; LAVEGA, 2018).

De acordo com isso, durante a prática notou-se que um dos estudantes no momento em que realizava alguns dos movimentos puxava as mãos que estavam dadas as dele, e assim, fazia com que os seus colegas ao seu lado fossem deslocados de maneira abrupta. Esta conduta acabava desestabilizando de certo modo o grupo e incomodava de forma direta os indivíduos envolvidos nos puxões, sendo incorporada de forma desconectada com o intuito da atividade.

Como colocado, está conduta seguiu sendo demonstrada algumas vezes, mantendo-se de maneira negativa entre os demais alunos, isso ressoou em tentativas de mudar a atitude deste participante por outros. Fato que foi observado em diálogos, onde procuraram demonstrar que o aluno não estava agindo de modo cooperativo com o grupo e essas condutas não os levariam a atingir o objetivo do jogo. Assim, percebeu-se que o participante entendeu aquilo que os seus colegas estavam passando a ele e que a atitude que estava sendo executada não necessitava ser realizada, onde com o desenrolar da dinâmica foi visto um jogador mais participativo com os demais, incorporando os movimentos construídos e desaparecendo de suas ações está conduta inicialmente observada.

Já em se tratando das condutas motrizes de pacto identificadas na observação inicial, percebe-se a reunião das condutas em três eixos.

PROPÔS UM PACTO	Propôs de forma conjunta com os colegas como desfazer o nó de maneira prévia ao início do jogo.
	Conversou com o grupo para conseguirem formular estratégias em conjunto para ficarem em círculo sem soltar as mãos.
ACEITOU O PACTO	Participou da estratégia de um colega, enaltecendo-a após a execução.
	Aceitou a ideia de um colega e incentivou ideias de outros colegas.
RECUSOU O PACTO	Não quis realizar uma das ações propostas pelo colega, julgando ser ineficaz.

No item propôs um pacto, foram expressas condutas onde os participantes propõem de maneira aberta e democrática intervenções no desenvolvimento da prática, sendo implementada de maneira prévia a execução da ação. Portanto, há uma iniciativa dos protagonistas em planejar respostas frente a uma situação que o jogo exige (LAGARDERA; LAVEGA, 2004; LAVEGA, 2018).

Assim, as condutas agrupadas neste item estão associadas a procura de uma estratégia para exercer ações que desmembrem os nós presentes no grupo, onde buscam resolver os problemas encontrados no caminho para atingir o objetivo final. Essas condutas são observadas a partir de duas formas, sendo exercidas onde o

participante coloca suas sugestões para um planejamento conjunto e a partir de sugestões dos outros para um debate geral também.

Portanto, foi possível encontrar duas condutas com essas características levantadas, a primeira logo no início da vivência, antes de começarem a se movimentar, um dos participantes sugeriu que os jogadores colocassem suas ideias para encontrarem possíveis soluções de ações, de maneira estruturada e não apenas realizando movimentos soltos, pois isso poderia dificultar a situação dos nós existentes, além de também colocar suas ideias de movimentos. Esta atitude, surtiu efeito positivo no engajamento dos alunos e favoreceu a criação inicial de possibilidades, refletindo na cooperação do grupo.

Como encontrado no estudo de Lavega, Planas e Ruiz (2014), em que um dos jogadores propôs antes de começarem a executar a prática do nó humano, como o grupo poderia desfazer os nós presentes, favorecendo a construção coletiva.

Outra conduta verificada no desenvolvimento do jogo foi a de um dos participantes que incentivou a construção coletiva de estratégias, colocando suas concepções de possíveis movimentos e promovendo novos pontos de vista, em um momento em que o grupo estava diante de um desafio, onde muitos jogadores se mostravam abatidos pela dificuldade instaurada naquele período. Esta conduta mostrou-se importante pois trouxe uma conexão de volta para o grupo e a partir de possibilidades lançadas pelos estudantes conseguiram progredir na prática, não perdendo de vista a necessidade de finalizarem a atividade sem a soltura das mãos.

No grupo de condutas aceitou um pacto, foram agrupadas as condutas referentes a aceitação do pacto que um participante sugeriu, ou seja, são adotados os acordos e a resposta é manifestada. Sendo assim, os protagonistas completam o pacto indicado por outro indivíduo, onde a implementação de ações sugeridas acontece (LAGARDERA; LAVEGA, 2004; LAVEGA, 2018).

Desta maneira, neste item foram reunidas duas condutas que dialogam com o reconhecimento das ideias dos demais, refletindo na apreciação de outras óticas e além disso, surtindo efeito em uma participação ativa daquilo acordado. Assim, estas condutas mostram sua notabilidade devido o fato de corroborarem com a transmissão da cooperação dentro da prática, onde os estudantes acabam se sentindo confortáveis em

sugerir movimentos e partilharem suas opiniões, sendo construído um ambiente saudável para o desenvolvimento da dinâmica.

Sendo assim, percebeu-se que alguns dos participantes, diante de sugestões de outros jogadores, em que houve um reconhecimento pelo grupo das concepções, participaram das ações planejadas com um considerável empenho e ao perceberem consequências positivas enalteceram as estratégias levantadas. Como dito, esta conduta favorece a construção coletiva e este efeito é notado no decorrer do jogo, pois novas contribuições são trazidas para o debate dos alunos e este processo enriquece a situação em que se encontram, favorecendo uma evolução na condição dos nós.

Conduta percebida similarmente na investigação de Lavega, Planas e Ruiz (2014), em que protagonistas aprovaram as propostas de outros colegas, ao passo que completaram a ideia estipulada, sendo relatada uma participação ativa do pacto.

No conjunto recusou um pacto, as condutas reunidas se mostram diante da não aceitação do pacto pelos participantes na prática. Assim, os protagonistas rejeitam novos acordos de outro indivíduo, distanciando-se da ideia levantada ou se mostrando contrário a uma negociação (LAGARDERA; LAVEGA, 2004; LAVEGA, 2018).

Portanto, no transcorrer da prática foi observado uma desaprovação da sugestão de movimento estipulada por um dos participantes, onde um dos jogadores não se mostrou interessado pela execução da ação levantada, pois julgou que a realização dela seria inapropriada. Apesar do grupo se mostrar condizente em agir de acordo com a estratégia trazida pelo estudante, somente este participante se colocava de maneira negativa, evitando explicar de forma mais abrangente os motivos. Este fato, pode ser associado a ocorrências distantes do ambiente da aula e que acabaram sendo trazidas para este ambiente, onde os alunos poderiam estar desentendidos antes do início da prática e o reflexo disso foi a conduta do estudante. Porém, o grupo conseguiu demonstrar para este participante que a ideia compartilhada pelo jogador se mostrava qualificada e surtiria efeito positivo para a situação dos nós, convencendo-o a se movimentar com os demais em prol do sucesso conjunto.

Como evidenciado no capítulo anterior, posteriormente a aula destinada para as avaliações iniciais, foi desenvolvido com alunos um processo de ensino, onde a centralidade estava na vivência das práticas selecionadas. Este processo, obtinha o

intuito de possibilitar uma maior clareza da lógica interna das práticas, tornando possível uma familiarização com os jogos, e assim, proporcionar condições para os estudantes expressarem condutas motrizes condizentes com suas respectivas lógicas internas.

Desse modo, as observações iniciais apresentam relevância para o procedimento instaurado, pois por meio dela torna-se viável acessar as diferentes condutas demonstradas pelos participantes, possibilitando a identificação daquilo necessário em ser melhorado, aprofundado e desenvolvido no processo de ensino decorrente, com o propósito de constatar um enriquecimento no domínio das práticas nas avaliações finais pelos praticantes.

Assim, mostra-se importante ressaltar que durante a observação inicial, não ocorreu intervenções diretas nas condutas expostas pelos jogadores, a intenção foi deixar que eles se expressassem no decorrer das práticas, sendo realizada uma coleta das condutas manifestadas, para que no processo de ensino houvesse um trabalho mais específico a cerca destas condutas.

Além disso, o processo de ensino que correspondeu a seis aulas entre a aula da observação inicial e a aula da observação final das práticas, foi dividido em duas aulas para o desenvolvimento e trabalho das condutas referente a cada prática, sendo duas aulas para o nó humano, duas para o arranca rabo e duas para o pique bandeira. Nessas aulas, além do desdobramento das condutas manifestadas, foi abordado a estrutura encontrada em cada jogo, suas características e os tipos de relações que os participantes empregam com os demais, onde foi explorado as questões de cooperação, oposição e a mescla de ambas nas práticas vivenciadas.

Dito isso, em relação ao nó humano, mostra-se importante ressaltar que na observação inicial, os estudantes não conseguiram atingir o objetivo final do jogo, correspondente a eliminação dos nós e a finalização em roda com todos os jogadores de mãos dadas, virados para o centro ou para fora deste círculo.

Sendo assim, na primeira aula do processo de ensino destinada para esta prática, foi discutido com os alunos as principais características e os elementos da lógica interna, recapitulando de maneira conjunta com eles o modo como a prática foi vivenciada em momento anterior, buscando identificar se aspectos condizentes foram encontrados. Neste sentido, um trabalho mais detalhado foi desenvolvido, sendo possível suprir

eventuais dúvidas, como fiz na avaliação inicial quando essas apareceram, mas neste momento, uma abordagem mais aprofundada acabou sendo realizada.

Isso possibilitou trazer novamente à tona os elementos estruturais incorporados na observação inicial da prática e destrinchar as possibilidades de ação neste contexto, sendo extrapolado para outras possibilidades de realização deste jogo. Nesta etapa do processo, foi explorado com os estudantes as condutas manifestadas na prática, onde as ajustadas e as positivas referente ao pacto, foram realçadas, e as desajustadas e perversas foram examinadas, com o intuito de entender o porquê de serem expressas e mostrar que a sua exteriorização não necessariamente precisa ser incorporada no desenvolvimento do nó humano.

Esse entendimento, foi construído de forma conjunta, procurando deixar com que os estudantes se sentissem à vontade para expor aquilo que estavam sentindo no momento da realização da prática e da manifestação das condutas, para que uma construção de conhecimento pudesse acontecer de maneira proveitosa a todos.

Ainda na primeira aula, após está parte destinada para um debate a respeito dos aspectos colocados, passamos para um momento prático de uma nova experimentação do jogo. Está vivência, aconteceu diante da mesma estrutura estabelecida na avaliação inicial, sem que as regras do jogo fossem modificadas, a diferença estava no maior entendimento da prática pelos alunos e no trabalho realizado com as condutas motrizes demonstradas. Assim, notou-se que os alunos encontravam-se mais tranquilos, usando do tempo que obtinham e das condições positivas que encontraram na vivência anterior, como movimentos, posicionamentos, estratégias e outros aspectos.

Desse modo, no decorrer da realização da prática foi observado a prevalência de condutas ajustadas e, concomitantemente, uma diminuição de condutas desajustadas e perversas, reflexo da maior consciência que obtinham da lógica interna do jogo. Portanto, nesta vivência, os participantes conseguiram alcançar o objetivo final da prática, terminado a sua realização em roda com as mãos unidas e sem nós aparentes. A brincadeira, ainda foi executada nesta configuração por mais uma vez na primeira aula, os alunos se mostraram contentes com o sucesso atingido e empenhados em buscar conseguir isso novamente, mas o tempo destinado a aula não permitiu que a prática perdurasse até sua concretização.

Na segunda aula do processo de ensino, retomamos a realização do nó humano diante do mesmo prisma experimentado nos momentos passados, com o intuito em finalizar o desenvolvimento da prática que acabou sendo interrompido na aula anterior, onde em mais um momento, extinguiram a existência de nós no círculo com as mãos unidas. Neste processo, foi notável a maneira condizente com a lógica interna que os participantes desenvolveram o nó humano na maior parte do tempo, percebeu-se relações cooperativas em sua maioria e principalmente condutas ajustadas, mas também casos insolados de condutas desajustadas em certas circunstâncias.

As relações aconteciam de modo colaborativo, onde os envolvidos expunham suas concepções, que eram aceitas e discutidas pelo grupo, além da criação de estratégias em conjunto para superar os desafios presentes. Em contrapartida, percebeu-se momentos de divergência de opiniões onde os alunos discutiram de maneira desproporcional, mas entraram em consenso e estabeleceram acordos.

Na sequência da aula, foram experimentadas novas possibilidades de vivência do nó humano com o propósito de estimular e desafiar os estudantes a se relacionarem entre eles e com os novos elementos da prática, mas mantendo o objetivo final. Assim, foi aberto para que o grupo colocasse suas ideias de maneiras possíveis de se jogar, sendo discutido com os demais essas eventuais sugestões, visando que a elaboração fosse formulada em consenso e com uma participação abrangente. Com isso, estipulamos uma forma diferente de realizar o nó humano, alterando alguns elementos e características para as quais, neste modelo, os participantes deveriam iniciar o jogo aglomerados no meio com os braços para cima, segurar duas mãos distintas, abaixar os braços e buscar desfazer os nós existentes sem que as mãos fossem desdadas, além de precisarem finalizar o jogo sem nós existentes e com todos os jogadores virados para dentro da roda.

Está estrutura encontrada para a execução do jogo, demandou novas condutas dos jogadores que necessitaram solucionar outros desafios e acabaram lidando com esses novos elementos de maneira propositiva, onde se engajaram em alcançar o objetivo final. Foi possível perceber a criação em conjunto de estratégias e o desenvolvimento se deu, ao passo que houve um respeito da lógica interna vigente, sendo notado relações positivas para prevalecerem frente as dificuldades que se

deparavam, nos diferentes momentos do transcorrer do jogo, não sendo encontrado condutas desajustadas e perversas, somente condutas ajustadas, fato que culminou no alcance do novo objetivo estipulado para a prática do nó humano.

Ao final desta vivência foi explicado que o processo de ensino destinado ao nó humano seria finalizado com a observação final, detalhada no Quadro 8, correspondente à realização da prática com a estrutura inicial experimentada.

QUADRO 8: AVALIAÇÃO FINAL DAS CONDUTAS MOTRIZES DOS ALUNOS NA PRÁTICA MOTRIZ DE COOPERAÇÃO

Prática Sociomotriz de Cooperação = NÓ HUMANO			
Condutas Motrizes Ajustadas	Condutas Motrizes Desajustadas	Condutas Motrizes Perversas	Condutas Motrizes de Pacto
Manteve as mãos unidas, mesmo em situações em que necessitam realizar esforço extenuante e desconfortante em prol das ações dos companheiros.			Propôs a combinação de um movimento após cada realização de uma ação, pensando em conjunto no que fazer a cada novo passo.
Explorou novos planos no intuito de desatar nós próximos.			Estipulou um consenso para terminar a prática de costas ou olhando de frente o círculo central.
Auxiliou colegas com demonstrações a respeito de movimentações eficientes.			

Fonte: o autor

A partir da observação final, responsável por verificar as condutas motrizes expressadas durante a realização do nó humano, foi encontrado o desenvolvimento condutas motrizes ajustadas e de pacto, questão relacionada ao processo de ensino estabelecido, onde os estudantes puderam se apropriar melhor da prática e conseqüentemente da sua lógica interna. Além disso, a análise feita com o grupo das condutas desajustadas e perversas que foram manifestadas surtiu efeito para o não

aparecimento delas na observação final, parâmetro positivo para o sucesso do processo instaurado.

Assim, neste primeiro momento serão destacadas as condutas motrizes ajustadas encontradas na prática, revelando condutas diferentes, mas que apresentaram certas semelhanças na análise das condutas como um todo, mostrando diferenças entre elas.

COMPROMETIDO	Explorou novos planos no intuito de desatar nós próximos.
SOLIDÁRIO	Manteve as mãos unidas, mesmo em situações em que necessitam realizar esforço extenuante e desconfortante em prol das ações dos companheiros.
	Auxiliou colegas com demonstrações a respeito de movimentações eficientes.

No item comprometido, foram agrupadas as condutas em que os protagonistas demonstraram entusiasmo nas situações motrizes que a prática requereu. Portanto, pode-se perceber condutas onde a lógica interna do jogo foi respeitada, sendo explorada de maneira singular pelos participantes. Assim, os indivíduos se mostraram envolvidos no desenvolvimento da prática, produzindo soluções a partir das demandas que surgiam (LAGARDERA; LAVEGA, 2004; LAVEGA, 2018).

De acordo com isso, notou-se no decorrer do desenvolvimento da observação final do nó humano, participantes se deslocando com o intuito de buscar a eliminação dos nós diante de diferentes planos. Isso foi refletido, em pulos de alguns estudantes para passar com cima dos braços abaixados e próximos ao chão de outros jogadores, como também em momentos que certos alunos se abaixaram ou rastejaram para passar por baixo dos braços de outros participantes que estavam levantados.

Como colocado, essas condutas abrangiam a tentativa de desenrolar os nós vigentes e nessa exploração das possibilidades, foi mostrado um comprometimento com a prática, pois além de serem empregadas com as condições estipuladas, houve uma investigação e realização de novas ações em comparação com a observação inicial, diante de inovações nos movimentos para alcançar o objetivo do jogo.

No conjunto solidário, foram compiladas condutas nas quais os protagonistas se esforçavam ao máximo para alcançar o sucesso do coletivo, colocando-se à disposição

de seus companheiros, mesmo quando as consequências da situação não são vantajosas ou confortáveis (LAGARDERA; LAVEGA, 2004; LAVEGA, 2018).

Portanto, este item estabelece estreita relação com a cooperação pelo fato de estimular intervenções nas quais os alunos consigam se ajudar de maneira direta no transcorrer do desenvolvimento da atividade, além de ser interessante ressaltar a aderência estabelecida na prática, pois a utilização de ações de maneira extenuante, mas também elaborada em decorrência do sucesso do grupo, incorporou-se de um modo significativo com a estruturação dos movimentos.

No momento de observação final foi possível perceber o empenho de um dos participantes em elucidar de maneira prática outros jogadores com certa dúvida na execução de ações, auxiliando com demonstrações daquilo que havia sido estipulado e repetindo em caso de a incerteza persistir. Isto foi notado algumas vezes, sendo importante destacar que destas condutas surtiram consequências positivas, pois os alunos que se mostravam inseguros devido a uma falta de entendimento dos movimentos, conseguiram se apropriar das ações e prosseguiram contundentes com a atividade.

Além do que, notou-se alguns participantes realizando ações em prol do grupo se colocando em posições desconfortáveis para que os demais executassem movimentos em conjunto visando o desmembramento dos nós. Estes posicionamentos possibilitaram a passagem dos jogadores por caminhos desafiadores, em função da maneira como se encontravam para uma melhor configuração e distribuição.

Esta conduta também foi manifestada por participantes do nó humano no trabalho desenvolvido por Lavega, Planas e Ruiz (2014), em que jogadores acabaram se sacrificando para favorecer as ações dos companheiros, colocando-se em situações incomodas.

Em se tratando das condutas motrizes de pacto na observação final, foi possível encontrar no desenvolvimento da prática apenas condutas referentes à proposição de um pacto.

	Estipulou um consenso para terminar a prática de costas ou olhando de frente o círculo central.
--	---

PROPÔS UM PACTO	Propôs a combinação de um novo movimento após cada realização de um, pensando em conjunto no que fazer a cada novo passo.
-----------------	---

Sendo assim, em uma das condutas agrupadas neste conjunto, percebeu-se que o participante procurou estabelecer junto aos demais um consentimento, onde foi discutido previamente ao início das movimentações, a partir da maneira como os jogadores estavam dispostos, se o grupo finalizaria a atividade ficando de frente para o centro ou se terminariam de costas. Esse processo, requereu que os estudantes analisassem futuras jogadas e planejassem suas ações, influenciando positivamente na construção empreendida das estratégias durante o jogo, além de estimular a percepção da conscientização corporal no espaço e maneiras de transformá-la a partir de uma estruturação cognitiva e motora.

Outra conduta observada, foi a expressa por um dos participantes que ao final da realização pelo grupo de um dos movimentos idealizados, solicitava a criação de uma nova ação planejada, incentivando uma colaboração mútua na prática. Isso acabava impedindo ações desmedidas e carentes de ideias, além de fortalecer a cooperação dos envolvidos no desenvolvimento do jogo.

Deste modo, após abordar de forma mais abrangente as condutas motrizes dos estudantes na prática sociomotriz de cooperação em ambas as observações, além de discorrer como o processo de ensino vinculado à está prática aconteceu, mostra-se possível entender a significação deste processo no entendimento da cooperação que o grupo deveria produzir diante da vivência do nó humano.

O comparativo das condutas reveladas na observação inicial e final, permite constatar que a apropriação da lógica interna reflete nas condutas motrizes dos participantes, assim, obter clareza do funcionamento da prática e do seu papel nela, corrobora para poder imprimir relações significativas em decorrência com os objetivos norteadores do jogo. Fato que pode ser encontrado na falta de condutas desajustadas e perversas, além da presença de condutas ajustadas e de pacto na avaliação final.

Assim, o processo de ensino realizado gerou um maior conhecimento pelos alunos dos elementos e características do nó humano, além dos aspectos que permeiam a cooperação disponível no desenvolvimento do jogo. Refletindo na expressão,

predominantemente, de condutas ajustadas e de pacto na observação final, pois o trabalho desprendido diante das condutas desajustadas e perversas decorrentes da observação inicial, feita no processo de ensino, possibilitou a manifestação de condutas atreladas com a lógica interna da prática.

Ao fim foi viabilizado uma roda de conversa com os estudantes, com o intuito de que eles pudessem expressar suas impressões e experiências com o processo de ensino da prática sociomotriz de cooperação, além de ser difundido o progresso instaurado na prevalência das condutas nas avaliações, sendo possível que os participantes percebessem a significação do conhecimento apropriado.

4.2 Condutas Motrizes identificadas nas práticas sociomotrizes de oposição

A segunda prática sociomotriz desenvolvida com a turma foi a de oposição, em que o jogo arranca rabo foi escolhido para a vivência, com o propósito de averiguar as condutas motrizes manifestadas pelos participantes diante da sua experimentação.

Deste modo, a avaliação inicial aconteceu na primeira aula do processo de ensino, sendo realizada junto as três práticas sociomotrizes, e após, a conclusão da prática sociomotriz de cooperação, foi a vez da prática sociomotriz de oposição. Assim, antes do seu início, houve a recapitulação de como a brincadeira seria desenvolvida, de acordo com as regras e as relações estabelecidas, para em seguida distribuir os coletes e os estudantes pelo espaço de jogo.

Portanto, perante a está primeira vivência dos alunos com o arranca rabo, a observação inicial aconteceu, na qual foi encontrado a exteriorização das condutas motrizes pelos protagonistas destacadas no Quadro 9.

QUADRO 9: OBSERVAÇÃO INICIAL DAS CONDUTAS MOTRIZES DOS ALUNOS NA PRÁTICA MOTRIZ DE OPOSIÇÃO

Prática Sociomotriz de Oposição = ARRANCA RABO			
Condutas Motrizes Ajustadas	Condutas Motrizes Desajustadas	Condutas Motrizes Perversas	Condutas Motrizes de Pacto

Fintou corporalmente de outro colega para se desmarcar de uma investida contra seu colete.	Combinou com outro colega em roubar em conjunto coletes.	Segurou colete que estava em sua cintura no momento de outro participante roubar o mesmo.	
Continuou a realização do jogo após a perda de seus rabos.	Propôs entre os colegas mais próximos que se ajudassem.	Roubou coletes que estavam na mão de outro participante.	
Deixou o seu colete ser roubado quando não conseguiu desviar de um ataque de outro participante.	Agiu de maneira conjunta com outro colega, corporalmente, para outro perder seu rabo, bloqueando a sua passagem.	Empurrou e segurou diferentes colegas repetidas vezes para conseguir pegar o colete deles.	
Manutenção de seu colete, protegendo-o corporalmente em investidas.	Parou a realização de suas ações no momento que os seus coletes foram roubados.	Colocou a maior parte do colete dentro da bermuda, deixando pouca parte dele para fora.	
Roubou de forma efetiva nas ações de ataque.	Acuou o adversário em certo canto do espaço de jogo junto com outro colega para um deles roubar o colete.		
Imprimiu certa distância de seus adversários.			

Fonte: o autor

A partir do exposto, a prática sociomotriz de oposição manifestou nos participantes condutas dos três tipos: ajustadas; desajustadas e perversas, fato explicado pela essência do jogo, por se tratar de uma prática de oposição, o arranca rabo inviabiliza a expressão de condutas de pacto pelos jogadores com os demais. Dito isso, iniciarei pela apresentação das condutas ajustadas, que foram agrupadas em três itens, na qual a reunião das condutas foi possível devido a aspectos semelhantes que elas carregam, condizentes com aquilo trazido pelo conjunto em que estão.

	Fintou corporalmente de outro colega para se desmarcar de uma investida contra seu colete.
--	--

EFICAZ	Manutenção de seu colete, protegendo-o corporalmente em investidas.
	Roubou de forma efetiva nas ações de ataque.
DISCIPLINADO	Deixou o seu colete ser roubado quando não conseguiu desviar de um ataque de outro participante.
	Continuou a realização do jogo após a perda de seus rabos.
CAUTELOSO	Imprimiu certa distância de seus adversários.

No conjunto eficaz, como mencionado anteriormente, encontra-se condutas onde os participantes agem com eficiência perante a lógica interna das atividades e a interação com os demais protagonistas. Assim, nota-se que os indivíduos atuaram de forma categórica em suas ações, ou seja, além de seguirem a lógica do jogo, produziram condutas que se revelaram assertivas nas decisões tomadas no decorrer da prática (LAGARDERA; LAVEGA, 2004; LAVEGA, 2018).

Diante disso, faz-se importante relembrar a estrutura e o objetivo empregos para a vivência do arranca rabo, sendo que, na brincadeira os jogadores iniciam o seu desenvolvimento com dois coletes presos somente pelas pontas na cintura, devendo protegê-los de tentativas de roubo dos adversários através de desvios corporais e podendo pegar o colete dos oponentes também. Os coletes roubados não precisam ser presos novamente na cintura e podem ficar nas mãos dos jogadores que pegaram, além desses coletes não poderem ser roubados uma segunda vez, onde cada colete que foi pego vale 1 ponto e coletes mantidos valem 2 pontos. O intuito do jogo é pegar o colete dos oponentes e buscar ficar com os seus, por meio de algumas regras.

Na observação inicial, foi possível observar um dos participantes desviando de um empreendimento mal sucedido de outro colega de roubo de um dos seus coletes, esse desvio corporal possibilitou que o jogador mantivesse seus coletes e deixou o adversário distante do seu objetivo. Essa conduta, além de ser expressa seguindo a lógica interna da brincadeira, foi executada de forma assertiva, corroborando positivamente com a decisão tomada diante da situação em que se encontrava.

Em outra circunstância, em que outra investida de tomada de colete foi realizada, observou-se um dos jogadores buscando manter o seu colete restante consigo,

executando movimentos de proteção visando sua manutenção, assim, criou uma espécie de barreira corporal onde o colete ficou escondido, impedindo-o de ser perdido.

Assim, em ambos os casos, percebe-se soluções corporais para desafios que surgiram com o decorrer do jogo, onde os participantes precisavam pensar e em seguida agir de forma rápida e consistente, necessitando desprender atenção e raciocínio lógico em suas ações. Elas apresentam semelhanças quanto aos aspectos levantados, mas também algumas divergências quanto as características e capacidades físicas requeridas para a sua execução, onde a primeira impõem uma maior velocidade e agilidade, já a segunda demanda uma maior força e um uso do seu corpo de maneira diferente, mas que buscam continuar com seus coletes, não deixando que o adversário fique com eles.

De acordo com a outra conduta ajustada observada, foi possível notar que o jogador a realizou em um momento de ataque, diferente das condutas anteriores que foram executadas em situações de defesa de seus coletes. Portanto, este participante procurou puxar um dos coletes na cintura de outro estudante, a partir de uma investida em que fez uma aproximação veloz deste indivíduo e ao chegar próximo dele pegou o colete, distanciando-se na sequência com o colete em mãos. Esta conduta empreendida, seguiu as regras da dinâmica, além de acontecer com uma alta precisão, favorecendo a sua condição no jogo e aumentando a sua pontuação.

No conjunto disciplinado, as condutas selecionadas representam atitudes que atendem a lógica interna da prática, mesmo que a ação que as desencadeou não seja favorável ao indivíduo que as expressou (LAGARDERA; LAVEGA, 2004; LAVEGA, 2018).

Deste modo, neste item os envolvidos na prática desenvolveram condutas onde seguem as regras estipuladas, tanto em ações promissoras para a sua situação no jogo, como em momentos em que seus movimentos não trazem certas consequências benéficas ou quando condutas realizadas por outros influenciam negativamente na circunstância do participante na brincadeira. Diante desses momentos no transcorrer da prática, as condutas nessa categoria manifestadas pelos jogadores, vão de acordo com o regimento incorporado para sua vivência.

Portanto, na observação inicial do arranca rabo foi notado que alguns participantes entenderam e cumpriram um dos elementos pertencentes as regras que deveriam seguir no desenvolvimento do jogo, pois a partir de investidas dos seus oponentes em tentativas de pegar os coletes presos nas suas cinturas, quando esses ataques eram bem sucedidos, os jogadores envolvidos na perca de seu rabo aceitavam está condição, sem inviabilizar esse fato com reclamações ou tumultos. Assim, os ataques adversários eram neutralizados por esses alunos através de desvios e proteções dos seus coletes com condutas possíveis na prática, mas quando esse cenário não era concretizado e o outro jogador conseguia pegar o colete, também de uma maneira que seguia a lógica interna, deixava que isso acontecesse por entender a dinâmica instituída.

A outra conduta observada que foi agrupada neste item por apresentar elementos semelhantes para sua inclusão, pois os participantes envolvidos também permitiram o roubo de seus rabos quando os oponentes realizaram isso dentro das regras estipuladas. O que acaba divergindo da conduta colocada acima, é que nessas situações em que os jogadores perderam seus coletes, a ação dos oponentes acabou surpreendendo-os, pois não haviam percebido a aproximação deles e conseguido desviar ou proteger o colete, sendo surpreendidos.

No item cauteloso, como já abordado na prática sociomotriz de cooperação e que também apresentou condutas na prática sociomotriz de oposição, mostra-se como um conjunto em que as condutas identificadas são agrupadas, pois apresentam características onde os protagonistas executam ações de maneira preventiva, visando consequências significativas. Portanto, o risco acaba sendo medido e a atenção redobrada, para que condutas convenientes sejam experimentadas (LAGARDERA; LAVEGA, 2004; LAVEGA, 2018).

Neste sentido, foi percebido durante a realização da prática sociomotriz de oposição, participantes que optaram por se manter afastados de seus adversários em alguns momentos, com o intuito em permanecer na posse de seus coletes. Essa conduta adotada, possibilitou certa segurança nestas ocasiões em que a distância foi imposta, por conta do conforto oferecido em manter o colete consigo.

Além disso, o aparecimento desta conduta se mostra um reflexo da mensuração dos riscos que a prática está demandando feita pelos jogadores, pois ela requer noção

de como os oponentes estão distribuídos no espaço de jogo e se podem oferecer consequências negativas a partir de onde estão colocados. Foi possível perceber a atenção despendida pelos estudantes para que esta análise acontecesse de maneira significativa, prevenção que em diversos momentos, favoreceu o jogador a permanecer com seu colete.

Em relação as condutas desajustadas, manifestadas pelos alunos na observação inicial da prática sociomotriz de oposição, houve o enquadramento destas condutas em dois itens que serão apresentados a seguir.

INEFICIENTE	Parou a realização de suas ações no momento que os seus coletes foram roubados.
ANTAGONISTA	Combinou com outro colega em roubar em conjunto coletes.
	Propôs entre os colegas mais próximos que se ajudassem.
	Agiu de maneira conjunta com outro colega, corporalmente, para outro perder seu rabo, bloqueando a sua passagem.
	Acuou o adversário em certo canto do espaço de jogo junto com outro colega para um deles roubar o colete.

Na categoria ineficiente, como já trazido, agrupou-se condutas em que a lógica interna da prática não fora seguida, além de ser verificado respostas com caráter inapropriado. Assim, os participantes expressaram atitudes desvinculadas da ideia do jogo, sendo ineficientes e incorretas para a sinalização de sucesso nas situações abrangidas (LAGARDERA; LAVEGA, 2004; LAVEGA, 2018).

De acordo com isso, na experimentação do arranca rabo foi possível observar um dos participantes agindo de maneira equivocada, pois ao perder o seu segundo colete, interrompeu suas ações, conduta que interferiu nas regras que regem o jogo. Essa conduta, mostra-se desajustada pelo fato de existir a possibilidade de continuar no jogo realizando suas ações, caso o jogador esteja sem os seus coletes presos na cintura.

Após esta interrupção executada pelo estudante, o mesmo permaneceu parado por um instante, até perceber em seu entorno que outros jogadores que também se encontravam sem seus coletes, prosseguiram com a vivência da prática. Esta observação estabelecida pelo participante, fez com que ele notasse que esses alunos estavam

tentando pegar outros coletes, aqueles presos nas cinturas dos demais, isso interferiu positivamente nas suas ações futuras, pois a partir deste entendimento voltou a se movimentar para buscar capturar novos coletes e pontuar na brincadeira.

No conjunto antagonista, recapitulando aquilo que ele representa, as condutas expressadas foram agrupadas, pois as características apresentam caráter de prejuízo aos outros participantes. Assim, encontra-se persuasão de alguns participantes para agirem de maneira contrastante ao sentido da prática, onde a impossibilidade de situações condizentes gerada em alguns indivíduos proporciona desvantagem e segregação (LAGARDERA; LAVEGA, 2004; LAVEGA, 2018).

Assim, nota-se que neste item há uma reunião de condutas em que os envolvidos na prática buscam desenvolver uma parcela de cooperação com outros jogadores para obterem vantagem em relação ao restante dos protagonistas. Pelo fato do arranque de rabo se tratar de uma brincadeira com caráter de oposição, relações colaborativas empregadas com o intuito desfavorecer outros participantes em detrimento próprio, mostram-se como condutas desvinculadas com a lógica interna que rege o jogo.

Diante disso, foi possível perceber dois estudantes estabelecendo um combinado entre eles, pois uma parceria acabou sendo criada para que o roubo de coletes pudesse favorecer ambos os participantes, assim, as investidas de ataque acabaram acontecendo em conjunto entre esses jogadores. Esse processo, se sucedeu quando os alunos, além de atacarem os outros juntos, dividiam os coletes que roubavam, intercalando aquele que ficava com o rabo de outro adversário, após a concretização de investidas que se distanciavam das regras estipuladas para o desenvolvimento da dinâmica.

Em outra situação, alguns jogadores que se encontravam próximos no espaço de jogo resolveram estabelecer contribuições de forma conjunta, com o propósito em permanecer com seus rabos, para que as pontuações recebidas fossem altas. Assim, a ideia instaurada, estava em protegerem os coletes que estavam em suas cinturas de forma colaborativa, impedindo que os adversários puxassem seus rabos. Com decorrer do jogo, esses alunos começaram a coagir outros jogadores que estavam naquela região da quadra, indivíduos que também realizavam ações defensivas para a manutenção dos colegas com maior pontuação, incitando para se juntarem a eles na cooperação

executada e quando esses não aceitavam, a dupla de participantes os ameaçava dizendo que roubariam os coletes da sua cintura.

Além disso, foi possível notar que, em outro momento, dois jogadores procuraram efetuar ações de ataque, visando pegar os coletes dos adversários, na companhia um do outro. Essa união estabelecida decorreu após ambos os participantes se encontrarem sem mais rabos em suas cinturas e pouco sucesso nas investidas que desempenharam sozinhos, pois não obtinham coletes em suas mãos também. Portanto, a estratégia que utilizaram estava nas ações ofensivas que empregavam, pois nas aproximações do oponente um dos alunos criava barreiras com seu corpo, impedindo que este desviasse da puxada do outro estudante. Ao passo que conseguiam ficar com o colete a divisão acontecia, uma vez que aquele que puxou ficava com o colete e na investida seguinte isso se invertia, pois aquele que foi a barreira fazia a puxada para roubar e ficar com o colete.

A última conduta desajustada observada na observação inicial mostrou-se a partir da sua execução em grupo, na qual alguns participantes estabeleceram investidas de ataque aproximados um dos outros, procurando acuar outro jogador nas paredes que contornavam a quadra, impossibilitando que o oponente fugisse, para que seu colete pudesse ser pego. Esses alunos alternavam-se com aquele que roubava, enquanto os demais faziam as barreiras, fato que, foi visto em alguns momentos. Porém, essa estratégia incorporada que se desassocia da lógica interna do jogo, acabou sendo interrompida depois de aparecer em certas circunstâncias, pois percebeu-se que os envolvidos deixaram de colaborar entre si, ao passo, que aqueles indivíduos atingidos por essa conduta expunham sua indignação, mostrando que aquilo que estavam fazendo estava errado.

De acordo com as condutas motrizes perversas encontradas na observação inicial, foram utilizados dois itens incorporados na prática sociomotriz de cooperação, sendo colocados da seguinte maneira.

INDISCIPLINADO	Empurrou e segurou diferentes colegas repetidas vezes para conseguir pegar o colete deles.
	Segurou colete que estava em sua cintura no momento de outro participante roubar o mesmo.

DESCUMPRIU AS REGRAS	
	Roubou coletes que estavam na mão de outro participante.
	Colocou a maior parte do colete dentro da bermuda, deixando pouca parte dele para fora.

No conjunto indisciplinado, como apresentado em momento anterior neste trabalho, são agregadas condutas onde os protagonistas atuam de modo em que afetam diretamente os demais participantes. Assim, neste campo de condutas, são percebidas atitudes negativas de um indivíduo com outro, por meio de ações distantes do modelo do jogo, onde o outro acaba sendo incomodado (LAGARDERA; LAVEGA, 2004; LAVEGA, 2018).

Assim, tornou-se possível perceber na experimentação inicial pelos estudantes do arranca rabo, condutas desproporcionais que refletiram de maneira negativa perante alguns dos demais alunos que estavam vivenciando a prática, além de se tratar de condutas que desrespeitam a lógica interna estabelecida para o jogo.

Posto isto, dois participantes protagonizaram essas condutas em alguns momentos diferentes do desenrolar da dinâmica, onde em tentativas de pegar os coletes de outros jogadores, não fizeram isso diante das regras estipuladas, mas proferiram empurrões nesses indivíduos para que ficassem desequilibrados e a captura do colete pudesse ser facilitada, ademais, seguraram alguns estudantes em suas investidas de ataque, fazendo com que esses permanecessem presos para que o roubo do rabo pudesse se suceder. Esses participantes, executaram tais atitudes em algumas circunstâncias, sendo possível ser observadas.

Porém, diante de determinadas reclamações dos alunos atingidos pelas condutas, os responsáveis por proferi-las, notaram que essas ações estavam sendo desvinculadas daquilo pregado para o desenvolvimento do arranca rabo, e após esse processo, deixaram de imprimi-las nas suas tentativas de ataques a novos rabos de seus adversários. Mesmo com essa conscientização tardia, as condutas perversas já haviam sido empregadas e outros participantes afetados.

No item descumpriu as regras, de forma semelhante àquilo discutido anteriormente, foram reunidas as condutas que descumprem com as regras estipuladas para o desenvolvimento da prática, sendo desrespeitado pelos participantes. Portanto,

nota-se que as ações expressadas não são permitidas de serem incorporadas, indo na contramão daquilo balizado pelas regras do jogo (LAGARDERA; LAVEGA, 2004; LAVEGA, 2018).

Com isso, a realização da avaliação inicial possibilitou a percepção de diversas condutas que se encaixam neste conjunto, a partir das características apresentadas por elas, pelo fato de estarem em desacordo com as regras estabelecidas para a realização da prática sociomotriz de oposição nesta oportunidade, prejudicando as relações que o jogo demanda e o seu desenvolvimento conveniente.

Desta maneira, um dos casos observados ocorreu diante de uma investida de ataque de determinado jogador, pois outro indivíduo não permitiu que o seu rabo fosse roubado, visto que agarrou o colete que estava preso em sua cintura no momento da puxada deste jogador. Está conduta, mostra-se imprudente na realização do jogo, pois uma das regras determina a impossibilidade de segurar os coletes que estão presos na cintura dos protagonistas, onde após o momento que os coletes são distribuídos, eles devem ser presos na cintura e não podem mais serem segurados, principalmente nas situações de tentativas de serem pegos. Para que isso não aconteça, o participante deve protegê-lo com seu corpo ou fugir desta investida contra seu rabo, sem que este esteja impedido por uma agarre.

Em outra situação, foi possível observar outro participante executando uma conduta que descumpre uma das regras estipuladas para a realização do jogo, devido a captura de coletes que proferiu, pegando coletes que estavam na mão de outro estudante. Isso diverge daquilo possível, pois foi passado aos alunos que os rabos roubados por eles não precisariam ser colocados na cintura, uma vez que esses rabos não poderiam ser roubados novamente, estando seguros em suas mãos. Assim, percebe-se que o jogador desrespeitou a lógica interna, realizando um ataque inviável para o desenvolvimento da prática.

Como colocado, antes do início do jogo, foram distribuídos aos protagonistas dois coletes, responsáveis por serem os rabos dos participantes e que deveriam ser presos em suas cinturas somente pelas pontas, para os quais a maior parte deles deveria ficar a mostra. Todavia, um dos alunos acabou não fazendo isso, pois colocou a maior parte dos coletes dentro de sua bermuda, deixando um pouco menos da metade dos coletes

para fora, atitude que foi na contramão daquilo instituído para ser executado. Essa conduta fez com que a captura dos seus coletes fosse dificultada, colocando esse jogador em uma situação mais confortável, mas ao mesmo tempo injusta ao se comparar com a situação de seus oponentes que prenderam seus coletes de forma apropriada.

Deste modo, após o desenvolvimento da observação inicial da prática sociomotriz de oposição representada pela vivência do arranca rabo, na aula destinada para esse momento, onde foi possível coletar condutas dos três tipos apresentados, o processo de ensino destinado para está prática foi capaz de ser iniciado.

Sendo assim, diante daquilo exposto, após as observações iniciais das três práticas sociomotrizes na primeira aula, seria desenvolvido o processo de ensino dentro de seis aulas, para que na oitava aula fosse realizada as avaliações finais. A divisão das aulas do processo de ensino das práticas foi feita destinando duas aulas para o trabalho com cada prática sociomotriz, pois em um primeiro momento foi a prática de cooperação, para em seguida ser a vez da prática de oposição e por fim da prática de cooperação e oposição.

Além disso, mostra-se importante ressaltar que cada processo de ensino apresenta suas particularidades, pelo fato de serem apoiados nas observações iniciais e, conseqüentemente, no entendimento prévio dos estudantes de cada prática. Sendo que, isso acaba refletindo nas condutas motrizes evidenciadas pelos alunos na realização de cada jogo, questão apoiada na lógica interna que rege cada um deles. Por isso, muitas das condutas desajustadas e perversas vistas na observação inicial, podem ser fruto de uma falta de conhecimento e entendimento da lógica interna da prática, assim como, as condutas ajustadas percebidas nesta primeira observação, podem estar atreladas com uma apropriação da lógica interna da mesma.

Dessa maneira, este tempo que o processo de ensino obtém para aprofundar as características e os elementos essenciais do arranca rabo e, por consequência, das práticas sociomotrizes de oposição, mostra-se fundamental para que a sua vivência seja enriquecida, de acordo com as relações que estabelece e com as exigências que requer.

Assim, na primeira aula destinada para o início do processo de ensino do arranca rabo, busquei conversar com o grupo de alunos para entender aquilo que haviam entendido a respeito da lógica interna do jogo, através da análise conjunta de como a

experimentação inicial se desenrolou. Isso possibilitou, perceber as fragilidades de entendimento que obtinham, para que o sequenciamento do processo pudesse ser construído, atendendo essas carências que explicam o aparecimento de determinadas condutas desajustadas e perversas na avaliação inicial.

A partir deste debate e da investigação instaurada, foi-se estabelecendo uma recapitulação da configuração adotada para o primeiro desenvolvimento do jogo. Nesse procedimento, tornou-se possível a percepção por parte dos alunos das condutas que eram relevantes e das que mostravam-se incompatíveis em serem manifestadas durante a prática, corroborando para uma maior apropriação do funcionamento do arranca rabo.

Essa estratégia foi utilizada, devido a quantidade observada de condutas perversas e desajustadas expressa pelos participantes na avaliação inicial, e com o intuito de construirmos o conhecimento juntos, a partir da análise que eles fizeram de como interagiram com a prática e com os demais jogadores, os elementos constituintes do arranca rabo foram sendo abordados. Assim, o entendimento da lógica interna do jogo foi sendo apropriado pelos estudantes com uma reflexão sobre as condutas que eles já haviam manifestado, sendo sugerido que as ajustadas foram realçadas, já as desajustadas e perversas foram contextualizadas.

Em sequência a esse momento de apontamentos, análise e reflexão da prática, seguimos para a vivência do arranca rabo novamente, dentro do mesmo modelo em que a avaliação inicial aconteceu, mas desta vez, com os participantes mais conscientes. Portanto, nesta nova realização do jogo, tornou-se possível notar a prevalência de condutas ajustadas e em decorrência com a lógica interna estabelecida, mas ainda surgiram condutas desajustadas e perversas manifestadas por alguns estudantes.

Mostra-se relevante abordar, o momento da dinâmica, mais especificamente a parte final, destinado para a contabilização dos pontos de cada jogador, onde a contagem dos coletes que cada participante obtém acontece e define a pontuação deles. Os indivíduos que permanecem com seus rabos ganham dois pontos para cada colete mantido, e sendo um ponto dado para cada colete capturado. Assim, percebe-se que nas duas vivências realizadas até então do arranca rabo, este momento de contagem dos pontos acabou sendo prejudicado, pois devido a existência de condutas desajustadas e perversas em ambas as experimentações, determinados coletes que

estavam em posse de alguns alunos e outros que permaneceram com certos estudantes, não deveriam estar com eles.

Desta forma, a segunda aula do processo de ensino da prática sociomotriz de oposição, começou abordando justamente esta questão. De maneira semelhante, procuramos discutir e analisar a vivência anterior da brincadeira, mas nesta oportunidade, os estudantes que realizaram as condutas desajustadas e perversas pediram a palavra para apontar as atitudes manifestadas por eles que se dissociavam da lógica interna da prática, assumindo o equívoco nas investidas de ataque e na maneira como mantiveram os seus coletes. Esse entendimento, fortalece o processo de ensino e demonstra uma maior clareza e apropriação da lógica interna do jogo.

Diante disso, a partir de uma evolução no conhecimento acerca do regimento estabelecido para o desenvolvimento do arranca rabo, além das devidas relações que deveriam ocorrer, foi sugerido uma diversificação das regras que seriam assumidas para uma nova vivência. Essa situação, possibilita que os estudantes pensem nos elementos que o jogo possui e faz com que modulem esses aspectos, instigando a cognição e a autonomia deles, pois experimentariam aquilo criado em conjunto.

Por meio desta estratégia, foi possível que os estudantes trabalhassem em colaboração para a constituição de uma brincadeira reformulada, onde as ideias eram expressas e debatidas para um consenso comum, mesmo se tratando de uma prática opositiva, procurou-se desenvolver a cooperação no processo de ensino. Dito isso, dois elementos foram alterados para que duas rodadas do jogo fossem realizadas, cada uma com um novo aspecto reformulado.

A partir das ideias levantadas, as maneiras escolhidas foram: a distribuição de apenas um colete para ser preso na cintura, ao invés de dois como estava sendo empregada; e a possibilidade de prender o colete apenas na parte posterior da cintura, como uma espécie de rabo, diferenciando do modo adotado onde havia a alternativa de colocar os coletes em qualquer lugar da cintura. Essas novas formas de jogar, deixaram a prática mais desafiadora e menos previsível em certos pontos, possibilitando uma maior atenção para o único rabo que possuíam.

Essa reformulação, semelhante àquilo percebido no processo de ensino anterior, foi possível devido a uma apropriação da lógica interna da prática conquistada pelos

estudantes no decorrer da difusão deste processo. E isso, acabou sendo confirmado, ao passo que no transcorrer de ambas as novas formas encontradas de vivenciar o arranca rabo, não foi notado a manifestação de condutas desajustadas e perversas.

Assim, a segunda aula chegou ao final com a realização da prática de oposição diante do segundo formato estipulado, sendo realizada uma recapitulação daquilo aprendido com o processo de ensino até o momento, na qual as impressões puderam ser compartilhadas, além de ser explicado que a observação final, presente no Quadro 10, seria desenvolvida de acordo com a primeira maneira como haviam vivenciado a prática na observação inicial, com as regras e os elementos preservados.

QUADRO 10: OBSERVAÇÃO FINAL DAS CONDUTAS MOTRIZES DOS ALUNOS NA PRÁTICA MOTRIZ DE OPOSIÇÃO

Prática Sociomotriz de Oposição = ARRANCA RABO			
Condutas Motrizes Ajustadas	Condutas Motrizes Desajustadas	Condutas Motrizes Perversas	Condutas Motrizes de Pacto
Execução de ações rápidas na busca por um colete adversário.			
Mudanças de direção constantes nas investidas de dois adversários.			
Mapeou o espaço de fuga, aliando as suas ações com as possibilidades, a partir de investidas adversárias.			

Fonte: o autor

De acordo com observação final da prática sociomotriz de oposição, foi possível identificar somente condutas ajustadas manifestadas pelos participantes, as quais foram reunidas em dois itens, em que novamente, apenas novas condutas exteriorizadas foram retratadas, ficando da seguinte forma.

EFICAZ	Mapeou o espaço de fuga, aliando as suas ações com as possibilidades, a partir de investidas adversárias.
COMPROMETIDO	Execução de ações rápidas na busca por um colete adversário.
	Mudanças de direção constantes nas investidas de dois adversários.

No conjunto eficaz, recapitulando aquilo já trazido, encontra-se condutas onde os participantes agem com eficiência perante a lógica interna das atividades e a interação com os demais protagonistas. Assim, nota-se que os indivíduos atuaram de forma categórica em suas ações, ou seja, além de seguirem a lógica do jogo, produziram condutas que se revelaram assertivas nas decisões tomadas no decorrer da prática (LAGARDERA; LAVEGA, 2004; LAVEGA, 2018).

Deste modo, está conduta observada em alguns participantes, foi incorporada em determinadas circunstâncias do jogo, favorecendo as movimentações realizadas para a manutenção dos coletes que valiam mais pontos, ou seja, aqueles presos em suas cinturas. Portanto, percebia-se que esses participantes, diante de investidas de ataque dos seus adversários, buscavam mapear o espaço de jogo para estabelecer uma rota de fuga, desenvolvendo ações eficientes onde desviavam de oponentes e ocupavam espaços vazios, favoráveis para continuar em posse de seus rabos e planejar este processo novamente, a partir de situações parecidas.

Assim, a conduta se mostrou condizente com a lógica interna da prática sociomotriz de oposição, além de ser incorporada de maneira eficaz, refletindo em consequências positivas para a continuidade do arranca rabo. Está prática, necessita que os seus jogadores desenvolvam estratégias e ações com esse caráter, onde os movimentos são pensados para que as jogadas possam ser realizadas, para que haja uma potencialidade nas chances de os objetivos serem concretizados.

No item comprometido, agrupou-se condutas em que os protagonistas demonstraram entusiasmo nas situações motrizes que a prática requereu. Portanto, pode-se perceber condutas nas quais a lógica interna do jogo foi respeitada, sendo explorada de maneira singular pelos participantes. Assim, os indivíduos se mostraram envolvidos no desenvolvimento da prática, produzindo soluções a partir das demandas que surgiam (LAGARDERA; LAVEGA, 2004; LAVEGA, 2018).

Dito isso, durante a observação final, notamos duas condutas expressas pelos estudantes que apresentam as características necessárias para serem agrupadas neste conjunto, pois novamente, ações destinadas a manutenção dos coletes se deram pelos participantes diante de deslocamentos, mas também ações ofensivas produzidas foram encontradas, com o intuito de tomar posse de outros rabos.

Desta forma, foi possível constatar que alguns jogadores, nas circunstâncias em que realizavam investidas de ataque para capturar rabos dos adversários, buscavam desprender grande atenção para o momento de puxar os coletes. Portanto, nessas situações, foi visto que a partir de jogadas ofensivas planejadas, esses participantes destinavam demasiada concentração para executar um agarre preciso e uma puxada rápida para ficar em posse dos coletes. Esse envolvimento desprendido, possibilitou um maior acerto nas ações deles, gerando consequências positivas tanto para investidas bem sucedidas, como para a situação em que se encontravam no jogo, pois quanto mais coletes possuíam, mais pontos poderiam conquistar.

Além disso, outra conduta encontrada na observação final manifestada por um dos protagonistas estabeleceu-se diante de condições impostas pelo jogo e por seus adversários, a partir de tentativas executadas por eles em ficar com os coletes que estavam presos em sua cintura. Dentro disso, este jogador procurava se desvincular dessas investidas, com desvios e fugas em altas velocidades, além de empregar constantes mudanças de direção, fato que, dificultava a perseguição dos oponentes. Essa conduta, favorecia a manutenção dos seus rabos, mas também requeria do estudante comprometimento com a prática, pois as ações necessitavam dedicação para acontecerem de maneira perspicaz.

Sendo assim, ao fim da realização da observação final do arranca rabo, foi sugerido uma retomada daquilo desenvolvido no processo de ensino da prática sociomotriz de oposição, deixando aberto para que os alunos colocassem as suas impressões e os seus aprendizados. Esse momento, mostra-se fundamental pois nele é possível perceber o entendimento de como o processo se deu para os alunos, além de implementar um ambiente saudável para que as ideias sejam apresentadas e o debate construtivo.

Dessa maneira, por meio das exposições dos alunos e do comparativo das condutas encontradas em cada avaliação, torna-se possível compreender que o processo de ensino favoreceu uma maior apropriação dos estudantes acerca da prática e dos aspectos opositivos que a mesma requer, pois as relações entre os envolvidos acabaram sendo aprimoradas, questão notada nas condutas manifestadas em decorrência com a lógica interna do jogo.

Isso explica a apresentação somente de condutas ajustadas pelos protagonistas na observação final, pois as condutas perversas e desajustadas encontradas na observação inicial, foram trabalhadas em torno da lógica interna que o jogo trazia, podendo ser compreendida pelos participantes que as suas expressões na prática não eram compatíveis com este regimento estipulado. Deste modo, de forma paralela, as condutas ajustadas puderam ser aprimoradas e desenvolvidas com maior abrangência entre o grupo.

Além disso, a prática sociomotriz de oposição, em comparação com a prática sociomotriz de cooperação, obtém uma gama maior de regras e restrições que os estudantes devem respeitar para que caminhem em seguimento com a lógica interna. Esse aspecto, acabou refletindo no processo de ensino, pois demandou um maior tempo para que os estudantes se apropriassem de forma concreta da prática e dos aspectos que a permeiam, resultado encontrado na manifestação de condutas desajustadas e perversas com maior frequência na prática sociomotriz de oposição no decorrer do processo, em relação a prática sociomotriz de cooperação. Porém, o processo de ensino, conseguiu que os estudantes enriquecessem seus entendimentos do jogo em ambos os casos, fato comprovado nas observações finais devido ao aparecimento somente de condutas motrizes ajustadas diante do desenvolvimento das duas práticas.

Deste modo, após a discussão a respeito do processo de ensino do arranca rabo, será evidenciado e analisado as condutas motrizes encontradas na prática sociomotriz de cooperação e oposição, assim como, o processo de ensino realizado com os estudantes diante do pique bandeira.

4.3 Condutas Motrizes identificadas nas práticas sociomotrizes de cooperação e oposição

A terceira prática sociomotriz vivenciada com os estudantes foi a de cooperação e oposição, onde a prática do pique bandeira foi a responsável por ser desenvolvida, com o intuito de examinar as condutas motrizes manifestadas no decorrer da sua experimentação.

Deste modo, a observação inicial foi desenvolvida na primeira aula do processo de ensino, momento em que a observação inicial aconteceu com as três práticas sociomotrizes, e na sequência estabelecida, a terceira prática sociomotriz vivenciada foi a de cooperação e oposição. Sendo assim, com o intuito em trazer novamente a maneira estabelecida na qual seria praticado o pique bandeira, expliquei sua lógica interna mais uma vez, abordando as regras e as relações que o jogo requeria, além de lembrá-los que não interveria no desenvolvimento da prática neste primeiro momento.

Com isso, dois times foram separados em número semelhante de alunos para a realização do jogo, mas antes do início do mesmo, foi dado alguns minutos para que as equipes se reunissem e definissem as estratégias que seriam utilizadas, além da função e do posicionamento que cada estudante seguiria na prática. Pelo fato de a dinâmica exigir que os participantes colaborem e se oponham, os mesmos devem estabelecer funções para manifestarem condutas decorrentes com a lógica interna, para poderem atingir os objetivos impostos, ou seja, proteger sua bandeira e captura a do adversário.

Assim, a primeira avaliação ocorreu, sendo possível perceber as seguintes condutas motrizes, colocadas no Quadro 11.

QUADRO 11: AVALIAÇÃO INICIAL DAS CONDUTAS MOTRIZES DOS ALUNOS NA PRÁTICA MOTRIZ DE COOPERAÇÃO E OPOSIÇÃO

Prática Sociomotriz de Oposição = PIQUE BANDEIRA			
Condutas Motrizes Ajustadas	Condutas Motrizes Desajustadas	Condutas Motrizes Perversas	Condutas Motrizes de Pacto
Solucionou intervenções de ataque em busca da sua bandeira ao chegar na área em que ela estava.	Combinou com o adversário em deixar ele passar e o adversário também.	Buscou a tentativa de congelar o adversário na área da bandeira onde não podem ser pegos.	Aceitou o seu papel ante a discussão de posições no momento de formular estratégias.

Agiu de forma efetiva ao congelar adversários que estavam em seu campo de jogo.	Ao chegar na área da bandeira quis levar a bandeira sem cogitar que outro colega que também conseguiu atingir a área pudesse levá-la de volta.	Continuou sua investida de ataque após um toque adversário.	Não cumpriu o papel que foi estipulado em grupo, realizando outra função daquela planejada em conjunto.
Aceitou ser congelado no momento do toque adversário no campo de jogo deles.	Competiu com jogador do mesmo time em investidas na bandeira, disputando para ver quem chegava em melhor forma na área da bandeira.	Passou o colete para um colega, arremessando-o, para ele conseguir levá-lo para seu campo de jogo.	Discutiu com a equipe para se posicionarem na prática tanto para protegerem a bandeira como para conseguirem capturar a outra.
	Agiu de maneira positiva somente com uma parcela da equipe.	Buscou entrar na área da bandeira por trás da última linha da quadra.	
		Segurou e empurrou o colega para congelar ao invés de encostar.	

Fonte: o autor

Em decorrência do quadro de condutas encontradas na observação inicial do pique bandeira, em um primeiro momento serão trazidas as condutas motrizes ajustadas, assim como, os itens estabelecidos de acordo com as condutas manifestadas, podendo ser acompanhados a seguir.

EFICAZ	Solucionou intervenções de ataque em busca da sua bandeira ao chegar na área em que ela estava.
	Agiu de forma efetiva ao congelar adversários que estavam em seu campo de jogo.
DISCIPLINADO	Aceitou ser congelado no momento do toque adversário no campo de jogo deles.

No conjunto eficaz, com o intuito de relembrarmos suas características, encontram-se condutas nas quais os participantes agem com eficiência perante a lógica interna das atividades e a interação com os demais protagonistas. Assim, os indivíduos atuaram de forma categórica em suas ações, ou seja, além de seguirem a lógica do jogo,

produziram condutas que se revelaram assertivas nas decisões tomadas no decorrer da prática (LAGARDERA; LAVEGA, 2004; LAVEGA, 2018).

Desta maneira, foi possível encontrar condutas na observação inicial compatíveis em serem agrupadas neste conjunto, em situações distintas da prática, pois uma delas compreende o ataque em relação a bandeira adversária e a outra faz relação com a defesa da própria bandeira. Ambas representadas condutas ajustadas com a lógica interna da prática, além de se estabelecerem de forma eficiente, culminando em consequências positivas para a equipe que representava e para a continuidade do jogo.

A primeira conduta observada na primeira experimentação do pique bandeira, foi de determinados participante que conseguiram chegar à área destinada à sua bandeira no campo adversário, sem que fossem tocados por nenhum membro da outra equipe. Essa atitude empreendida, foi possível graças a solução dos impasses que surgiam no decorrer de suas corridas em direção ao destino final, representado pelo posicionamento dos jogadores oponentes em seu campo de jogo, os quais conseguiram superá-los através de desvios corporais, o que resultou em suas entradas na faixa da quadra que a bandeira estava. Estes protagonistas precisam esquematizar o seu ataque diante de dois aspectos importantes, tanto a partir da distribuição dos adversários como também em relação aos espaços disponíveis para serem ocupados em suas investidas.

Essa conduta acabou sendo construída pelos indivíduos, pois eles precisaram de algumas tentativas para conseguirem chegar na área do colete, sendo salvos por outros colegas em momentos que foram congelados e retornando ao seu campo de jogo para novas empreitadas. Isso, acabou corroborando para o sucesso de suas invasões, na medida em que suas tentativas conseguiram formular estratégias condizentes com o objetivo que almejam alcançar.

A outra conduta percebida na observação inicial do pique bandeira, que diante de suas características pode ser enquadrada neste item, mostrou-se evidente em uma situação de proteção da sua bandeira, sendo expressa para conter um ataque de certo oponente. Assim, está conduta foi vista em alguns momentos do decorrer da prática, além de ter sido realizada por alguns participantes nesta experimentação, evidenciando a sintonia do grupo perante a demandas defensivas que enfrentavam.

Desta forma, os alunos se colocaram na parte da quadra referente ao seu campo de jogo a partir daquilo que a equipe havia decidido no tempo destinado para formularem as estratégias para a vivência, assim, os jogadores responsáveis por defender a bandeira se distribuíram com esse intuito defensivo. Diante de ataques dos adversários, esses indivíduos impediram, na maior parte das vezes, que seus oponentes chegassem na área que a bandeira estava através do toque que realizavam neles, por meio disso, os jogadores deveriam congelar, parando suas ações no local em que o toque aconteceu, podendo voltar a se movimentar somente por um toque de um colega de time.

Portanto, foi observado que esta conduta foi sendo estabelecida de maneira crucial para o sucesso de sua equipe, além de serem proferidas de forma efetiva pelos envolvidos na prática, empregadas de acordo com o regimento do jogo e em decorrência com as relações cooperativas e opositivas exigidas.

No conjunto disciplinado, retomando aquilo colocado anteriormente, as condutas selecionadas representam atitudes que atendem a lógica interna da prática, mesmo que a ação que as desencadeou não seja favorável ao indivíduo que as expressou (LAGARDERA; LAVEGA, 2004; LAVEGA, 2018).

Com isso, foi notado nessa vivência do arranca rabo que alguns dos participantes realizaram esta conduta, mostrando-se compatível em ser agrupada nesta categoria, devido os aspectos que contém. Assim, esta conduta acabou surgindo por meio de investidas em direção a área da bandeira por determinados jogadores, mas que no meio do caminho acabaram sendo impedidos de continuar sua trajetória, pelo fato de serem tocados por membros da outra equipe no campo de jogo deles.

De acordo com a lógica interna que rege a prática, esta situação impossibilita a continuação de movimentações pelo indivíduo que recebeu o toque, até que seja encostado novamente por um dos integrantes do seu time, devendo se manter parado no local em que foi tocado pelo adversário, até ser salvo. Sendo que foi justamente isso o executado pelos indivíduos que manifestaram essa conduta, aceitando aquilo estipulado pelas regras, pois ao serem interrompidos pelo toque inimigo, pararam suas ações e esperaram serem salvos por colegas de equipe, para poderem voltar a se movimentar de acordo com as funções estabelecidas.

Diante disso, podemos entender que está situação não se mostra favorável para o participante que foi neutralizado em relação as investidas que estava buscando, pois ele necessita parar de se mover e consequentemente mais distante de seus objetivos. Entretanto, este indivíduo, sabendo das regras colocadas e que deveriam ser seguidas para o desenvolvimento da prática, obedece a aquilo estipulado em virtude da execução coesa do jogo, mesmo envolto nesta condição negativa.

Em se tratando das condutas motrizes desajustadas encontradas na avaliação inicial do pique bandeira, foi possível copilá-las em dois itens, de acordo com as características que apresentaram, sendo mostrados a seguir.

INDIVIDUALISTA	Ao chegar na área da bandeira quis levar a bandeira sem cogitar que outro colega que também conseguiu atingir a área pudesse levá-la de volta.
ANTAGONISTA	Competiu com jogador do mesmo time em investidas na bandeira, disputando para ver quem chegava em melhor forma na área da bandeira.
	Combinou com o adversário em deixar ele passar e o adversário também.
	Agiu de maneira positiva somente com uma parcela da equipe.

No conjunto individualista, como já apontado, pode-se perceber que as condutas associadas obtêm um viés egocêntrico, onde os protagonistas fornecem respostas objetivadas em seu interesse próprio. Portanto, além da lógica interna da prática não ser respeitada, visualiza-se condutas onde questões individuais são colocadas em primeiro plano, à frente do grupo e dos demais indivíduos envolvidos jogo (LAGARDERA; LAVEGA, 2004; LAVEGA, 2018).

Desta forma, foi averiguado em uma oportunidade onde um dos protagonistas conseguiu chegar até a área destinada a bandeira no campo de jogo adversário, que este jogador agiu de forma não dialógica com outro colega de equipe que também se encontrava neste local. Assim, houve uma negação por parte deste indivíduo em pensar em uma estratégia conjunta com este outro aluno, para levar a bandeira de volta ao seu campo de jogo e com isso pontuar, de maneira concomitante, impediu que esse jogador levasse a bandeira, pois queria levar a todo custo.

Neste caso, pelo fato de ambos os participantes obterem mérito por ter chegado na área da bandeira e por isso os dois atingirem o direto de tentar trazer a bandeira para o seu campo de jogo, está conduta expressa por este estudante se desvincula das regras do jogo, mostrando-se inapropriada, pois este indivíduo acabou se colocando em primeiro plano. Por se tratar de uma prática que requer cooperação dos envolvidos e este caso ser exemplo disso, o jogador deveria se mostrar aberto para discutir a melhor maneira para conseguir pontuar, além de viabilizar a tentativa de um colega.

No item antagonista, de acordo com aquilo apresentado antes, as condutas expressadas foram agrupadas, pois as características apresentam caráter de prejuízo aos outros participantes. Assim, encontra-se persuasão de alguns participantes para agirem de maneira contrastante ao sentido da prática, onde a impossibilidade de situações condizentes gerada em alguns indivíduos proporciona desvantagem e segregação (LAGARDERA; LAVEGA, 2004; LAVEGA, 2018).

Dito isso, encontrou-se no desenvolvimento inicial desta prática três condutas que foram colocadas neste conjunto que apresentam semelhanças quanto a alguns elementos, mas se dissociam perante determinadas características. Essas condutas, acabam se mostrando distantes de maneira como as relações deveriam acontecer, seja com participantes da sua equipe ou com oponentes do jogo.

A primeira conduta apresentada foi manifestada por dois estudantes que se encontravam no mesmo time, estes combinavam competir entre si para ver quem conseguia chegar até a bandeira da melhor forma, ou seja, aquele que sofreu menos para atingir a área, realizando menos esforço ou chegando primeiro que o outro. Assim, a partir de investidas de ataque essa conduta era expressa por eles, mas o grupo acabava sendo prejudicado, pois não cumpriam a função deles de maneira apropriada, preocupando-se apenas com esta disputa. Isso distanciou os envolvidos do objetivo que obtinham, devido, na maioria dos casos, esses serem capturados pelos adversários, que após algumas dessas realizações, acabavam desistindo de prosseguir com essa competição. Além disso, a prática não requer oposição entre os membros da mesma equipe, mas sim uma colaboração, buscando a ação conjunta para desenvolvê-la.

Em outra situação, foi possível observar que dois estudantes de equipes opostas distanciaram-se da lógica interna do pique bandeira ao combinarem que deixariam o

outro passar para o seu campo de jogo. Esse combinado não corresponde a uma situação possibilitada pelas regras, pois os estudantes que se encontram em equipes diferentes devem se opor nas ações da prática.

Dessa maneira, a atitude incorporada pelos envolvidos obteve o intuito em facilitar as demandas que o pique bandeira exige, mas desassocia um dos regimentos dele. Isso acaba refletindo negativamente para a sua equipe, dificultando a tarefa dos jogadores responsáveis em proteger a bandeira nas ações defensivas, já que estes deveriam congelar aquele aluno, assim como deveria ter feito o indivíduo que possibilitou sua passagem.

Por fim, foi encontrado essa conduta sendo desenvolvida perante determinados jogadores de uma equipe, em que buscaram se relacionar de maneira cooperativa com apenas uma parcela do time que faziam parte. Pode-se perceber que o jogo, defende uma colaboração através dos membros da equipe, sendo que isso deve ser estabelecido de forma abrangente, entre todos os estudantes que fazem parte deste grupo.

Porém, isso não acabou sendo observado entre esses alunos, que segregaram a equipe durante uma parte da vivência da prática, agindo de forma positiva diante desta contribuição somente com uma parte dos integrantes. Assim, foi visto que esses alunos que estavam responsáveis por defender a bandeira que se encontrava em sua área, buscavam dialogar apenas com aqueles que estavam na mesma região da quadra que eles, não avisando sobre infiltrações de oponentes ou encorajando os membros da equipe que se encontravam um pouco mais distante. Essa questão mostrou-se presente durante uma parte do processo de desenvolvimento do jogo neste primeiro momento, mas com o decorrer do mesmo deixou de ser realizado, já que o grupo passou a participar expressando condutas atreladas a lógica interna do pique bandeira.

De acordo com a avaliação inicial, foram encontradas algumas condutas motrizes perversas que foram agrupadas em dois itens, dispostos da seguinte maneira.

DESCUMPRIU AS REGRAS	Buscou a tentativa de congelar o adversário na área da bandeira onde não podem ser pegos.
	Continuou sua investida de ataque após um toque adversário.
	Passou o colete para um colega, arremessando-o, para ele conseguir levá-lo para seu campo de jogo.

	Buscou entrar na área da bandeira por trás da última linha da quadra.
INDISCIPLINADO	Segurou e empurrou o colega para congelar ao invés de encostar.

No item descumpriu as regras foram reunidas as condutas que descumpriam as regras estipuladas para o desenvolvimento da prática, sendo desrespeitado de forma direta pelos participantes. Portanto, nota-se que as ações expressadas não são permitidas de serem incorporadas, indo na contramão daquilo balizado pelas regras do jogo (LAGARDERA; LAVEGA, 2004; LAVEGA, 2018).

Deste modo, as condutas agrupadas neste conjunto, foram produzidas em sua maioria em momentos ofensivos da prática, sendo apenas uma encontrada em uma situação defensiva, em que os descumprimentos da lógica interna se deram em situações que os jogadores buscavam pegar a bandeira em sua área, com o intuito de trazê-la novamente para o seu campo de jogo, e assim, conquistar a vitória na partida para a equipe que fazem parte, além de ser percebida a sua realização em um momento de proteção da bandeira.

Assim, a primeira conduta manifestada por um dos participantes durante a realização do pique bandeira na observação inicial, foi durante determinada investida de ataque, justamente em direção a área da bandeira, momento no qual este protagonista, ao passar para o campo de jogo adversário, ficou sujeito a ser pego através do toque de algum dos oponentes, devendo permanecer parado até ser salvo. Esse toque acabou ocorrendo, mas este aluno não interrompeu suas ações e continuou sua trajetória pela quadra do outro time, desacatando um dos combinados estipulados.

Outra conduta percebida, aconteceu diante da tentativa de congelar um dos adversários, porém, esse toque acabou acontecendo no momento em que determinado jogador estava na área da bandeira, local em que os participantes que conseguem entrar não podem sem encostados pelos seus oponentes. Pelo fato do estudante que realizou o toque estar na defesa e preocupado em proteger a bandeira ele acabou proferindo isto sem perceber em qual lugar o outro aluno estava infringindo uma das regras.

Em outra situação, está em decorrência a uma investida ofensiva de um dos participantes, foi possível observar ele procurando a entrada na área da bandeira, em mais de uma oportunidade, por fora do campo de jogo destinado para a vivência da prática. No momento em que foi explicado a estrutura incorporada para a realização do jogo, foi passado para os estudantes que não poderiam sair das linhas que compõem o retângulo de jogo do futsal durante o desenvolvimento do pique bandeira, porém isso aconteceu, pois este indivíduo saiu pela linha de fundo e buscou entrar na área da bandeira por de trás do gol.

A última conduta correspondente a esta categoria, diz respeito a uma situação de ataque, na qual dois estudantes acabaram envolvidos na sua manifestação. Assim, ambos encontravam-se na área destinada a bandeira onde não poderiam ser pegos, eles criaram a estratégia de jogar o colete para o outro no momento de voltar para o seu campo de jogo, porém, como colocado ao grupo, o jogador deve voltar em posse do colete desde a saída da área da bandeira, não podendo ser decorrente de um arremesso deste colete depois de sua saída desta área por um dos companheiros de equipe, sendo isso que aconteceu, conduta que desrespeita a lógica da dinâmica.

No conjunto indisciplinado, são agregadas condutas onde os protagonistas atuam de modo em que afetam diretamente os demais participantes. Assim, neste campo de condutas, são percebidas atitudes negativas de um indivíduo com outro, por meio de ações distantes do modelo do jogo, onde o outro acaba sendo perturbado (LAGARDERA; LAVEGA, 2004; LAVEGA, 2018).

Diante disso, foi percebido esta conduta sendo realizada por dois protagonistas na observação inicial que são compatíveis em serem colocadas nesta categoria, pois fizeram com que outros envolvidos na vivência da prática, estes que eram oponentes por estarem na outra equipe, se encontrassem em situações negativas. Essa questão, deu-se com o intuito em congelar os adversários, para que isso acontecesse em relação a lógica do jogo, era necessário apenas um toque no outro jogador, mas o que foi acabou ocorrendo foi um empurrão em um oponente e em outro caso, o participante segurou o seu adversário para que ele não passasse.

Em relação às condutas motrizes de pacto encontradas na observação inicial do pique bandeira, foi possível notar a manifestação dos três tipos.

PROPÔS UM PACTO	Discutiu com a equipe para se posicionarem na prática tanto para protegerem a bandeira como para conseguirem capturar a outra.
ACEITOU O PACTO	Aceitou o seu papel ante a discussão de posições no momento de formular estratégias.
RECUSOU O PACTO	Não cumpriu o papel que foi estipulado em grupo, realizando outra função daquela planejada em conjunto.

No item propôs um pacto, foram expressas condutas onde os participantes propõem de maneira aberta e democrática intervenções no desenvolvimento da prática, sendo implementada de maneira prévia a execução da ação. Portanto, há uma iniciativa dos protagonistas em planejar respostas frente a uma situação que o jogo exige (LAGARDERA; LAVEGA, 2004; LAVEGA, 2018).

A prática sociomotriz de cooperação e oposição demandava daqueles envolvidos no pique bandeira a distribuição em quadra para que os dois objetivos do jogo fossem atingidos, ou seja, proteger a bandeira em seu campo e capturar a bandeira no campo adversário. Para isso, a equipe deveria se encontrar preparada quanto a sua disposição na quadra, além das funções que cada membro do time iria cumprir.

Assim, estes participantes que demonstraram está conduta, buscaram a criação coletiva de estratégias entre a equipe no período destinado a isso, discutindo com o grupo para se posicionarem diante dessas duas demandas, ouvindo os colegas de time e opinando a respeito de possibilidades, para que juntos encontrassem a melhor maneira de se distribuírem.

No grupo de condutas aceitou o pacto, foram agrupadas as condutas referentes a aceitação do pacto que um participante sugeriu, ou seja, são adotados os acordos e a resposta é manifestada. Sendo assim, os protagonistas completam o pacto indicado por outro indivíduo, onde a implementação de ações sugeridas acontece (LAGARDERA; LAVEGA, 2004; LAVEGA, 2018).

Assim, neste período antes do início da vivência do pique bandeira as equipes podem se reunir por determinado tempo para decidirem como o time se comportará em relação ao posicionamento, distribuição e função de cada participante do grupo, sendo possível notar esta conduta. Os protagonistas envolvidos em sua manifestação,

aceitaram aquilo que o time decidiu no período que antecede a prática, entendendo o seu papel e concordando em exercê-lo, situação que foi constatada na realização do jogo, no qual foram executadas ações defensivas para os que estavam encarregados de proteger a bandeira na faixa de campo estipulada.

No conjunto recusou o pacto, as condutas reunidas se mostram diante da não aceitação do pacto pelos participantes na prática. Assim, os protagonistas rejeitam novos acordos de outro indivíduo, distanciando-se da ideia levantada ou se mostrando contrário uma negociação (LAGARDERA; LAVEGA, 2004; LAVEGA, 2018).

Desta maneira, foi notado que durante o momento de estipulação das funções pela equipe, um dos participantes aceitou o papel que foi encarregado a ele, mas durante o transcorrer do jogo, este mesmo estudante foi visto realizando outra função, diferente daquela que disse que seguiria. Esse jogador mostrou-se de certa forma insatisfeito com a função que iria seguir no momento de distribuição dos papéis, pois iria ficar responsável por defender a bandeira, mas na verdade gostaria de realizar ações ofensivas em busca da bandeira no campo adversário, questão dita a outra colega de equipe, mas que não externalizada para o grupo. Com isso, durante a vivência, este aluno iniciou defendendo a bandeira em seu campo de jogo, mas pouco depois, estava realizando investidas de ataque em direção a outra bandeira.

Sendo assim, as condutas motrizes manifestadas pelos estudantes na observação inicial da prática sociomotriz de cooperação e oposição, representada pelo pique bandeira foram apresentadas. A partir disso, diante das condutas motrizes dos quatro tipos expressadas, foi possível iniciar o desenvolvimento do processo de ensino destinado a está prática, o qual se debruçou nessas condutas com o intuito de ampliar os conhecimentos acerca desta prática, como a sua lógica interna e as relações que o jogo estabelece por meio da cooperação e da oposição.

Na primeira aula deste processo, como nos outros casos, buscamos oportunizar um espaço de diálogo com os estudantes, em que conduzimos um debate a respeito das evidências que tinham para compartilhar com o grupo em relação à experimentação inicial da prática. Esse momento se mostra de suma importante pelo fato de os alunos poderem partilhar seus sentimentos diante da vivência, além de ser possível captar o

motivo do desencadeamento de determinadas condutas, atrelados a uma falta de entendimento da lógica interna ou por questões externas.

Desse modo, diante deste momento de trocas, foram sendo trazido novamente os elementos estipulados referentes à lógica interna para o desenvolvimento inicial desta prática, criando paralelos com as condutas manifestadas pelos participantes. Esse feito, obteve o intuito de possibilitar o entendimento quanto a necessidade de manifestação daquela conduta nas distintas situações do jogo. Assim, foram destacadas as presenças das condutas ajustadas e positivas de pacto, mostrando-se condizentes com a lógica interna que rege o pique bandeira, além de tentar conscientizá-los da aparição das condutas desajustadas e perversas, dissociáveis das regras do jogo.

Nesse momento, mostrou-se compatível desprender um maior tempo para que os envolvidos pudessem esclarecer a falta de entendimento diante de certos aspectos com a criação de estratégias para que as dúvidas deixassem de existir. De acordo com isso, foi sendo possível que os estudantes entendessem melhor o funcionamento do jogo, conhecendo de forma mais abrangente suas características e elementos, além das condutas condizentes para a sua disseminação.

Além disso, abordamos com a turma as formas de relação que a prática requeria de seus praticantes, pois diferente dos jogos desenvolvidos anteriormente, este em questão estipulava de forma simultânea a cooperação e a oposição. Desta forma, os jogadores deveriam colaborar com seus colegas de equipe e se opor aos seus adversários para proteger a bandeira em seu campo de jogo e capturar a bandeira no outro campo.

Diferente das outras práticas nas quais somente uma das relações era experimentada, nesta os envolvidos deveriam se organizar perante as demandas que encontravam para conseguir desenvolver essas duas maneiras de relação para o alcance dos objetivos. Isso se mostrou um desafio em certo ponto durante a observação inicial, pelo surgimento de condutas desajustadas e perversas, mas também conseguiram desenvolver relações contundentes diante do encontrado com as condutas ajustadas.

Após a realização desta construção coletiva desenvolvida, na qual e foi possível que os estudantes pudessem compreender melhor o pique bandeira com o intuito em

aprimorar esse conhecimento, foi sugerido a vivência mais uma vez da prática a partir das mesmas regras experimentadas antes. Nesta realização do jogo, percebeu-se um avanço nas relações estabelecidas e nas condutas manifestadas que conspiraram em direção a lógica interna governante, notando, ainda, condutas desajustadas que seriam abordadas no início da aula seguinte.

Na segunda aula do processo de ensino do pique bandeira, retomamos as condutas que foram encontradas na última realização da prática, conversando a respeito do encontro de condutas desconectadas que foram produzidas, sendo possível suprir outras dúvidas que cercavam os estudantes que as manifestaram. Igualmente, discutimos sobre o aparecimento majoritário das condutas ajustadas, consequência da maior apropriação que conquistaram.

De maneira semelhante as estratégias utilizadas nos processos de ensino das outras práticas sociomotrizas, indicamos para a turma que eles vivenciaram outras duas formas de se praticar o pique bandeira, um tipo caracterizado pelo pique bandeira ilha e outro pelo pique três bandeiras. As versões obtinham a mesma lógica de funcionamento, mas alguns elementos foram incorporados. Na primeira versão, duas ilhas foram incluídas em cada metade da quadra, através de um quadro feito de cones nas laterais, local no qual os participantes que conseguissem adentrar não poderiam ser congelados. Na segunda versão, as ilhas seriam mantidas, sendo colocado uma bandeira em cada ilha, assim, a equipe deveria trazer as três bandeiras para o seu campo para pontuar, podendo ser uma de cada vez.

Assim, as lógicas estipuladas em cada maneira de jogo foram ensinadas para os alunos e estes puderam questionar em caso de falta de compreensão de algum aspecto. Essas duas formas do pique bandeira foram experimentadas, sendo percebido um engajamento dos estudantes em seus desenvolvimentos, além do entendimento consolidado acerca dessas versões, pois conseguiram realizá-las em decorrência com suas lógicas internas, manifestando condutas motrizas ajustadas e de pacto no transcorrer de ambas.

Com essas duas vivências da prática sociomotriz de cooperação e oposição, chegamos ao final da segunda aula do processo, em que recapitula-los o conhecimento conquistado diante da prática, a partir das relações estabelecidas e das condutas

manifestadas, além dos elementos da lógica interna. Sendo assim, foi colocado que na próxima aula seria realizado a observação final, conforme Quadro 11, na qual os alunos praticariam o pique bandeira da mesma maneira experimentada na primeira ocasião.

QUADRO 12: OBSERVAÇÃO FINAL DAS CONDUTAS MOTRIZES DOS ALUNOS NA PRÁTICA MOTRIZ DE COOPERAÇÃO E OPOSIÇÃO

Prática Sociomotriz de Oposição = PIQUE BANDEIRA			
Condutas Motrizes Ajustadas	Condutas Motrizes Desajustadas	Condutas Motrizes Perversas	Condutas Motrizes de Pacto
Achou caminhos mais curtos, com menos adversários, em direção ao espaço da bandeira.			Incitou que todos colocassem suas ideias no momento de estratégia.
Colocou-se em um espaço previamente a ação de seu adversário em direção a este mesmo local para congelá-lo.			
Conseguiu passar para seu campo de jogo em manutenção do colete sem ser tocado, de forma consistente.			
Entendeu a sua função no jogo e agrupou-se com seus colegas para fechar espaços.			

Fonte: o autor

Diante da realização da observação final pela turma, decorrente da vivência prática sociomotriz de cooperação e oposição e após o processo de ensino em que a prática foi trabalhada de maneira mais abrangente em comparação com a observação inicial, foi possível perceber a manifestação de condutas ajustadas e de pacto, sendo apresentadas inicialmente as condutas ajustadas.

	Entendeu a sua função no jogo e agrupou-se com seus colegas para fechar espaços.
--	--

EFICAZ	
	Colocou-se em um espaço previamente a ação de seu adversário em direção a este mesmo local para congelá-lo.
	Conseguiu passar para seu campo de jogo em manutenção do colete sem ser tocado, de forma consistente.

No conjunto eficaz, encontra-se condutas onde os participantes agem com eficiência perante a lógica interna das atividades e a interação com os demais protagonistas. Assim, nota-se que os indivíduos atuaram de forma categórica em suas ações, ou seja, além de seguirem a lógica do jogo, produziram condutas que se revelaram assertivas nas decisões tomadas no decorrer da prática (LAGARDERA; LAVEGA, 2004; LAVEGA, 2018).

Sendo assim, foi possível encontrar na avaliação final, três condutas ajustadas que foram agrupadas nesta categoria, onde uma delas se mostrou efetiva em situações ofensivas e as outras duas foram eficazes em situações defensivas, refletindo no conhecimento atingido em ambos os momentos do jogo pelos estudantes.

Desta forma, notou-se que alguns participantes que se encontravam em seu espaço de jogo, estavam exercendo a proteção da bandeira, assim, de forma conjunta procuraram se agrupar na região em que estavam ficando, em determinados momentos que oponentes exerciam investidas de ataque, dificultando o acesso na área da bandeira por eles, pois fechavam espaços no caminho deles. Em outra situação de defesa, outro jogador realizou seu papel de forma efetiva, pois diante de um ataque adversário, antecipou os movimentos deste oponente, colocando-se em meio a sua rota para congelá-lo.

A outra conduta ajustada foi percebida em situações ofensivas, em investidas dos envolvidos com o intuito de atingir a área da bandeira e trazer ela em posse para o seu campo de jogo. Diante disso, foi possível notar que um dos protagonistas conseguiu este feito, pois ao chegar na área da bandeira, buscou mapear a disposição de seus oponentes, visualizando os espaços vazios para a criação de uma trajetória que seguiria. Assim, este participante ficou na área da bandeira durante um tempo esquematizando este caminho que seguiria, conseguindo alinhar suas ações com aquilo idealizado, pois

chegou em seu campo de jogo em posse da bandeira de maneira eficiente, obtendo assertividade nos movimentos consolidados.

Em relação às condutas motrizes de pacto, na realização da observação final foi possível encontrar uma nova conduta manifesta por um dos participantes que se encaixa neste item.

PROPÔS UM PACTO	Incitou que todos colocassem suas ideias no momento de estratégia.
-----------------	--

No item propôs um pacto, foram expressas condutas nas quais os participantes propõem de maneira aberta e democrática intervenções no desenvolvimento da prática, sendo implementada de maneira prévia a execução da ação. Portanto, há uma iniciativa dos protagonistas em planejar respostas frente a uma situação que o jogo exige (LAGARDERA; LAVEGA, 2004; LAVEGA, 2018).

Está conduta foi percebida durante o momento destinado para o grupo se reunir antes do início da prática, situação em que as estratégias são formuladas e o grupo decide a distribuição dos jogadores, pois os posicionamentos são incorporados, assim como as funções que são desenvolvidas. Assim, durante esta reunião, um dos indivíduos propôs que todos colocassem suas ideias, além de exporem suas preferências de ação no jogo, sendo decidido em consenso aquilo que seria estabelecido com o intuito em evitar prejuízos para o grupo durante a vivência.

Essa situação foi adotada em virtude do ocorrido na observação inicial, na qual um dos participantes colocou que seguiria aquilo decidido pelo grupo antes do jogo iniciar, mas no decorrer da prática passou a realizar o papel que gostaria de fazer desde o início. Esse incidente poderia ter sido evitado, caso este aluno tivesse conversado e chegado em um consenso com os demais, isso acabou sendo trabalhado durante o processo de ensino, e nele foi desenvolvido pelo grupo uma solução, aparecendo na observação final como uma conduta de pacto que um dos jogadores buscou sugerir.

Esse processo obteve um desfecho bem sucedido, pois esta conduta fez com que os estudantes colocassem suas ideias e preferências no momento de reunião, sendo incorporado papéis e funções que agradaram a todos.

Com isso, o processo de ensino destinado à prática sociomotriz de cooperação e oposição, representada pelo pique bandeira chegou ao final. Portanto, após a avaliação final, discutimos como este processo acabou corroborando para o entendimento das práticas com esse caráter de ambiguidade de relações, além da importância do conhecimento abrangente da lógica interna que rege os jogos, refletindo em condutas motrizes mais apropriadas para as situações encontradas no seu desenvolvimento.

A partir da apresentação das condutas motrizes encontradas nas observações e no processo de ensino dos três tipos de práticas sociomotrizes vivenciados com a turma, algumas relações e, por consequência, algumas conclusões podem ser estabelecidas. Percebe-se que nas observações iniciais foram manifestadas condutas das quatro formas possíveis, entretanto, apenas na prática de oposição não foi encontrada conduta de pacto.

Desta maneira, nota-se que diante do primeiro contato com a prática, pelo menos da maioria dos alunos, eles demonstraram diferentes condutas motrizes durante a realização. Essa manifestação acaba sendo decorrente de diversos fatores devido à singularidade das condutas motrizes e às particularidades encontradas em cada prática, tanto em relação a sua lógica interna quanto aos tipos de interações que demandam.

Assim, algumas sugestões são levantadas para o aparecimento das condutas motrizes trazidas, como o entendimento que apresentam da lógica interna da prática; o interesse no seu desenvolvimento e questões externas à prática. Essas três suposições acabam sendo colocadas a partir daquilo percebido durante a vivência das mesmas pelos estudantes e através das discussões que estabelecemos no decorrer do processo de ensino.

Consequentemente ao desenvolvimento do processo de ensino, a manifestação das condutas motrizes acabou acontecendo diante de uma nova configuração, pois nas três observações finais foram encontradas condutas motrizes ajustadas e de pacto, além de não serem manifestadas condutas motrizes desajustadas e perversas pelos envolvidos na realização das práticas sociomotrizes. Desta forma, compreende-se que o processo de ensino influenciou positivamente nas condutas motrizes dos estudantes, pois através dele, os estudantes conseguiram se apropriar de maneira mais concreta de cada prática sociomotriz, refletindo nas condutas apresentadas.

Além disso, mostra-se importante salientar que os resultados encontrados neste trabalho, quanto a influência positiva de um processo de ensino orientado por práticas sociomotrizas nas condutas motrizes dos sujeitos envolvidos, corroboram com o conceito da Educação Física ser considerada a pedagogia das condutas motrizes. Assim, diante de um ensinamento estruturado, em que se faz possível o trabalho abrangente dos aspectos que contemplam a prática, há uma potencialidade de manifestações de condutas ajustadas a partir da sua vivência.

Conforme Lavega (2004), a Educação Física deve adotar uma abordagem baseada na pedagogia das condutas motrizes com o intuito de aprimorar as condutas motrizes dos estudantes. Nesse contexto, o profissional de Educação Física desempenha o papel de um observador atento às condutas motrizes dos alunos, identificando e sistematizando essas condutas. Posteriormente, o professor pode implementar atividades motrizes projetadas para aprimorar as condutas identificadas. O foco da Educação Física ao adotar um plano pedagógico centrado nas condutas motrizes é o desenvolvimento individual, mais precisamente, o processo singular de evolução motriz de cada pessoa.

Com isso, mostra-se relevante o conhecimento acerca do sistema de classificação dos jogos e esportes (CAI), pois com ele conseguimos organizar e sistematizar nossos conteúdos. Neste trabalho, no estabelecimento do processo de ensino, nos debruçamos sobre o CAI para o desenvolvimento de práticas sociomotrizas, nas quais a interação está no centro dos seus elementos. Assim, com esta consciência introduzida na turma, fortalecendo a ideia de que é o tipo de interação que a prática carrega que incentiva as manifestações de diferentes condutas, daí ser importante conhecer as diferentes características das práticas sociomotrizas cooperativa, opositiva e cooperativa-opositiva.

Portanto, de acordo com Ribas (2002), ministrar instruções sobre jogos sem relacioná-los a outras experiências motrizes é um dos equívocos mais comuns nas aulas de Educação Física. Muitas horas são desperdiçadas ensinando conceitos como o passe, a recepção e os deslocamentos, sem proporcionar uma compreensão da estrutura global da prática corporal e das oportunidades de criar diferentes formas de participação com base nos elementos fundamentais da lógica interna do jogo.

Desta forma, desenvolver este conhecimento no momento de estruturação dos conteúdos e práticas nas aulas, possibilita uma organização que influencia na apropriação dos estudantes sobre os objetivos de conhecimento dinamizados. Assim, de acordo com o processo de ensino, conscientizar os alunos a respeito dos tipos de interações estabelecidos nas práticas e os elementos da lógica interna que apresentam, favorece a manifestação de condutas motrizes ajustadas ao regimento da prática, mas também, oferece um olhar a respeito das diversas práticas existentes e suas diferentes possibilidades de desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi identificar e analisar as influências de um processo de ensino orientado por práticas sociomotrizas, nas condutas motrizes de estudantes nas aulas de Educação Física dos anos iniciais do ensino fundamental.

No processo inicial de realização da pesquisa foram selecionadas três práticas sociomotrizas para serem vivenciadas e ensinadas aos estudantes de uma turma de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, a saber: nó humano, arranca rabo e pique bandeira.

Essas práticas foram vivenciadas por uma turma de 5º ano dos anos finais do ensino fundamental, sendo realizada uma observação inicial diante da primeira experimentação delas, na qual foram identificadas as condutas motrizes manifestadas por esses estudantes que, após análises, foram classificadas em condutas ajustadas; desajustadas; perversas e de pacto, em decorrência da lógica interna vigente em cada prática sociomotriz.

A partir das condutas motrizes manifestadas foi desenvolvido um processo de ensino com a turma, com o intuito de que os alunos conseguissem se apropriar dos elementos encontrados na lógica interna de cada prática, além de entenderem as relações estabelecidas em cada tipo de prática sociomotriz, visando uma melhora nas condutas motrizes apresentadas diante da realização dessas práticas. Assim, uma observação final foi feita, buscando notar a influência deste processo de ensino.

Nesta observação final a turma vivenciou as práticas sociomotrizas em mais de uma oportunidade, dentro da mesma estrutura que haviam vivenciado na observação inicial. Neste comparativo, foi possível notar a influência do processo de ensino na manifestação das condutas motrizes dos envolvidos, pois foram percebidas condutas motrizes ajustadas e de pacto, manifestações diferentes da observação inicial, momento em que identificamos quatro tipos de condutas, refletindo em uma construção de conhecimento significativo neste processo.

O estudo apresentou algumas limitações, pois poderia ter sido utilizada mais de uma técnica de coleta, além da observação sistemática, o que forneceria mais elementos para a realização de uma análise ainda mais abrangente. Assim, uma das estratégias possíveis em serem empregadas, seria a realização de entrevistas com alguns estudantes acerca das condutas manifestadas tanto na observação inicial quanto na final, identificando os motivos ou justificativas que eles apresentariam para realizar tais condutas motrizes.

Sendo assim, este estudo analisou as condutas motrizes no âmbito da Educação Física escolar, todavia, nos instiga a novos estudos, particularmente sobre práticas sociomotrizes de oposição, de cooperação e oposição concomitante, no tocante às condutas motrizes ajustadas, desajustadas, perversas e de pacto manifestadas pelos jogadores. Ao longo desse processo, foi possível encontrar mais estudos que investigaram práticas sociomotrizes cooperativas e as condutas motrizes apresentadas pelos envolvidos.

Este estudo mostrou-se relevante para a minha formação, pois evidenciou que diante de um processo de ensino estruturado, no qual os estudantes conseguem se apropriar e entender os elementos e características que regem determinada prática corporal, em relação principalmente aos aspectos da lógica interna e das interações que ela demanda, são adquiridos subsídios para o desenvolvimento de muitas outras práticas corporais de maneira significativa e com consequências positivas para os estudantes. Esse entendimento, coloca em destaque o modo como os conteúdos e as estratégias foram adotados e empreendidos no processo de ensino realizado nesse nosso estudo, de modo a oportunizar uma experiência de Educação Física cada vez mais enriquecedora possível para os alunos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, P. A.; FRANCHI, S.; LAVEGA, P. Praxiologia Motriz: Educação Física como educação das condutas motrizes. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**, Campinas, 2020.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto Editora, Porto, 1994.

BRACHT, V. **A Educação Física no Ensino Fundamental**. Anais do 1º Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais, Belo Horizonte, 2010.

FERREIRA, L. A.; RAMOS G. N. S. **Educação Física Escolar e Praxiologia Motriz: compreendendo as práticas corporais**. Editora CRV, v. 22, 2017.

LAGARDERA, F. O.; LAVEGA, P. B. **Introducción a la Praxiología Motriz**. Editoria Paidotribo, Barcelona, 2003.

LANES, B. M.; FILHO, C. V. M.; OLIVEIRA, R. V.; RIBAS, J. F. M. Praxiologia Motriz: novas preposições para o treinamento dos jogos esportivos coletivos. **Motriivivência**, Florianópolis, v. 30, 2018.

LAVEGA, P. Educar conductas motrices, reto necesario para uma Educación Física moderna. **Acción Motriz**, 2017.

LAVEGA, P.; PLANAS, A.; RUIZ, P. Juegos cooperativos e inclusión em Educación Física. **Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y el Deporte**, v. 14, 2014.

LUDKE, A.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Editora Pedagógica e Universitária, São Paulo, 1986.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes, Petrópolis, 2002.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, 1996.

OLIVEIRA, E. et al. Análise de conteúdo e pesquisa na área da educação. **Revista Diálogo Educacional**, v. 4, 2003.

OLIVEIRA, G. T.; RIBAS, J. F. M. Articulações da Praxiologia Motriz com a Concepção Crítico-Emancipatória. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, 2010.

PARLEBAS, P. **Juegos, Deportes y Sociedades: Léxico de Praxiología Motriz**. Editorial Paidotribo, Barcelona, 2001.

PEREIRA, L. A. **Os jogos sociomotrizes de cooperação e a construção de valores acerca da indisciplina discente**. São Carlos, 2020.

RIBAS, J. F. M. **Contribuições da Praxiologia Motriz para a Educação Física Escolar – Ensino Fundamental**. Campinas, 2002.

RIBAS, J. F. M. et al. Aproximações da Praxiologia Motriz com o conceito de organização interna na Base Nacional Comum Curricular – Educação Física. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 22, 2019.

RIBAS, J. F. M. **Jogos e Esportes: fundamentos e reflexões da Praxiologia Motriz**. Editora da UFSM, Santa Maria, 2008.

RIBAS, J. F. M. Praxiologia Motriz: construção de um novo olhar dos jogos e esportes na escola. **Motriz**, Rio Claro, v. 11, 2005.

RIBAS, J. F. M. Praxiologia Motriz: instrumentalizando a prática pedagógica para o ensino dos esportes coletivos. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, 2010.

SANTOS, O. N. **Expressões das emoções em jogos de cooperação segundo a perspectiva de gênero em contexto universitário: considerações qualitativas**. 2013. Dissertação (Mestre em Educação Física) - Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. Cortez, São Paulo, 2008.